

ANTÔNIO LIMA

SOLARES

O DESTINO DE STEN



SOLARES:

O Destino de Sten

Antonio Lima

PRÓLOGO

O bárbaro ouviu o silêncio com ambas as mãos firmes no cabo do machado de guerra. O cricrilar rompeu o silêncio; os ruídos vinham de algum ponto na fenda abaixo deles. Esperaram. Na quietude, moveram-se: o homem com passos longos, e o garoto, segurando o ombro rasgado, com movimentos rápidos. Outro cricrilar ecoou de um túnel acima. O garoto soluçou baixo, seus olhos umedeceram. Recebeu um cutucão com o machado como repreensão. O jovem era escandinavo; sangue viking corria em suas veias; a guerra deveria ser seu instinto. Antes de entrarem no subterrâneo, o jovem matou vários insetos com a perícia de um guerreiro nórdico. Possuía o dom para o combate, mas faltava-lhe a fúria dos guerreiros, a vontade de lutar em meio à desordem. O bárbaro sentiu que não deveria tê-lo trazido. A escuridão do subterrâneo e o ferimento haviam apagado qualquer vestígio de coragem que ele demonstrara na superfície. „Um covarde briguento", pensou o bárbaro. Outro silêncio. Seguiram pelos túneis que o homem julgava serem os mesmos por onde vieram, sem parar para descansar como nos dias anteriores.

Entraram no túnel para matar a rainha e, graças ao ataque furtivo, agora tinham sua cabeça de antenas compridas enrolada em um pano dentro da mochila do garoto. Lutaram no centro da colmeia, no trono onde o bárbaro decapitou a rainha, e um inseto feriu o ombro do garoto antes de recuarem.

Ruídos propagavam-se pelos corredores cavernosos, movidos pela desordem feroz dos insetos soldados que vagueavam à sua procura. O homem, tateando a parede, encontrou a escada natural que havia feito. Subiram em direção aos ruídos. Segundo a memória do homem, os corredores íngremes davam na saída de onde o som era propagado em chiados constantes, semelhantes ao choro baixo do garoto. Aproximaram-se passo a passo até chegarem a um dos corredores que levava à entrada. Subiram um andar a mais para se distanciarem do ruído. O bárbaro olhou cautelosamente para a saída que ficava no andar de baixo: insetos, vários deles, insectoides de pele esbranquiçada quase transparente

na escuridão, corpos esguios com quatro patas, dois braços na parte superior do torso em forma de foice e uma cabeça triangular. O garoto os nomeara Louva-Deus, achara engraçado na época, agora esforçava-se para tornar o choro silencioso. Além dos Louva-Deus esbranquiçados que tinham pouco mais de um metro de altura, também havia os escuros, que mediam mais de um metro e meio, insetos guerreiros. „Deve ter uns vinte", pensou o bárbaro, sendo bastante otimista. Vendo o enxame transitar pela fenda, chegou à conclusão de que só podia esperar. Bloqueou a entrada do túnel em que estavam, limpou o ferimento do garoto e amarrou um trapo rasgado da sua camisa sobre o corte, que, apesar de sangrar, não era profundo. Esperou. Seu único indício da passagem do tempo era a cor da luz que timidamente surgia da fenda, mudando de amarelo para vermelho até desaparecer.

Na madrugada, retirou os pertences da mochila do garoto que dormia sentado, abraçado ao machado com uma das mãos. Pelo visto, o cansaço era maior que o medo. A mochila continha uma cabeça real, galhos secos para a fogueira e mantimentos para apenas mais uma refeição. Após verificar o conteúdo, encostou-se na parede gelada e esperou o amanhecer. Pela manhã, sacudiu o garoto que tremia com o frio. O ferimento parecia bem. Analisou: parara de sangrar e ficara com um aspecto seco, sem manchas. Era o máximo que suas habilidades de guerreiro podiam avaliar. Assim que terminaram de comer o que sobrara, o homem pôs o garoto para vigiar a entrada, com o intuito de que o acordasse assim que a luz da fenda ficasse vermelha. Dormiu como uma pedra no chão frio, ouvindo o incessante cricrilar dos insetos.

Dessa vez, fora o garoto quem sacudiu o homem. Ao levantar-se, sentiu a pele irritada pelo chão áspero. "As sombras do subterrâneo são mais escuras do que as noites do inverno", dizia o ditado. Era o terceiro dia no subterrâneo, e o esforço de bloquear os túneis pelos quais passaram começava a enfraquecê-lo. Sentia a costumeira fome proporcionada pelo sono. Deu um gole no cantil para encher a barriga com alguma coisa e voltou à vigia. Parte do enxame partira, mas não os robustos insetos negros. O bárbaro poderia correr entre eles até a saída. Suas patas raspariam nele como uma vegetação densa, ou simplesmente abriria caminho com o machado, cortando-os. Sozinho, com sorte, conseguiria. Em nenhum dos casos, o garoto sobreviveria. Não deveria tê-lo trazido. Não deveria ter entrado no subterrâneo no inverno. Não deveria esperar. A cada dia ficariam mais famintos e mais vulneráveis, mas foi o que fez.

No quarto dia, sua pele formigava. Os estômagos grunhiam de tempos em tempos para lembrá-los da fome. Os insetos ainda estavam lá, na mesma proporção. O garoto se encolhia sobre si próprio para reter o calor. O bárbaro não sentia frio, mas chegou a cogitar fazer uma fogueira... Fogo era disso que precisava. Não do fogo reconfortante de uma fogueira, mas do calor destrutivo. Olhou mais uma vez para a saída. "Deve ter uns vinte", pensou, sem se dar conta de que tinha menos do que na noite anterior. Talvez o fogo os afugentasse. Mesmo que não fosse verdade, preferia morrer em combate a definhir naquele buraco. Alertou o garoto sobre seu plano. O garoto preferia definhir. O bárbaro não deu ouvidos. Acendeu uma fogueira com a pederneira. Os galhos eram estreitos demais para usar como tocha. Tirou a camisa e enrolou na lâmina do machado. Pediu para o garoto fazer o mesmo. Desobstruiu o túnel. Desceu-o segurando o machado encapuzado na outra mão. Parou no andar de baixo para acender os machados. Chamas tocaram as dobras do tecido, espalhando seu brilho sobre ele. "Não vai durar muito", pensou o bárbaro, sem otimismo. Seu senso de urgência o impulsionou para a saída. O garoto hesitou por um instante, até que o medo de ser deixado para trás superou o de ser ferido novamente.

Os insetos foram atraídos pela luminosidade e repelidos pelo calor. Ambos avançavam cautelosamente com os machados fumegantes. O enxame recuava a cada passo deles. No meio do percurso, foram cercados. O garoto se posicionara no seu flanco. Foices rasgavam a claridade que os separava das monstruosidades. Pela precipitação, os insetos agiam com um cricrilar frenético. O bárbaro respondia com insultos em seu tom áspero, fazendo-os retroceder. Precisavam progredir. Agarrou a alça da mochila do garoto; arrastou-o alguns passos. Do meio do enxame, um grasnado uníssono emergia do cricrilar confuso, ultrapassando os insultos, sobrepujando as chamas. Insetos negros romperam a barreira imaginária, movidos pela força grupal. O bárbaro soltou a alça para brandir o machado e repeli-los. Livre, o garoto foi tomado pelo instinto. Amedrontado, atacou uma criatura.

A lâmina raspava em um dos insetos, apagando-se antes de completar seu curso. Coberto pelo manto da escuridão, não vira o sangue marrom respingar, nem as garras se fecharem à sua volta, mas sentiu a pele sendo rasgada pela escuridão. Seu grito agonizante distraíra o bárbaro que, ao virar para enfrentar a escuridão, foi puxado para longe do lamento por ganchos que se prendiam à sua carne. A

luz não o deixara completamente; três pares de patas prendiam-se em seu torso. Duas delas largaram-no quando, ao girar com o machado, partiu seus corpos ao meio. O outro par desapareceu no segundo golpe, vítima do mesmo destino. O grito do garoto ocultara o cricrilar à sua frente, mas o bárbaro vira o inseto quando adentraram na luz e as chamas incandescentes do machado lhe tiraram a vida. Mais um apareceu em seu campo de visão e o ataque subsequente o matou, porém as chamas desapareceram com ele. Apenas sombras o rodeavam. Sua costa foi arranhada. Revidou na sombra projetada pela luz da saída, cortando-a e deixando a luz passar por ela. Teve o momento perfeito para fugir. O garoto já não gritava, provavelmente estava morto e, se ficasse, possivelmente também morreria, mas o bárbaro tinha a fúria dos guerreiros, a vontade de lutar em meio à desordem. Berrou para a escuridão, correndo na direção onde o garoto, ou o que restava dele, deveria estar. Atacou a primeira sombra, partindo-a. Um cricrilar direcionou seu próximo ataque, que quebrou a vértebra da criatura. A lâmina perdera o fio. O grasnar uníssono começou e fora interrompido pelo machado. Ainda berrando, o bárbaro atacou o vazio uma vez, atacou novamente. Na terceira vez, parou para tentar ampliar a percepção. Lembrava-se do garoto. Tateou o chão até encontrá-lo, mas antes tateara um fluido: devia ser sangue. Sacudiu o garoto para acordá-lo como no dia anterior, porém não obteve resposta; devia ter morrido. Arrastou-o para a saída, para a luz, apenas para confirmar suas suspeitas. Não deveria tê-lo trazido.

CAPÍTULO 1

Sten observava a cidade do sopé da colina de arenito enquanto a luz solar rompia as brumas do céu acidentado. A cidade se destacava no deserto como um oásis, como vida em um mundo estéril. Brunvik, mesmo sendo uma cidade do extremo interior do noroeste, possuía uma muralha para protegê-la do inverno e da escuridão que chegavam às suas terras; no verão, era uma barreira para as criaturas do deserto e marcava os limites da cidade, mas suas pedras sedimentares não eram mais resistentes que entulho empilhado a quatro metros. O portão de madeira também era frágil, constatou Sten. Quando se aproximou, dois sentinelas o abriram, fazendo-o envergar. Ambos eram robustos como todo escandinavo deveria ser e, mesmo no calor do deserto, usavam elmos, além da cota de malha, túnica e manto. O povo do noroeste perdera o costume de usar pele, pela influência do deserto e, em parte, porque durante o verão aquela região era habitada apenas por insetos e répteis.

Sten parecia um viajante comum, tinha o porte escandinavo, que, na simplicidade do seu povo, era ter músculos fortes o suficiente para suportar uma parede de escudo. O machado de guerra com cabo de aço balançava próximo à sela e o complemento de sua barba exaltavam sua origem. O que causara estranheza aos olhos dos sentinelas fora sua cabeleira negra emaranhada e a pálida cicatriz em sua testa e suas vestes: não usava elmo, turbante, túnica ou manto, apenas uma camisa sem mangas de cor creme, uma calça marrom de linho e botas negras. Montava um cavalo negro que, assim como seus anteriores, se chamava Valus.

Recebeu Valus ainda potro como recompensa de um chefe celta em uma vila do leste que tivera problemas com corvos gigantes. Após exterminá-los, um ancião da vila o advertiu: „Os corvos são os olhos da Deusa, essas mortes lhe trarão consequências". Sten aceitou o potro do chefe e agradeceu o aviso do ancião e disse: „Mesmo assim, isso deveria ser feito". Levou-o para Torre Negra, lar dos Cavaleiros Solares por conta da sua preferência por seus cavalos. Heitor, o único

Espectro ainda na ordem, dissera que cuidaria dele em troca de um favor. Anos mais tarde, quando o Valus anterior morrera em uma de suas caçadas, Sten voltara à Torre Negra. O pequeno potro se tornara um imenso corcel negro, sua pelagem era espessa. Até encontrar Heitor, que chamou um dos cavaleiros para tosar o animal, pois iriam ao deserto matar um suposto Dragão. Sten percorreu todo o caminho montado em Valus, pensando no destino que escolhera.

Os guardas já não demonstravam sinais de desconfiança quando Sten atravessou o portão entreaberto e logo em seguida ouviu-o fechar novamente atrás de si. A madeira rangeu como um canídeo ferido com o esforço. Brunvik era uma cidade pequena, suas construções eram feitas de terra crua, com telhados de argila. Poucas construções, como o estábulo, tinham reforço de madeira. Sten deixou Valus em uma das vagas no estábulo, retirou o machado do suporte da sela e lançou uma moeda para o cavaleiro. Valus era o único cavalo nas baias do estábulo, as outras estavam ocupadas por Draconetes. Sten não parou para olhá-los, não lhe pareciam montarias exóticas. Fora do estábulo, tragou o ar quente e deu uma boa olhada na cidade. A rua principal era suficientemente larga para que duas carroças transitassem tranquilamente lado a lado, começava no portão e terminava na casa senhorial. Ferramentas para mineração estavam à mostra nas bancas, além das que os garimpeiros transportavam nos ombros. A casa mais movimentada era revestida de madeira, portas duplas lhe davam um ar convidativo, juntamente com uma palavra amistosa escrita na placa acima delas: "Taverna do Lagarto". Sten notara sua própria sede.

Entrou na taverna com o machado nas mãos, atraindo os olhares dos clientes, do taberneiro e de um guarda que portava uma Hefesto. Assim que o viu, teve um sobressalto e apoiou a arma arcana no ombro e mirou no bárbaro. Sempre fora assim: para os escandinavos era um celta, para os celtas um escandinavo, para ambos e os demais era um bárbaro. Se estivesse com os olhos pintados de vermelho, levaria um tiro. A Hefesto zuniria e a energia mágica em seu interior sairia na sua forma mais pura, em um flash de luz atingiria o peito do bárbaro. Um homem comum morreria com o disparo, mas Sten não era um homem comum, seria necessário mais de um disparo para derrubá-lo. O guarda puxaria o ferrolho na lateral da arma para recarregá-la. Nesse momento, Sten abria sua cabeça com o machado. Um arqueiro teria mais chance, poderia disparar três vezes mais rápido e duas vezes mais longe, mas era preciso uma vida para dominar o arco, já a arma arcana qualquer idiota poderia empunhá-la e o mundo

estava cheio deles. O bárbaro deixou transparecer no semblante seus pensamentos, a face de desprezo de quem olha para um imbecil. Aqueles pensamentos o deixaram sedento. Ignorou o guarda e voltou ao seu objetivo. Tudo naquele espaço que não eram pessoas era trabalhado em pedra ou em ferro. O chão, a parte de cima das mesas e do balcão eram de terra batida. Foi ao balcão com desdém, sem se importar com a mira em suas costas, deixou o machado pousar no balcão. Apoiou-se no mesmo, pediu uma cerveja, ressaltando a palavra "gelada" na frase ao taberneiro careca e desbarbado. Uma caneca de ferro com o conteúdo desejado foi posta à sua vista. O bárbaro bebeu na esperança de que o líquido amargo afugentasse seus pensamentos obscuros.

Lá pelo quinto copo, o mundo começou a tremer. O bárbaro descansou o copo no balcão, observou-o vibrar, pequenas ondas se formarem no topo. O tremor não era efeito do álcool. Um bando de pessoas entrou às pressas na taverna, espremendo-se no fundo do estabelecimento. O taberneiro deu a volta no balcão e começou a fechar as portas. Sten pegou o machado e passou para o lado de fora antes que ele completasse o ato. Era tarde, as portas estavam fechadas. Um som gutural ecoava no deserto acima das ordens berradas pelos guardas. Uma fileira de guardas estava na muralha, outros saíam da casa senhorial com lanças e escudos para se agruparem no portão. Assim que entraram em formação, o portão foi aberto, com o mesmo rangido costumeiro. Sten seguiu-os. Havia um batalhão de lanceiros em formação do lado de fora, posicionado à esquerda. Quando o grupo que seguia posicionou-se à direita, viu do que se tratava e pôde ouvi-lo com clareza. A sessenta metros à frente, uma criatura destacava-se na planície isolada. Era uma Draco, um ser reptiliano, com a proporção de um Dragão, sem asas. Seu corpo era coberto por escamas negras, possuía um par de chifres em forma de „U“, uma boca pontuda como um bico, mas repleta de dentes, produzindo um som que começava grave como um rugido até ficar agudo como um assobio, reverberante o bastante para ecoar na muralha e cobrir Brunvik de terror. A fera era quadrúpede, com patas de ave de rapina, quatro dedos com garras expansivas que ciscavam a terra, em posição para atacar. E foi o que fez.

Partiu em direção ao portão, em direção a Sten, levantando uma névoa de poeira a cada passo. Flechas foram soltas para cima, caindo depois como gotas de uma chuva tropical que escorriam nas escamas e se perdiam na areia do deserto. Em movimento, a fera inclinou a cabeça para expor os chifres. Os fuzileiros

dispararam assim que o alvo entrou no alcance; seus raios se chocaram contra o corpo do réptil, fazendo-o incandescer. Rugindo, passou entre as fileiras de lanceiros que, por sua vez, fecharam a formação e o feriram com suas armas, mas a dor não impediu seu avanço. Sten segurou o machado com ambas as mãos e o ergueu. A terra acompanhou seu gesto, formando magicamente uma parede à sua frente. O Draco destruiu a parede com os chifres, acertou-o no abdômen e o pressionou contra o portão. Lanças foram cravadas nas laterais do animal, despertando sua força interior. O portão rangeu em protesto, cedendo e emitindo um ruído agudo como seu último lamento, e se partiu. O bárbaro rolou desordenadamente pela rua principal e, mesmo em todo aquele caos, não soltou o machado. Usou-o como apoio na rolagem, e a inércia o pôs de pé novamente. Seus olhos se encontraram com os do Draco, pupilas retraídas em uma íris diluída. A criatura, com olhar fixo, expediu-lhe um rugido trovejante. O bárbaro recebeu-o como uma provocação e rosnou em retorno. Outra leva de ataques caiu sobre a fera, que coiceou a parede de escudos em resposta. Na distração, Sten pôde ouvir, em sua imaginação, seu mestre gritar no fundo de sua cabeça: Um cheiro amargo o impregnava. Algo áspero e viscoso escorria em suas costas. Dentes se abriam e fechavam, mastigando-o junto com a escuridão. O Draco agitava a cabeça, fazendo Sten chacoalhar entre os dentes pontudos. Na confusão, Sten atacou atrapalhadamente com o machado, que se soltou de suas mãos pegajosas ao se prender na gengiva do animal. Ao fechar a boca para mastigá-lo, a lâmina se cravou fundo, provocando um rugido de dor que lançou o bárbaro como um perdigoto.

Sten pousou bruscamente em um velho armazém, desmoronando o telhado e uma das paredes. A areia cobriu seu corpo encardido, e o entulho o soterrou parcialmente. Ficou deitado sobre os restos da parede, observando a luz crepuscular que emergia do teto destruído. Sua pele e ossos eram resistentes como aço, mas sua força estava exaurida.

A luz traspassou o telhado e se perdeu nos olhos foscos de Sten. Sua luminosidade esfarelava a argila das telhas, ao mesmo tempo que fendia o chão e causava fissuras na parede, que derretia com o calor excessivo, expondo uma estrela azulada em um horizonte opaco. Medo, um temor angustiante, cresceu nas entranhas de Sten com a sensação premonitória de uma morte inevitável. Um ser humanoide eclipsou a estrela, lançando sua sombra sobre ele. Sten se levantou cambaleante, com o vigor proveniente do medo repentino. O armazém

voltou a ter o brilho avermelhado do sol da tarde. Sten percebeu o que ocorrera: teve sua primeira visão, um sinal de que seu tempo estava chegando ao fim.

Acompanhado pela vertigem, retornou à rua principal. O Draco deixou a desordem e desapareceu. Draconetes vagavam pela rua, vindos do estábulo destruído.

— Valus? — disse Sten com voz trêmula.

Um relincho veio como resposta da última vaga do estábulo. Sten agradeceu a si próprio por tê-lo posto ali. Valus estava silenciosamente inquieto em sua baia, pronto para disparar assim que fosse aberto. Fora treinado pelos Cavaleiros Solares, era um cavalo de guerra, e aquele terreno lhe cheirava à batalha. Sten afagou seu focinho para acalmá-lo. Segurou suas rédeas e o guiou para a rua através dos cadáveres, que não agitaram sua montaria. Os guardas tentavam conter os lagartos que corriam livremente pela rua. Dada a desordem, seguiu para a casa senhorial. Sten precisava saber o máximo possível sobre a criatura antes de persegui-la pelo deserto.

CAPÍTULO 2

Sten seguiu o guarda pelos corredores da casa senhorial, ainda úmido de saliva. Ao chegar à porta no fim do corredor, o guarda fez sinal para que ele esperasse e entrou na sala. Em seguida, retornou para informá-lo de que ele já havia sido anunciado. A sala do administrador era luxuosa, e um sujeito gordo, com um sorriso levemente irônico, ocupava uma poltrona atrás da mesa, do outro lado da sala.

— Sten, dos Cavaleiros Solares, prazer em conhecê-lo. Sou Darg — disse o sujeito, pondo-se de pé. — Vocês finalmente chegaram!

Sten buscou olhar para o guarda que o anunciou, mas ele já havia saído da sala, deixando somente ele, o administrador e um outro guarda na sala. Então, ele se dirigiu ao administrador:

— Acho que cometeu um engano. Eu não sou um Cavaleiro.

— Bem... então, quem é você? — perguntou o administrador, sentando-se novamente.

— Sou um mercenário. Fui enviado pelos Cavaleiros para matar o dragão.

A criatura não era um dragão, mas esse era um erro lucrativo: um draco não vale a mesma recompensa que um dragão.

— Não era esse o acordo. O próprio Heitor disse que viria.

— O próprio Heitor me enviou e disse que metade do valor da recompensa deve ser entregue a mim.

Darg ficou em silêncio, mas era fácil perceber o que estava pensando: como se aproveitar da situação. O valor da recompensa é medido pela possibilidade de o mercenário sobreviver, e aquela era uma recompensa bem alta.

— Quantos homens trouxe consigo?

— Sou apenas eu.

O gordo soltou uma gargalhada áspera, acompanhada do sorriso do guarda.

— Você, sozinho contra um dragão? — disse Darg, ainda rindo.

— Posso matá-lo, mas preciso saber mais a respeito.

O gordo continuou rindo até se deparar com os olhos dourados do bárbaro, repletos de raiva.

— Bem... — disse o gordo, notando que o bárbaro estava se irritando, e voltou a falar com seriedade. — Bem, ele ataca a cada duas semanas. No começo atacava nossa cavalaria e ia embora; dessa vez ele destruiu o portão e os estábulos. Está ficando cada vez mais ousado.

— Duas semanas? Não posso esperar duas semanas aqui. Preciso que alguém me guie pelo deserto.

Houve um silêncio que queria significar que aquela questão já não era mais problema do administrador, mas, antes que ele dissesse isso ao bárbaro, a porta se abriu bruscamente. Um jovem bronzeado, com um tecido que envolvia sua cabeça e segurando um elmo nos braços, dirigiu-se ao administrador.

— Senhor, o dragão atacou novamente.

O gordo olhou com tédio; aquilo era uma notícia velha. Mas sua feição mudou para o costumeiro sorriso quando uma ideia lhe ocorreu.

— O filho de Rendrik, justo quem eu queria ver! — disse o gordo sorrindo. — Tenho uma missão especial para você.

— Que missão, senhor?

— Quero que guie esse senhor pelo deserto. Ele derrotará o dragão sozinho.

Os dois se entreolharam: um sujeito rústico, exalando um cheiro amargo; o outro, um jovem que não teria mais que dezesseis invernos, vestindo o uniforme dos guardas, porém nele parecia folgado.

— Só nós dois? — perguntou o jovem.

— Essa é sua chance de provar seu valor. E você... como é mesmo o seu nome?
— perguntou o administrador ao bárbaro.

— Sten.

— Isso, Sten. Você tem o seu guia.

— Não há outro? Alguém com mais experiência?

— Não se preocupe, ele é tão habilidoso quanto o pai.

Ambos ficaram em silêncio, e o sorriso do gordo tornava a situação ainda pior.

— Então você aceita a missão? — perguntou Darg ao jovem.

— Sim, senhor — respondeu.

— E você, Sten?

O bárbaro cerrou os punhos. O guarda posicionou sua Hefesto em um dos ombros. Era óbvio que Darg queria se livrar deles, e por isso Sten saiu da sala — se ficasse mais um segundo ali, arrancaria a cabeça do gordo. Não porque tinha medo do guarda, mas porque, se fizesse isso, seria difícil pegar a recompensa depois. O jovem seguiu Sten para fora da casa do administrador, acompanhando-o até sua montaria. Valus permanecia amarrado no lugar onde o deixara. Sten desceu os poucos degraus para chegar até ele.

— O senhor é um mercenário? — perguntou o jovem.

Sten se afastou sem responder, desamarrou as rédeas do cavalo, colocou o pé no estribo, pronto para montar, mas se deu conta de que não sabia aonde ir.

— Onde fica a hospedaria? — perguntou Sten, agora olhando para o rapaz.

— Vai me levar com o senhor?

Sten fitou o chão e pensou: o Draco atacava a vila a cada duas semanas. Era provável que tivesse um ninho nessa distância; caso contrário, os ataques seriam mais frequentes. Precisava de um guia, de um rastreador, alguém que soubesse a diferença entre areia e arenito, a diferença entre corrosão e rastro. O rapaz era uma responsabilidade que não queria, mas era uma que precisava. Com a resposta que obteve do chão, voltou a olhar para o jovem.

— Vou te dizer como isso vai funcionar: você faz o que eu disser, quando eu disser, sem questionar e sem contrariar. Só fale quando for perguntado ou quando achar que é realmente importante, entendeu?

— Sim, senhor.

— Onde fica? — disse o bárbaro vagarosamente.

— Fica... naquela rua, senhor — apontou hesitante, sem saber se tinha sido enganado.

— Partimos amanhã ao amanhecer pelo portão oeste. Compre comida e água para duas semanas. Se não aparecer, parto sem você.

Antes de o rapaz pensar em responder, Sten montou em seu cavalo e partiu. A hospedaria era barata; seu preço representava sua falta de conforto e sua aparência decadente. Seu estábulo eram troncos cobertos por um alpendre. Sten jantou no saguão, que cheirava a madeira velha, e banhou-se em um cômodo próximo à recepção. Pagou caro por um balde meio cheio que se esvaziou antes de limpar seu orgulho. Enfim, chegou ao quarto exausto demais para fazer outra coisa que não fosse cair na cama dura de feno.

Pela manhã, comprou os mantimentos: ração militar e ração de equinos, um pouco de lenha para começar as fogueiras, odres para armazenar a água e outro machado. Comprara um tipo comum, com cabo de madeira. O dinheiro que investira em um de aço descera pela goela do Draco. O bárbaro desejou que ele cortasse as entranhas da fera — perdia machados com a mesma frequência que perdia cavalos. Parou por um instante nas ruínas do portão oeste para conferir se Valus aguentaria a carga. Os mantimentos estavam dentro dos alforjes traseiros, a lenha ficava acima dos sacos de ração no lombo do animal e os odres balançavam próximo ao machado, amarrados em pares, presos nos ganchos laterais da sela. Sten montou em Valus; o cavalo ajustou-se ao seu peso. Era um excelente animal, e Sten sabia que em três dias boa parte da carga seria descartada. Estava pronto, mas questionou se era sensato esperar o rapaz. Antes que chegasse a uma conclusão, ele apareceu, com turbante e uma expressão de alívio por ter chegado a tempo. Montava um Draconete tão sobrecarregado quanto Valus. Parou ao lado do bárbaro; sua montaria bípede manteve os braços relaxados na altura do peito, com o corpo ereto e a cabeça em movimentos involuntários para estabilizar a visão. Sten gesticulou com a cabeça para que ele tomasse a dianteira. O jovem bateu os calcanhares no torso do lagarto, dando início à jornada para o oeste.

CAPÍTULO 3

A Lua Negra saiu do véu de vapor para fazer companhia à estrela avermelhada e anunciar o começo da tarde. Apenas no verão era possível ver o astro obscuro com clareza; no inverno, o sol seria ocultado por uma neblina densa, e a lua só apareceria para eclipsá-lo. Abaixo dos astros, a dupla seguia os rastros do réptil, que eram evidentes demais para revelar se as habilidades do jovem eram eficientes. O rapaz não falava e enfrentava o calor com uma determinação admirável, a ponto de dar a impressão de que era o bárbaro que o atrasava. Sten só podia julgar sua companhia aceitável. Orientando-se pela posição da lua, Sten decidiu descansar naquele período para evitar o sol forte do meio-dia. Armou acampamento em um terreno plano e, usando seu poder elemental, arrastou a terra para cima com um movimento de puxar, criando um buraco diagonal no piso do deserto, grande o bastante para abrigá-los e aos animais. Esperava que o rapaz ficasse surpreso, mas os olhos do garoto arregalaram-se para depois voltarem à sua costumeira expressão de cansaço. Sten sentou-se no interior do buraco de terra, esperando por perguntas que nunca foram feitas; o jovem se recolheu no lado oposto, silenciosamente.

Na sua juventude, em suas primeiras viagens, fazia perguntas incessantes ao seu mestre: "O que são os espectros? Quais são seus poderes? Quem são? Quantos são? O senhor come terra?". Ele não respondia a nenhuma delas, com exceção da última, mas Sten não considerava cascudos como resposta. Então, passou a priorizar suas palavras, guardando as perguntas para si. Dizer apenas o necessário o transformou em um homem calado. O garoto despertara nele outras dúvidas, dessa vez a seu respeito, mas o homem calado não permitiria que sua curiosidade arruinasse a harmoniosa sintonia criada pela quietude. Rodeados pelo silêncio, comeram suas rações. O bárbaro aproveitou o momento para afiar o novo machado; o jovem fez o mesmo com o que trouxera.

— Posso ver sua arma, garoto? — disse Sten, sem perceber que quebrara o silêncio.

O rapaz não respondeu: levantou-se do seu canto e entregou a arma ao bárbaro. Sten a pegou pelas extremidades, uma mão aberta segurando a lâmina e a outra o cabo, pois seria desrespeitoso empunhá-la corretamente. Era um machado simples, como todo machado deveria ser, com lâmina de aço afiado e cabo de madeira levemente curvado.

– É um ótimo machado; espero que saiba usá-lo.

Entregou-o ao garoto, que o recebeu da mesma forma respeitosa, mesmo sendo o próprio dono. O garoto não encontrou na arma a grandeza que o homem vira, por não reconhecer a simplicidade útil de uma ferramenta. Retornou à sua tarefa; entretanto, agora afiava-o com o cuidado de quem manuseia uma obra-prima. Luzes adentraram pela fenda com a chegada do entardecer. Desarmaram o acampamento e voltaram à jornada.

A segunda metade da tarde foi semelhante à primeira, com a diferença de que o sol descia pela paisagem, perdendo a claridade. Finalmente, as sombras revelaram-se para subjugar a luz e completar seu ciclo. Sten tinha a vã esperança de encontrar abrigo na planície antes que as sombras os alcançassem, para evitar o desgaste físico do uso excessivo de suas habilidades. Fez um abrigo simples: ergueu três paredes retas para curvá-las umas sobre as outras, deixando uma abertura para a entrada. Tirou a lenha comprada no mercado do lombo do cavalo, cortou outros galhos secos que cresciam desafiando a aridez e jogou-os aos pés do jovem. Abrigou-se na penumbra da cabana, usando-a para disfarçar seu cansaço. O rapaz raspou o centro do tronco com a faca de caça, quebrou um galho e passou a friccioná-lo contra o tronco, fazendo uma fumaça branca surgir; continuou friccionando até surgirem as brasas incandescentes entre a fumaça, e soprou para criar fogo. Acendeu a fogueira próximo à entrada para que o interior da cabana absorvesse o calor e afugentasse qualquer criatura do deserto. Seu sucesso irritou Sten, que teria usado sua pederneira e procurava uma razão para odiá-lo. O bárbaro, já recuperado, criou uma espécie de cocho de terra onde despejou o que sobrava dos odres que carregava para as montarias, para Valus, pois somente ele mostrou interesse. Depois, soltou-o para capinar as gramíneas que haviam crescido esporadicamente na região. O garoto assou sua refeição; o homem, a dele. Após alimentarem os animais e se alimentarem, dormiram na cabana aquecidos pelo fogo.

A fogueira cintilou toda a madrugada até a escuridão ser lavada pela aurora. O jovem pisoteou suas brasas e, após terminar seus afazeres, recolheu os carvões e passou um embaixo dos olhos para diminuir o reflexo na retina. Montou em seu Draconete e, com olhos negros, analisou o chão sedimentado. O bárbaro o seguiu com olhos semicerrados, belo horizonte brilhoso; ventos sibilavam através deles com seu vapor quente. Sten perdera a sensibilidade às temperaturas extremas, mas as respirava; aquela brisa vinda do Oeste exalava quentura. Mesmo possuindo uma vista incansável, forçava-a para manter o foco, reduzindo seu campo de visão. O garoto parou: era treinado para detectar movimento e avistara algo se aproximando. Sten observou na mesma direção e avistou oito borrões negros disformes que a cada passo tomavam forma; seu instinto distinguiu-os primeiro que seus olhos: eram louva-a-deus. Seu mestre os odiava, e parte desse ódio impregnara o discípulo.

Desejou galopar contra eles, aproveitando a velocidade de Valus para traspassá-los, distanciar-se, dar meia-volta e atravessá-los novamente, usando a rapidez do animal para intensificar sua força. Esse plano não funcionaria: ambas as montarias estavam sobrecarregadas com o peso dos mantimentos.

– Garoto, leve os cavalos daqui; eu cuido dos louva-a-deus – disse Sten, tirando o machado do suporte e desmontando.

Entregou a rédea para o garoto, que se afastou com as montarias. Sten esperou os insetos se aproximarem para não perder sua arrancada. Os ventos fumegantes carregaram consigo o som costumeiro dos cricrilaes emitido pelas criaturas. O bárbaro deixou o ódio queimar dentro de si, alimentado por uma raiva incompreensível, gerada de um motivo que já não importava mais. Os insetos estavam ao seu alcance. Sten atacaria uma das bordas para franqueá-los, mas o bárbaro não permitiu: arrancou em direção ao centro, berrando com o machado apoiado no ombro, e soltou o golpe com todo o peso do movimento naquele que tomara a dianteira, abrindo-o em dois. Ergueu o machado ensanguentado. Um par de garras puxou-o para o lado, mas o bárbaro estava com os pés firmes no solo, como seu mestre havia ensinado. Abaixou o machado no louva-a-deus à sua frente, revidando o cutucão que havia levado e criando uma distância maior entre os seus olhos. Ao desprender o machado, outro inseto lhe atacou com as garras em forma de foice, que passaram sobre seu ombro na tentativa de cravá-las em suas costas. As garras raspavam a pele endurecida. O machado liberto

voltou a se prender na lateral do crânio desse inseto. Outro o atacou, e outro crânio foi despedaçado. Fora puxado novamente para o lado; como resposta, girou no próprio eixo, soltando um golpe lateral que abriu seu adversário ao meio. A parte superior do torso do inseto desmoronou na areia junto com sangue marrom; suas garras ciscavam o ar em movimentos involuntários. Um novo par de garras o puxou, dessa vez pelas suas pernas, derrubando o bárbaro.

O garoto amarrou as rédeas uma na outra e voltou correndo. Em sua arrancada, vira o bárbaro trucidar um por um os insetos; mesmo assim, continuou, pois sabia que os ankheg, ou louva-a-deus como o bárbaro chamava, o subjugariam. Suas suspeitas foram confirmadas quando um deles o pôs abaixo. O jovem acelerou no fim do percurso e acertou as costas de uma das criaturas que arranhava o homem. Seu golpe não foi tão devastador quanto o do bárbaro, mas seu machado estava afiado. "Realmente é um ótimo machado", pensou o garoto quando viu a parte superior do inseto despencar. Sua atenção retornou ao perceber que outro avançava sobre ele.

Livre das garras, o bárbaro pôde manejar o machado. Deitado, empurrava com os pés um louva-a-deus que rasgava a terra ao redor dele; entre os empurrões, encontrou uma oportunidade para atacar e cravou o machado no peito do insetoide. Braços outrora ameaçadores agora aravam a terra com movimentos suaves. Sten empurrou a criatura, que caiu com os braços se retorcendo. Levantou-se procurando o resto dos insetos; restava um, o que o garoto combatia. O jovem tinha esquivas precisas e seus golpes eram desajeitados. O que lhe faltava em técnica compensava com agilidade. Sten contornou a criatura para preparar um ataque em seu flanco, e a cabeça da criatura fora separada do corpo pelo machado de Sten. Mesmo observando o cadáver decapitado, o jovem permaneceu na posição de combate, com um rosto determinado. Então, seus olhos encontraram os olhos dourados e furiosos do bárbaro, que avançou em sua direção. Por um breve momento, o garoto achou que o bárbaro atacaria, mas ele parou e conteve sua fúria.

- O que eu disse quando aceitei levá-lo? – perguntou Sten.
- Que era para eu fazer apenas o que você dissesse – respondeu o garoto.
- E o que eu disse para você fazer?
- Cuidar dos cavalos.

- E por que você voltou?
- Achei que o senhor...
- Você não devia achar nada; você deveria fazer o que eu te disse para fazer!

O garoto ficou em silêncio, fitando o chão, e começou a balançar o machado ensanguentado como se fosse algum tipo de brinquedo. O bárbaro se virou para se acalmar e viu os cadáveres dos insetos que tinham se amontoado em volta dele; também percebeu que sua camisa estava em frangalhos. "Ele achou que eu estava em perigo", pensou Sten. Virou-se e disse:

- Qual o seu nome, garoto?
- É Rudrik, senhor.
- Muito bem, Rudrik; vá buscar os cavalos.

Rudrik retornou com as montarias, arrancou as patas do ankheg e soltou o lagarto para comer seus restos. Assim que o animal perdeu o apetite, Rudrik amarrou as patas e prendeu-as entre os mantimentos. Sten observou o garoto e seus abates. Era quase óbvio que o garoto recebera algum treinamento, mas não parecia ter muita experiência.

- Já tinha sido testado em combate, Rudrik? – disse o bárbaro, ainda se acostumando com o nome.
- É a primeira vez que luto desmontado, senhor.
- Não sou senhor de lugar nenhum; pode me chamar de Sten, Sten de Bracênia.
- Como quiser, Sten.

Sten já se preparava para se virar e seguir viagem, mas foi pego de surpresa por uma nova pergunta:

- Como é Bracênia? – perguntou o jovem.

Esse é o grande problema das perguntas: elas abrem espaço para outras serem feitas. Como o garoto respondera, agora era sua vez:

- Bracênia é uma vila como qualquer outra – respondeu o bárbaro desanimado.

A resposta não satisfez o garoto, que tentou imaginar uma terra fértil, repleta de vegetação, mas a imagem mental sempre retornava para a aridez de Brunvik. Verde para ele era uma cor inconcebível. Já Sten não precisava imaginar, precisava esquecer: não o vale verdejante que ornamentava Bracênia, mas a vida que deixou para trás.

CAPÍTULO 4

Bracênia era uma vila como qualquer outra. Era uma das inúmeras vilas fundadas no vale que circundava o grande Rio Estige. A proximidade do rio tornava aquela região fértil, mas as invasões impediam que o povo tirasse proveito, pois as plantações estavam limitadas a crescer dentro das muralhas de madeira. A vila era composta de construções circulares, também de madeira, com telhado de feno; em algumas delas, usava-se barro. O povo de Bracênia era celta, com vestes de peles de animais. A mãe de Sten vestia-se assim, e sua casa era feita de madeira.

Sten acordou ansioso no sétimo dia do mês, dia do solstício lunar, conhecido pelos bracênios, seu povo, como o Dia da Lua Sangrenta, por conta da coloração avermelhada que a lua atinge durante o anoitecer do solstício. Em todos os outros anos, dera pouca importância ao rito de passagem, mas aquele ano seria diferente, pois participaria dele. Enfim, chegara à maturidade.

Durante todos os dias daquele ano, fora treinado intensivamente por sua mãe para lutar bem aos olhos dos homens da tribo, principalmente aos olhos da Deusa, para que Ela lhe proporcionasse um destino glorioso. Sua mãe prometera que, no dia do solstício, o deixaria descansar, e cumpriu a promessa. Ainda mastigando o pão, Sten partiu para as plantações, correu entre os adultos da vila até se dar conta de que logo seria um deles. Então parou. "Adultos não correm", pensou. Seguiu o resto do caminho com passos ligeiros. Marvin, seu melhor amigo, estava sentado em uma pedra um pouco antes da plantação de trigo, segurando a própria cabeça como se a qualquer momento ela fosse cair e rolar para as plantações. Eles passariam pelo mesmo teste naquela tarde. Marvin dera azar; se tivesse nascido um mês depois, ficaria para o próximo ano. O garoto viu Sten se aproximando, tirou as mãos da cabeça e acenou para ele.

– Preocupado? – disse Sten.

– Não – mentiu Marvin. – Só estava pensando: o que farei se lutar contra você?

– Perderá, é óbvio – disse Sten bem-humorado.

Seu amigo riu, mas sabia que era verdade. Sten era filho de Celia, considerada por muitos a guerreira mais forte da tribo. Já ele era filho de um lavrador e, caso falhasse, continuaria sendo o filho de um lavrador, a menos que a Deusa tivesse outros planos para ele.

Sten não se importava com o destino. No seu interior, guardava um desejo infantil. Acreditava que, no solstício, seu pai, também chamado Sten, viria para observá-lo. Era um desejo tão ridículo que sentia vergonha de expor. Pouco sabia sobre seu pai. Celia contara-lhe que era um líder de um grupo que os ajudara a defender a cidade, enviado pelos escandinavos para garantir a colheita. Sua mãe afeioara-se pelo vigor do guerreiro, e assim Sten nasceu. "Os filhos herdam a mesma sina dos pais, e você, Sten, é filho de guerreiros", dizia ela sempre que o garoto demonstrava fraqueza ou indisciplina.

Sten sentou-se em outra pedra, convicto de que seu destino era permanecer em Bracênia. O clima era agradável, havia poucas invasões no verão, as muralhas resistiam bem no inverno. Mesmo sendo parte escandinavo, era bem tratado pelos outros habitantes e, claro, Marvin estaria por perto. O garoto magrelo não aparentava ter o porte para suportar uma parede de escudo; entretanto, já o vira resistir a um adversário com o dobro do seu peso nos momentos em que fugir não era mais uma opção. Os jovens da vila zombavam dele por ser filho de um lavrador. Seu pai mesmo não participava da defesa da vila no verão, pois sua função era garantir a colheita; entretanto, no inverno, largava a enxada e sacava a espada como qualquer homem de Bracênia. Como Sten não zombava de sua origem e nem possuía o status que um filho de guerreiro possuía, foi fácil para Marvin se aproximar dele. Por isso, quando os garotos da vila decidiram espancá-lo para lembrá-lo de que era apenas o filho de um camponês, Sten lutou ao seu lado. Não venceram; na verdade, foram espancados. E, desde então, Marvin o segue como escudeiro. Sten prometera a ele que, caso um dia tivesse seus próprios homens, Marvin seria um deles.

– Tá com medo do Caled? – acusou Marvin, empurrando para o amigo seus próprios receios.

– Morrendo de medo – respondeu Sten, escondendo-se na ironia.

No Rito da Lua Sangrenta, os jovens enfrentam uns aos outros em combate singular. Cabe ao ancião escolher, entre os jovens que se apresentam, quais participarão e contra quem. Fica a cargo do chefe arbitrar os duelos, encerrando-os quando julgar que as habilidades dos jovens foram reveladas. Os duelos são uma forma de demonstração de habilidade. A vitória não significa sucesso, porém é melhor mostrá-las vencendo. Caso o jovem tenha uma boa performance, um dos líderes o recrutará; caso contrário, terá que procurar uma profissão menor ou provar seu valor em batalha.

Caled era filho de um dos líderes; por conta disso, sua participação servia para introduzi-lo à sociedade. Além disso, ele era o líder do grupo que atacara Marvin. Apesar do desejo de vingar o amigo e a si próprio, de todos os garotos, Caled era o que menos queria enfrentar. Não queria enfrentá-lo por não saber se poderia vencê-lo.

– Você se preocupa demais; se for para acontecer, vai acontecer – disse Sten, mais para si próprio do que para Marvin.

Mais crianças chegaram aos campos de trigo, afastando os temores dos jovens, correndo por entre as plantações para pegar umas às outras sem um motivo aparente. Os jovens não brincaram naquela manhã; achavam que estavam velhos demais para esse tipo de coisa. Talvez, se soubessem que era sua última chance, teriam deixado a vergonha de lado. Sten não gostava de lembrar da sua terra natal por saber que a perdera, pois cada vez que se lembrava era como reviver um presságio, como ser ferido pela nostalgia. Queria poder lembrar apenas do nascer do sol que surgia em Bracênia todas as manhãs, dos trigos oscilando com a brisa que acompanhava o rio Estige, dos risos das crianças que corriam pela plantação, da pedra em que estavam sentados, de Marvin e sua capacidade de ser otimista mesmo apavorado, e da esperança que carregava consigo por não saber seu destino. Mesmo sem fazer nada em especial, aquela tarde passou rápido, tão rápido que Sten mal se lembrava do que fizera naquele dia, mas mantinha consigo a lembrança da expressão de preocupação de Marvin se intensificando à medida que a tarde passava. No fim, Sten teve que se despedir do amigo e voltar para casa para se preparar para o rito.

Sten fechou os olhos com força mesmo quando sua mãe disse que precisava. Estava parado no centro da cabana, nu da cintura para cima. Uma faixa de tinta vermelha tingia o seu rosto. Sua mãe mergulhava os dedos na mistura e passava delicadamente na linha dos seus olhos, cobrindo seu rosto como uma faixa.

– Pronto, terminei – disse Celia, agora passando os dedos em sua bochecha.

– Acha que ele virá? – perguntou Sten com ambos os olhos abertos e um vermelho.

Celia sabia a quem „ele” se referia.

– Seu dever é com a Deusa e com o clã. A Deusa o colocará em seu caminho se for do seu agrado.

Sten assentiu; sabia que era um desejo tolo. Se a Deusa desejasse, iria acontecer. Assim que sua mãe terminou de tingir sua face, enxugou as mãos e pôs uma em cada ombro do garoto. Mãos calejadas de guerreira, mas mesmo a aspereza não ocultava o seu toque materno.

– A Grande Mãe recompensa os guerreiros que mostram coragem. Seja forte hoje e ela atenderá o seu pedido – disse Celia, olhando nos olhos multicoloridos de Sten.

– Eu serei – respondeu Sten, determinado.

Celia soltou seus ombros. Enquanto sua mãe vestia sua própria armadura de couro – braçadeiras, colete e manto –, Sten esperava a tinta secar, sentado perto da fogueira, olhando para a mão tingida como se pudesse enxergar nela todo o seu destino.

Seis piras queimavam em cada ponto da arena do quartel, que em outros dias do ano era usada para treinar os jovens. Uma estrutura de madeira, rodeada por três arquibancadas de pedra construídas nas bordas viradas para oeste, na direção do sol. No solstício, a da direita era usada pelos líderes e pelos guerreiros; a da esquerda, para os parentes e participantes; a do centro era onde ficava o chefe, seus intendentess, emissários e o ancião. Nos outros dias, as três eram usadas por idosos para observar os recrutas serem espancados. O povo comum se amontoava entre as cercas restantes.

Seguiu sua mãe até as arquibancadas, passando pelos guardas que guardavam a passagem e pelos curandeiros e suas barracas. Outros garotos e seus parentes já

ocupavam alguns lugares na pedra lisa. Marvin estava sentado ao lado do seu pai. Quando viu Sten, lançou-lhe um sorriso triste, quase um pedido de socorro, com a face limpa. Aparentemente, ninguém o tingira para o rito. Sten respondeu com um sorriso confiante. Os espaços ao redor do seu amigo estavam livres e Sten foi até lá. Antes de sentar, analisou os guerreiros da outra arquibancada; em sua grande maioria, vestiam armadura de couro. Caled se encontrava sentado na fileira onde ficavam os líderes, o único despido da cintura para cima. Os outros, além do manto, trajavam cotas de malha moldadas com placas de metal que cobriam a parte superior do corpo: peitoral, ombro e braços. Ainda em pé, deu uma olhadela no centro. O ancião acariciava a própria barba branca, enquanto o chefe e os emissários bebiam a cerveja servida pelos intendentess. Passou os olhos pela multidão: pessoas simples vestidas com pele de animais. Nenhum escandinavo. Sten sentou-se e deixou seus olhos encontrarem a lua vermelha no céu. Sem saber diferenciá-la do sol, olhou para ambos; os dois olhos rubros devolveram o olhar.

– Povo de Bracênia, ouçam-me! – gritou o chefe Griffin em pé na arquibancada, atraindo os olhares de todos, inclusive de Sten. – Hoje, sob a Lua Sangrenta, realizaremos o rito de passagem. Neste ano, nenhuma rixa de sangue foi apresentada. O ancião Ruarán proclamará os participantes e seus rivais. Peço que todos permaneçam em silêncio e que aqueles anunciados dirijam-se ao centro da arena.

Ruarán parou de acariciar a barba, levantou-se e, com voz rouca, anunciou os participantes e, conseqüentemente, o seu adversário. Primeiro as garotas: uma a uma saíam dos seus assentos para se enfileirarem na arena de areia. Assim como a mãe de Sten, boa parte delas eram filhas de guerreiros. Diferentes dos demais, as integrantes da primeira fileira cobriam seus corpos com pele de animais, mas ainda ostentavam a marca em um dos olhos. De todas as garotas, apenas Evelin, a filha do chefe, não foi chamada.

Os filhos dos camponeses preencheram a segunda fileira. Sten acreditava que Marvin seria chamado e o garoto já se preparava para se levantar, pois, além dele, só restava Evelin e os filhos de guerreiros. Quando o ancião anunciou Aldaric, um dos amigos de Caled, com um sorriso, Sten teve certeza de que seu amigo seria o próximo. Mas, no seu lugar, fora posto Evelin; apenas os dois de toda a fileira estavam tingidos para a ocasião. O seu adversário não ficou feliz por tê-la como rival e nem por ter sido colocado junto dos camponeses, mas

sabia que era inútil discordar do ancião. Sua careta de afrontamento desapareceu quando Ruarán, com sua voz rouca, voltou a anunciar os participantes.

— Os últimos escolhidos pelo destino para agraciar nossa Deusa são: Marvin e Denzel, Kennett e Alann, Brigvin e Maddox, Sten e Caled — Ruarán recitou-os em duplas, sem esconder o sorriso irônico que mantinha na face enrugada.

Sten andou em direção ao seu lugar na fileira, perguntando-se se o ancião saberia da história de Marvin, pois o colocara para enfrentar um dos garotos que o haviam agredido. Ao chegar à fileira, notou outro fato: com exceção de Marvin, todos os jovens que foram chamados estavam com o corpo tingido.

O velho saiu de seu assento. Um dos intendentess estendeu-lhe a mão em auxílio, mas Ruarán a empurrou para o lado. Levantou-se e caminhou vigorosamente, como se o peso da idade não fizesse efeito sobre ele. Com um olhar severo, parou em frente aos jovens. Tão severos eram aqueles olhos azuis que dissimulavam seu cansaço.

— Os olhos da Grande Deusa pairam sobre vocês, Filhos de Bracênia! — disse o Velho, sustentando o olhar. — Hoje, nossa Deusa verá e traçará seus futuros. Aqueles que demonstrarem coragem serão recebidos em seu bando, serão protetores do nosso lar. Aqueles que falharem serão sempre traídos pelo destino. Somos servos do destino!!!

— O destino dos fracos é a morte!!! — gritaram os Filhos de Bracênia.

O Anciã fez um gesto para os intendentess. Dois rapazes arrastaram uma cabra pelos chifres para o centro da arena. Ruarán sacou um punhal, agarrou um dos chifres da cabra que berrava ensandecidamente e, superando seus berros, clamou à Deusa:

— Deusa da vida, Deusa da morte, Senhora do lar, das guerras e das fatalidades, aceite esse sacrifício, que essa vida traga glória à Bracênia e ruína aos nossos inimigos.

O velho passou a lâmina no pescoço da cabra, silenciando-a. Guardou a faca e retornou a mão à ferida, deixando que se banhasse na cachoeira de sangue. O líquido viscoso escorria entre seus dedos, diluindo-se na areia seca. Em segundos, o animal parou de se debater e a vida deixou de jorrar pela ferida. O Anciã soltou o chifre, os intendentess a carregaram pelas patas e a lançaram em uma das piras.

Ruarán voltou a olhar a fileira, dessa vez diretamente para Marvin. O garoto nunca tivera medo do Velho, via-o vagar pela vila todas as manhãs como uma criança que se perdera dos pais. Mas quando Ruarán partiu em sua direção com passos firmes, movidos por uma força sobrenatural, Marvin recuou com um rosto de terror. O garoto atrás de si barrou seu movimento, deixando-o apenas com a expressão de pânico para ser manchado pela mão ensanguentada do Velho. Marvin, assim como os garotos de sua fileira, fora marcado pelo destino.

CAPÍTULO 5

Sten carregou a preocupação nos ombros de volta ao seu assento, pensou que Marvin estaria abatido por saber que enfrentaria um de seus agressores. Seu escudeiro sentou-se ao seu lado com o rosto sereno, manchado de sangue. Sten pensou em dizer alguma coisa, porém as palavras lhe pareciam tão irrelevantes que preferiu ficar calado. Sem saber o que dizer, seguiu o exemplo do amigo, observando a arena atentamente.

As disputas, orquestradas pelas filhas de Bracênia, foram práticas, quase um treinamento. Eram admiráveis como uma dança, mas faltava algo: desordem. O Chefe Griffin encerrou as disputas assim que as espadas de madeira atingiam a pele das participantes. Os três primeiros confrontos da segunda fileira geraram monotonia, proporcionada por garotos assustados demais para combater. As espadas pareciam estar presas aos seus braços por grilhões de chumbo. Combatiam na distância limite do comprimento das armas, atacando de forma desajeitada. Griffin teve a paciência de esperar um vencedor, mesmo sabendo que todos eram perdedores. Como chefe, seu dever era agradar a todos.

A luta entre Aldaric e Evelin fora anunciada. Sten tinha grandes expectativas sobre a luta. Nas disputas anteriores fora indiferente; nessa, mesmo sem expressar, torcia para que Evelin fizesse uma boa performance, que fosse digna como sua mãe ao partilhar a glória dos guerreiros. Celia mantinha os punhos fechados e o rosto atento como se ela própria lutasse na arena.

Os participantes pegaram suas armas nos barris e voltaram ao centro para se encararem. Evelin era musculosa para uma garota, mas não se comparava a Aldaric, que exibia um porte de guerreiro. Griffin pediu para que se cumprimentassem. Os competidores encostaram as laterais das armas e se afastaram. Então, o chefe deu início à disputa.

Aldaric atacou diretamente a guarda de Evelin, esperando que sua força criasse

uma abertura. Seu golpe fora antecipado pela defesa da garota que, em vez de apará-lo, deixou que deslizasse pela madeira, redirecionando-o para o vazio. Pela abertura, Evelin atacou. Aldaric sentiu a barriga esquentar quando a espada foi pressionada contra sua pele e puxada em um corte perfeito; a espada rasgaria o abdômen do rapaz se fosse um duelo real, mas a espada de madeira apenas deixou uma marca avermelhada e um arranhão. Sua adversária retornou à posição inicial sem se importar com o resultado. Antes de retornar ao centro da arena, Aldaric observou Griffin, que parecia insatisfeito, e agradeceu à Deusa pela segunda chance.

Ergueu novamente a guarda. Dessa vez, agiu com cautela, rodeando a garota e atacando como uma serpente, estocando pelas aberturas usando a ponta da arma. Evelin revidou; seu golpe foi aparado, fazendo as armas se cruzarem. Aldaric aproveitou a proximidade das lâminas para pôr seu peso contra a garota e desequilibrá-la. Em uma disputa de força, Evelin não poderia vencer. Houve uma leve resistência. Por fim, a garota cedeu propositalmente. Aldaric apoiara todo o seu peso na espada. Quando Evelin desviou para o lado, levou com ela seu apoio. O garoto cambaleou para a frente, e a pele de suas costas saudou a espada de madeira pela segunda vez.

Aldaric girou, atacando na direção que suas costas apontavam. Prevendo o ataque, Evelin esquivou-se e contra-atacou o golpe descuidado com um acerto certo em sua face. Seu olho direito, o que possuía a marca, virara um alvo. A visão de Aldaric fora substituída por uma dor agonizante. Ele largou a espada e cobriu o rosto com a mão para tentar anestesiá-la. "Estou cego", pensou erroneamente. Porém, a parte direita do seu rosto estava inchada ao ponto de não conseguir abrir o olho.

— Basta! — bradou Griffin, em pé na arquibancada.

A garota abaixou a guarda, fez uma reverência ao chefe em deboche, curvando-se mais que o necessário, e caminhou de volta para o seu assento solitário. Os intendentess auxiliaram Aldaric a sair da arena para ser tratado por um dos curandeiros. Sten ficou enciumado quando viu, no semblante de sua mãe, uma expressão orgulhosa que deveria ser direcionada a ele em sua vitória.

Griffin e Evelin trocaram olhares. A garota manteve o olhar fixo para provar sua convicção. Griffin respondeu com um olhar paterno.

— Ela não terá muitos pretendentes depois de hoje — disse Celia, bem-humorada.

Griffin virou-se para Ruarán. O Ancião parou de alisar a própria barba para encará-lo. Griffin enfrentara inimigos ferozes em sua vida de guerreiro, mas os olhos azuis do ancião tinham uma convicção tão profunda que fez sua vontade de discutir perder-se naquele instante. Deu um gole em sua cerveja e, para livrar-se do constrangimento, anunciou os próximos oponentes:

— Marvin e Denzel, dirijam-se à arena.

Marvin levantou-se ao ser chamado. Sten novamente pensou em dizer algo e tinha que ser rápido.

— Marvin! — disse Sten subitamente ao garoto, que virou de forma inexpressiva, como se não o conhecesse. — Faça como te ensinei.

— Você se preocupa demais — respondeu o garoto, com a expressão brincalhona que costumava ter.

Na sua tentativa de confortar o garoto, foi ele quem acabou sendo confortado. Marvin fez o resto do percurso com calma, pois Sten tinha razão: o que fosse para acontecer, aconteceria.

Marvin sacou a espada do barril; Denzel fez o mesmo do outro lado da arena. No centro, voltaram a se confrontar apenas com o olhar. Griffin recitou o anúncio que precedia todas as disputas. Encostaram as armas em cumprimento, recuaram e permaneceram imóveis, mesmo depois de Griffin ter iniciado o confronto.

Denzel era visivelmente mais corpulento que seu adversário. Porém, haviam aprendido com a luta anterior a não confiar nessa vantagem. Marvin esperava uma reação; Sten sempre tomava a iniciativa em seus treinos. A tensão crescia entre os dois com a ausência de ação. Denzel atacou a lateral de Marvin. A madeira colidiu na defesa. Atacou novamente na outra direção. Mesmo resultado. Continuou golpeando, empurrando Marvin para trás a cada golpe. Percebendo que o filho do lavrador estava na defensiva, Denzel ergueu a espada sobre a cabeça para atacar. Marvin, agilmente, estocou com a ponta serrada o tórax do guerreiro. No entanto, o golpe desceu sobre ele, ferindo seu ombro. Marvin ajoelhou-se na areia. A dor badalou como um sino, despertando uma raiva reprimida.

Sten viu o amigo levantar-se, com a feição que surgia logo no início de uma briga; não a expressão de medo diante da possibilidade de se ferir, mas aquela que aparecia depois do primeiro soco ser dado. Denzel aguardou o garoto recompor-se. Marvin se levantou, mas não elevou a guarda. Atacou de baixo para cima, aproveitando a distração para diminuir o espaço entre ele e seu oponente. A ponta da espada raspou no abdômen de Denzel, que tentou revidar. Porém, estava próximo demais para golpeá-lo. Marvin, sem espaço para brandir a espada, desferiu uma coronhada com o cabo da arma no nariz de Denzel. O guerreiro cambaleou para trás, criando um espaço perfeito para ser atingido no topo do crânio. Marvin aplicou toda a força no golpe. O som do impacto pôde ser ouvido pela plateia. Denzel despencou como um espantalho que tivera suas amarras cortadas, levantando uma nuvem de poeira ao tocar o chão.

Marvin permaneceu com a guarda alta, esperando o guerreiro levantar-se. Griffin não precisou encerrar a disputa, nem conseguiria, pois o pai de Marvin soltou um grito de triunfo e todos da multidão que partilhavam sua origem juntaram-se a ele. Percebendo o que acontecera, o garoto largou a espada e ajoelhou-se estático, como se tivesse levado outro golpe, sentindo o fio do seu destino partir-se e ser reforçado por um cordão de aço.

Sten não observou os curandeiros irem até o guerreiro inconsciente e indicarem ao chefe que ele ainda respirava, nem o pai de Marvin amparar o filho ajoelhado no meio da areia. Apesar de contente pelo amigo, seus olhos travaram na multidão extasiada, na única figura que não comemorava: um sujeito ruivo com o cabelo trançado para trás e barba emaranhada, vestindo uma simples camiseta amarelada confeccionada com um tecido grosseiro. Aquele sujeito claramente era um escandinavo. Após observá-lo por alguns minutos, Sten percebeu que o sujeito estava interessado apenas na arena e pareceu aborrecido com a euforia que o pai de Marvin causava. Os intendentess tiveram que separá-los para a próxima luta começar.

Sten estava tão concentrado no escandinavo que só percebeu a presença de Marvin quando ele retornou ao seu assento. Seu pai desaparecera em algum lugar da multidão, querendo dizer a todos que seu filho era um verdadeiro guerreiro. No entanto, o garoto recolhido ao lado de Sten não parecia ter vencido.

- Foi uma ótima luta, tenho certeza de que você conseguiu passar. Não se preocupe, logo será um guerreiro. – disse Sten, tentando animar o amigo.
- Você acha que ele vai ficar bem? – perguntou Marvin, lamentando-se.
- Ele quem?
- Denzel – disse Marvin, olhando para a tenda em que o jovem fora levado pelos curandeiros.
- Vai ficar uma bela cicatriz, mas acho que ele vai sobreviver.
- Eu tentei abrir a cabeça dele naquela hora – confessou o garoto.
- Ele também tentou abrir a sua.

Marvin ficou calado. A sensação de vitória escapava por suas mãos como se não lhe pertencesse, dando espaço ao alívio, pois não precisava mais lutar, só aguardar que um dos líderes o abordasse depois do festival. Lembrou-se do amigo que ainda estava preso ao teste e perguntou:

- Como vai vencê-lo? – perguntou Marvin, olhando para Caled na outra arquibancada.
- Vou abrir a cabeça dele.

Marvin não riu, pois sabia que era verdade. Na arena, Kennett e Alann se enfrentavam brutalmente. A arquibancada dos guerreiros assistia à disputa em silêncio. A multidão barulhenta torcia para qualquer um que estivesse atacando. Nela, o escandinavo mantinha total atenção no combate, avaliando-o com ar impaciente. Parecia que a qualquer momento pularia a cerca e enfrentaria os dois. "Deve ser apenas outro mercenário", pensou Sten, irritado. Seus pensamentos obscureceram sua visão e, quando ela clareou, apenas Kennett estava de pé.

Brian e Maddox tomaram seus lugares. Tanto essa dupla como a anterior andavam unidas; agora, lutavam para se separarem. Se Marvin fosse posto contra ele, teriam o mesmo destino.

Sten não conseguia manter a concentração nas lutas. Apesar da brutalidade envolvida, seus olhos sempre regressavam para o escandinavo, para as suas reações. Ele parecia estar mais confortável com o confronto dos novos competidores, mas não contente a ponto de comemorar quando Maddox

desmaiou Brian; na verdade, pareceu decepcionado com os rapazes.

O céu escurecera com o fim da tarde, intensificando as chamas. Os olhos rubros da Deusa pairavam sobre a arena como dois faróis. Logo a noite chegaria, apagando todo o misticismo. Antes da sua chegada, Griffin deu continuidade à tradição, anunciando os últimos oponentes. Sten desceu a arquibancada sem olhar para trás, deixando a expectativa em seu lugar. Encontrou seu rival na areia da arena. Griffin clamou à Deusa por atenção. Depois, solicitou que os jovens pegassem suas armas. Sten retirou uma das espadas do barril com a mão direita tingida pela tinta da espada. No centro da arena, não encarou Caled, olhou diretamente para o escandinavo. O homem devolveu com seus olhos dourados o afrontamento ao garoto que o desafiava.

— Pronto para outra surra? – perguntou Caled, trazendo o jovem de volta à arena.

— Vai se foder. — respondeu Sten, usando o vocabulário que sua raiva permitiu.

Griffin prosseguiu com o pronunciamento, recitou as regras e pediu para que os participantes se cumprimentassem. Realizaram o pedido do chefe com relutância. Caled era tão corpulento quanto ele, talvez um pouco mais. Para Sten, isso não importava; poderia ser um ogro na sua frente que ele o enfrentaria, apenas pelo prazer de feri-lo. Toda a raiva que Sten armazenava foi liberada quando Griffin deu início à disputa.

Furiosamente, Sten atacou. Um golpe previsível, mas o peso exercido por ele surpreendeu Caled, que recuou na defensiva. Outro ataque na mesma direção fez a madeira ruir. O terceiro provou a durabilidade das armas. Caled se distanciou do jovem que o atacava, recuperando o fôlego e respirando devagar. Sten ofegava, concentrado em sua presa. Uma nova onda de raiva o incentivou a agir. Preparou a investida, mas Caled a antecipou. Sua espada acertou o peito de Sten, que, sem se importar com a dor, atingiu-o nas costelas. Caled envergou com a agressão, movendo-se para longe do seu adversário. Sten não lhe dera esse direito e investiu novamente. Dessa vez, ele desviou e, pela abertura na guarda do oponente, atacou a têmpora de Sten, que cego brandiu a espada contra o vazio. Caled, longe do alcance da sua espada, imaginou que essa era a forma de vencê-lo e resolveu esperar o próximo ataque.

Sten não sentia dor, só o incômodo por ter parte da visão obscurecida, e o

incômodo aumentava sua ira. Caled preparou a evasiva antes de qualquer ato agressivo do adversário. Sten correu até ele e, no término da corrida, realizou um golpe brutal e previsível. Caled esquivou-se novamente do seu ataque descomunal e contra-atacou. A lâmina foi defendida pelo braço esquerdo de Sten e, com a espada na mão direita, feriu outra vez as costelas de Caled, que, impulsionado pelo impacto, rolou pela areia com a dor pulsando em seu corpo. Temendo que o jovem o atacasse caído, levantou-se desesperado. Com o esforço de se pôr de pé, descobriu que estava ferido demais para esquivar do próximo ataque.

Sten ofegava, soltando o ar por entre os dentes como uma fera raivosa. Seu braço esquerdo esfolado sangrava, assim como seu rosto, manchado por duas tonalidades de vermelho: uma da tinta carmesim, a outra escorria da ferida em sua têmpora como vinho. Caled, sabendo que sua única opção era atacar, ficou em posição ofensiva. Sten viu o gesto como provocação e, seguindo seus instintos animais, partiu para cima de Caled para abrir a cabeça dele.

Marvin, na arquibancada, torcia pelo amigo que lutava feito um louco. Quando Caled se levantou debilmente, Marvin percebeu que o próximo ataque seria o último. Sten avançou sobre ele como uma fera. Caled acertou sua testa com toda a força que lhe restava, a espada de Sten atingiu seu crânio e ambos caíram na areia. Durante alguns segundos, não houve movimento, o que fez Marvin e boa parte da arquibancada acreditar que ambos tinham recebido ferimentos fatais. Então, um dos garotos começou a se mover e se arrastar por debaixo do outro. Rolou mais uma vez na areia e pôs-se de pé lentamente, enquanto o sangue escorria da sua cabeça. Era Caled. Ele olhou para Sten, desmaiado, com perplexidade, como se até um instante atrás ele fosse um urso. Marvin não acreditou no que havia acontecido. Sten falhara no teste.

CAPÍTULO 6

Sten acordou na tarde do dia seguinte. Todos os músculos do seu corpo protestavam ao receber o peso repentino da sua consciência. Ninguém precisou dizer-lhe que perdera a luta. O seu estado e o ferimento na sua testa comprovavam seu fracasso. Alimentando uma esperança nula, perguntou à sua mãe quando ela veio trocar as bandagens de tecido e se deparou com o garoto acordado.

— O que aconteceu?

— O que deveria acontecer – respondeu Celia, tentando esconder sua tristeza.

Celia sempre respondia dessa forma quando algo dava errado, tentando se convencer de que nada poderia ser diferente. Sten não perguntou novamente. Seu peito ardia, seu braço queimava, sua testa latejava e o resto do seu corpo reclamava ao fazer qualquer movimento. Mas o que mais lhe doía era ver a tristeza no sorriso falso de Celia. Sten passou a tarde monótona daquele dia frustrado, apreciando a palha do teto da cabana.

Marvin tentou vê-lo naquela noite. Sten, em vez da companhia do amigo, preferiu a do fogo que queimava no centro do cômodo com chamas tímidas e a da tristeza gelada, porque não precisaria explicar seu fracasso para ele. "Eu sou um imprestável", Sten pensou. Remoendo esses sentimentos, adormeceu.

Na manhã do outro dia, as dores musculares tinham diminuído, mas os hematomas e cortes estavam lá para lembrá-lo. A ausência da dor física deu espaço para a emocional afogá-lo. Lágrimas escorreram por sua face. Sentou-se na cama, encostando as costas na parede de madeira para tentar afastá-las. Sua mãe entrou na cabana de repente, forçando Sten a esconder suas feições. O tecido da porta oscilou novamente e, por entre suas dobras, surgiu o escandinavo. A expectativa voltou a fluir em seu interior, porém, antes que o garoto pudesse alimentá-la, Celia quebrou o silêncio.

- Sten, este é Heimdall. Ele é um espectro e pretende treiná-lo.
- O quê? – perguntou Sten, sem entender.

Celia olhou para o ruivo e depois para a porta. O ruivo retirou-se como um soldado seguindo ordens e sua mãe continuou.

- Ele parte amanhã. Você irá junto para se tornar um espectro.

Sten sabia pouco sobre os Espectros. Toda Solares, o mundo conhecido, sabia pouco sobre eles. Mas eram tratados pelo folclore popular como mercenários ou coisa pior. E suas habilidades eram um mistério ainda maior.

- Ele não pode ser ferido. Nenhum dos meus golpes o cortaram – Celia ajoelhou-se na frente de Sten, segurou suas mãos – Sabe o que isso significa, filho?

Sten não fazia ideia do que aquilo significava, mas percebeu que o sorriso de sua mãe era genuíno. Sorrindo, Celia expôs seus pensamentos.

- Esse é o destino que a Deusa planejou para você.
- Quer que eu vá com ele?
- Treine com ele, aprenda o que ele sabe e volte para nós, para o seu clã.

Não lhe restava escolha. Suas alternativas eram ir com o escandinavo ou viver entre os camponeses. As duas opções não eram exatamente ruins, só não era o que desejava. Se tivesse passado no teste, seria um guerreiro e ficaria na vila. Ao falhar, perdera o direito de escolher.

- Faça pelo clã – disse Celia, ajoelhada à sua frente.
- Farei o que deseja – respondeu Sten, relutante, ciente de que seu destino não mais lhe pertencia.

Na manhã seguinte, Sten se preparou já conformado com seu destino. Caminhou na direção do portão da vila, cabisbaixo, segurando as rédeas de um cavalo marrom sem nome, carregado com os poucos pertences que possuía. Celia o acompanhava. Quatro figuras estavam paradas no portão: o escandinavo em seus

tecidos grosseiros, Griffin em seu manto negro, Marvin em sua nova armadura de guerreiro, e Ruarán em suas vestes simples. Além de Marvin, Celia também havia informado o chefe e o ancião para que soubessem que a partida do garoto era temporária. Griffin o abordou primeiro:

— Que a Deusa guie seu caminho, meu jovem.

Sten assentiu e Griffin se posicionou atrás dele para vê-lo partir, seguindo o ritual que fazia com os emissários e intendentess que eram enviados para cumprir suas tarefas fora da vila, deixando Sten se despedir do amigo.

— Você vai mesmo embora? – perguntou Marvin.

— Não poderei ser um guerreiro se ficar na vila.

Marvin puxou a gola da couraça da armadura, que o deixava desconfortável, assim como aquela situação. No gesto, também tentava puxar argumentos, mas as palavras de Sten o encontraram primeiro:

— Estou indo treinar. Quando voltar, serei um espectro como nas lendas.

— Quando voltar, serei um dos líderes e você terá um lugar entre os meus comandantes, eu te prometo – disse Marvin, determinado, esticando o punho direito na direção de Sten.

— Eu também prometo.

Sten encostou o seu punho no do seu melhor amigo, revertendo uma promessa e criando uma nova. Embaixo do arco do portão aberto, Heimdall montava no próprio cavalo e Ruarán falava com ele em tom baixo. Sten olhou mais uma vez para Marvin. Queria dizer o quanto a sua amizade era importante para ele, ou dizer o óbvio, dizer que ele era o seu melhor amigo. Porém, limitou-se ao que sempre fizera.

— Não se preocupe demais – disse Sten, segurando um dos ombros do garoto.

— Você também – respondeu o garoto, sem se dar conta de que não o veria no dia seguinte.

Seguindo o exemplo do escandinavo, montou no cavalo sem nome. Os músculos arderam com o movimento, provando que não estavam totalmente recuperados.

Sua mãe segurou uma de suas mãos, anestesiando a dor.

— Lembre-se de que Bracênia sempre será o seu lar.

— Voltarei, prometo.

Celia soltou a mão de Sten, permitindo que ele partisse. Com uma das mãos, ele puxou as rédeas do cavalo, enquanto a outra, em pensamento, ainda retinha o toque de sua mãe. Impulsionou o animal com os calcanhares e, antes que atravessasse o arco do portão, o ancião se aproximou:

— Sei que duvida do seu destino, Sten, mas nos servirá melhor desta forma. Aprenda com ele, pois temos muitos inimigos, os escandinavos são um deles. Não se esqueça, seu lugar é aqui.

Sten franziu a testa, sem compreender totalmente as palavras do ancião. O velho acrescentou:

— Que a Deusa o guie.

Assim que o ancião lhe abriu passagem, Sten retomou a marcha. Atravessou o arco do portão e seguiu o escandinavo pela estrada, afastando-se de seu lar.

Ao subir a elevação mais alta da estrada, o garoto olhou para trás, para Bracênia, prometendo a si mesmo que retornaria. E retornou. Anos mais tarde, parou na mesma elevação, incrédulo, observando a muralha de madeira da vila enegrecida pelo fogo. Do outro lado da muralha, o mato crespo crescia entre os trigos chamuscados. Sua casa, assim como muitas outras, desmoronou com o calor excessivo. Do povo de Bracênia só restavam cadáveres consumidos pelas chamas da imensa fogueira criada no centro da vila. O garoto teria chorado, gritado e buscado vingança, mas o bárbaro não era o garoto. A fase adulta roubara sua ingenuidade. Ele ficou na quietude, examinando as cinzas. O garoto que abandonou sua terra natal e o bárbaro que retornou para vê-la em ruínas sentiam-se da mesma forma. Ambos se sentiam traídos pelo destino.

CAPÍTULO 7

Rudrik seguia à frente e o bárbaro o acompanhava inconscientemente. Quando a luz começou a ofuscar sua visão, Sten se deu conta de que deveriam ter parado há horas. O sol ainda surrava a terra com seu brilho alaranjado, porém as sombras já se projetavam como um manto pelo solo árido. Era tarde demais para uma pausa e cedo demais para armar acampamento. Talvez pudessem prosseguir por uma ou duas horas, mas pouco adiantaria progredir.

— Encerraremos a viagem por hoje — disse Sten ao jovem.

A dupla se distanciou um pouco da trilha e armou acampamento. Rudrik acendeu a fogueira enquanto Sten moldava a terra, transformando o piso sedimentar em uma cabana. Terminando suas tarefas, Sten vestiu uma das camisas reserva que estava no alforje de Valus, limpou o sangue seco que ainda estava grudado em seu machado, sentou-se próximo à fogueira e passou a afiá-lo. Rudrik, seguindo seu exemplo, pegou o próprio e fez o mesmo.

— Acha que a distância que percorremos foi suficiente? — perguntou Rudrik, ainda concentrado no machado.

— Sim, percorremos uma boa distância hoje.

— Não seria melhor um de nós ficar de guarda durante a noite, caso eles nos ataquem de novo?

A marcha forçada fizera o jovem supor que estavam em risco, por isso afiava o machado: estava se preparando para mais um combate. Sten se sentia culpado por preparar o garoto para algo que possivelmente nunca aconteceria, mas o que impressionava eram as feições de Rudrik que, apesar de exausto, mantinha um ar sereno.

— Não se preocupe, o fogo afugentará os louva-a-deus. Além disso, Valus pode sentir o cheiro deles.

— Valus?

— Meu cavalo. Ele nos avisará se sentir um cheiro desconhecido.
— Entendi.

Rudrik continuou a trabalhar em seu machado em silêncio, o que levou o bárbaro aos seus pensamentos mais uma vez. O garoto lutou com determinação, entrou em combate sem ser ordenado e sem demonstrar medo, apenas porque achou necessário. Mesmo com sua técnica desajeitada, manteve-se firme, talvez porque desejasse aquilo: os riscos, a adrenalina da luta, a vontade de ferir o adversário. Eram essas qualidades que o tornavam um guerreiro melhor do que os demais. O que realmente importava era que o jovem lutou sem hesitar. E, pela primeira vez em muito tempo, sua memória seguiu adiante, além da dor de ter deixado sua terra natal. E, antes de perdê-la de vez, regressou para a primeira lição que aprendeu, pouco depois de ter deixado Bracênia. Enquanto seus olhos se perdiam nas chamas da fogueira, sua mente retornava ao passado.

O escandinavo marchava à frente sem se importar com Sten, nem sequer olhou para trás para se certificar de que o garoto o estava seguindo. Cavalgaram pela estrada até que o bárbaro simplesmente parou de segui-la e avançou para dentro da floresta. Em uma clareira, parou e desmontou. Sten fez o mesmo.

— Acampamos aqui? — perguntou Sten.

O bárbaro não respondeu. Em vez disso, pegou o machado preso em sua sela e virou-se para Sten.

— Me mostre o que sabe fazer.

Satisfeito por seu treinamento ter começado, Sten sacou a espada de seu cavalo e foi em direção ao escandinavo. Ambos ficaram em guarda. Sten atacou primeiro com um golpe controlado. Heimdall aparou e acertou o cabo de sua arma na testa do garoto, que caiu no chão com a testa ardendo e o resto do corpo gritando novamente.

— Achei que fosse um treinamento — disse Sten no chão.

— Não é um treino, e se não quiser acabar ferido, é melhor se levantar.

Sten aceitou o comando e voltou para a posição de combate. Os músculos

rangeram mais uma vez. Preparou outro golpe. O bárbaro desviou da lâmina e acertou o torso do garoto com a lateral do machado. Sten se afastou.

— É só isso que sabe fazer? Acho que escolhi o garoto errado — falou o escandinavo.

O garoto gritou em resposta e ergueu a espada. Heimdall não se moveu. A lâmina acertou o ombro do bárbaro com um impacto seco. As mãos de Sten estremeeceram: parecia que a espada tinha atingido uma rocha. Heimdall socou o garoto no abdômen, mas a dor não o impediu de atacar novamente. Desferiu o gume na lateral do pescoço do bárbaro, pressionou e puxou, aproveitando o movimento para se afastar. Sten esperava ver o sangue jorrar do pescoço de seu adversário, mas sua mãe estava certa. Ele não poderia ser ferido.

— Sabe que não pode me vencer, é melhor desistir agora, garoto — disse Heimdall com os braços abertos.

Sten avançou com uma estocada usando a ponta da espada, e a pele do ruivo resistiu à pressão. Heimdall soltou o machado e segurou a lâmina da espada com a mão livre. Sten tentou resistir, mas o bárbaro era muito mais forte. As mãos do garoto soltaram a arma e ele deu alguns passos para trás ao perceber que agora enfrentava um inimigo desarmado.

— E agora? O que fará? — falou o ruivo enquanto soltava o seu machado e empunhava a espada do garoto com as duas mãos.

Com os punhos cerrados, Sten correu na direção do bárbaro. Entretanto, dessa vez ele não ficou parado. O bárbaro deu um passo para o lado. O garoto passou como um touro e sentiu a ardência quando a lateral da lâmina lhe atingiu as costas. Sten cambaleou. Sem demora, avançou novamente. O bárbaro jogou a espada no chão e, com os punhos cerrados, golpeou. A última visão que o garoto teve foi do punho do bárbaro se aproximando de seu rosto.

Antes mesmo de acordar, Sten sentiu a dor aguda na bochecha esquerda e o resto do corpo queimar. Quando enfim abriu os olhos, viu Heimdall sentado do outro lado da cabana. Sten fez um esforço tremendo para se sentar, olhou para o bárbaro e disse:

— Era um teste, não era?

— Era. Você lutou contra um adversário que sabia que não poderia vencer, lutou

sem hesitar.

— Posso tentar de novo?

— Você tem muito o que aprender, mas tem algo que a maioria dos guerreiros não tem, algo que não pode ser ensinado.

— O quê? — perguntou Sten.

— Vontade de lutar.

Sten olhou para as mãos ainda doloridas pelo manejo da espada.

— Vou te dizer como isso vai funcionar — disse Heimdall, atraído pelo olhar do garoto. — Você fará o que eu disser, sem contrariar, sem fazer perguntas tolas.

Entendeu?

— Sim, senhor.

— A partir de agora, me chame de Mestre.

CAPÍTULO 8

Os galhos secos crepitavam com a ação do fogo. Rudrik assava as patas dos Kerkeks em suas chamas, enquanto o bárbaro examinava suas brasas. A escuridão noturna ainda não os alcançara, mas seu presságio poderia ser visto. O vento rugia intensamente na fraca luz do entardecer, inclinando o fogo com seu sopro e espalhando suas brasas. Rudrik ofereceu uma das patas para Sten. O bárbaro a pegou e, antes de abocanhá-la, perguntou:

- Quais tipos de criaturas vivem no deserto?
- Insetos, vermes e répteis — respondeu Rudrik.
- Há muitos deles?
- Sim, fica pior indo para o norte, é mais fácil caçar por lá.
- E para o oeste?
- Nunca fui além das dunas, mas já encontrei pegadas nas rotas das caravanas.

O bárbaro reteve a informação, mordeu a coxa assada da perna do louva-a-deus, esperando o seu costumeiro sabor de erva-doce, mas se surpreendeu com o sabor. Tinha gosto de carne assada. Entre a mastigação, perguntou:

- Pegadas de que animal?
- De corruptores.

O bárbaro engoliu. Corruptores habitavam o oeste. Seres humanoides cinzentos de baixa estatura, com a pele escamada, pelos negros e chifres que se sobressaíam no topo do crânio achatado; seus olhos eram completamente escuros, como uma noite sem estrelas. Possuíam garras adequadas para cavar os túneis das cavernas que ocupavam no verão e eficientes para rasgar a pele de suas vítimas no inverno, quando o nevoeiro cobria o céu e o oeste se infestava dessas criaturas que saíam de suas cavernas como formigas. "Estamos no verão", pensou o bárbaro, mordendo a panturrilha do inseto.

Mesmo sem corruptores, os insetos ainda eram um problema. Não poderia proteger o garoto de um enxame, e as cargas das montarias tornavam-nas inúteis tanto para combate quanto para fuga.

— Durma bem essa noite, Rudrik. Amanhã o ensinarei a usar o machado.

— Foi tão mal assim?

Sten não respondeu. Lançou a pata descarnada para longe, pegou outra e, com os dentes, tornou-a semelhante à anterior. Ao arremessar o terceiro pedaço, afastou-se do fogo e tratou sua montaria, dando de beber e soltando-a para pastar. O bárbaro abrigou-se na escuridão da cabana sem se preocupar em amarrar Valus novamente. Rudrik terminou de assar os Kerkeks, embrulhou-os em um tecido, verificou os mantimentos, retirou as rédeas e a sela do Dragonete, pôs mais lenha na fogueira. Antes de entrar em sua tenda, olhou mais uma vez para a escuridão e, sem encontrar vestígios das criaturas, entrou e adormeceu em seu cobertor.

Pela manhã, comeram as rações no mesmo lugar da noite anterior. Não reacenderam a fogueira, pois sabiam que seriam aquecidos pela luz da aurora. Enquanto as montarias vagavam livres pela penumbra, o bárbaro e o garoto se distanciaram do acampamento. Sten, carregando seu machado de guerra, pediu para o rapaz lhe mostrar seu melhor ataque. Rudrik cortou o ar. Analisando seus movimentos, o bárbaro encontrou sua falha.

— O golpe deve acompanhar o movimento, desse jeito.

Sten golpeou o ar, impulsionando o corpo com o movimento. Se um objeto estivesse na direção do seu machado, receberia todo o peso do seu corpo, não apenas dos braços.

— Tente novamente.

O garoto fez o movimento com perfeição e esperou o julgamento de Sten.

— Ótimo, continue treinando — disse o bárbaro, impressionado.

Rudrik sorriu sutilmente, tentando controlar o orgulho. Sten reconheceu aquele sentimento vindo da sensação de propósito. Conhecera-o ainda criança, quando Célia lhe ensinara a usar a espada, e sentiu-o muito mais intensamente com

Heimdall, ao perceber que o machado era sua arma. Muitos preferem a espada pela sua eficiência, exigindo precisão em seu manuseio tanto para cortar quanto para estocar. O machado é mais rústico: para usá-lo, basta aceitar o ângulo e a distância do movimento circular com uma certa agressividade. Em fúria, é mais fácil ser agressivo que preciso. Foi o que aprendeu no primeiro ano com seu mestre, viajando de vila em vila e treinando todas as manhãs, pondo à prova as habilidades de Heimdall, que não lhe ensinara a conter sua raiva, e sim a explorá-la conscientemente.

Rudrik sabia lutar, porém fora mal treinado. Fora treinado para se defender, não sabia ser agressivo e, em um combate prolongado, isso causaria sua morte. Já Sten, em sua juventude, não sabia medir os riscos.

— Lembre-se: não há defesa perfeita ou ataque que não o deixe exposto. Se ficar na defensiva, cedo ou tarde será atingido; se atacar e errar, será provavelmente morto — disse Sten, repetindo as palavras de seu mestre.

O jovem fez sinal afirmativo com a cabeça e voltou à sua tarefa. Praticou o movimento até que os primeiros raios de sol começaram a transparecer em seu suor. Então, Sten pediu para descansarem, pois logo seguiriam viagem. Ele também relaxou. Em seu cansaço, questionou-se se aquela era a melhor forma de ensiná-lo, se apenas os ensinamentos e a prática preparariam o jovem para um combate real, mas chegou à conclusão de que não era seu dever ensiná-lo — só precisava mantê-lo vivo. Então, usou a chegada do sol como desculpa para começar a viagem e não pensar mais a respeito.

Sten se preparou para partir. Selou Valus, colocou os mantimentos em seu lombo e as rédeas em sua cabeça. Durante a noite, ouvira o vento rugir forte e rasurar as paredes da cabana onde dormira. Agora que a luz matinal iluminava o solo do deserto, procurava os rastros sem os encontrar, chegando a concluir que o vento os apagara. Sem sucesso, levou sua preocupação a Rudrik, que indicou o rastro ao homem. Sten deu alguns passos na direção que o jovem indicava, acompanhando a princípio as pegadas e se perdendo entre as formações de duas saliências de rochas. Rudrik estranhou o comportamento de Sten. Para confirmar sua suspeita, montou em seu dragonete, avançou por onde Sten olhara e retornou aos rastros. O bárbaro fez o mesmo percurso; mais à frente, distanciou-se novamente da trilha e regressou. Sten fizera o mesmo. Então, serpenteou pela trilha e, fingindo preocupação, virou-se para Sten.

— Acho que perdi o rastro — disse Rudrik em cima do que claramente era uma pegada.

Sten circulou a área procurando o óbvio. Rudrik retrocedeu, observando Valus pisotear o rastro.

— Aqui, encontrei — disse Rudrik, apontando para um solo liso.

O bárbaro seguiu cegamente o garoto, que retornava mais uma vez à trilha. A diferença é que agora ele sabia a razão de estar ali. Saber que era necessário o confortou. Movido pela segurança da descoberta de sua utilidade, questionou o bárbaro na próxima parada.

— Senhor, posso te fazer uma pergunta?

— Diga de uma vez — respondeu o bárbaro, odiando a formalidade.

— Por que estamos perseguindo o draco pelo deserto?

Mesmo com a sombra da parede de pedra que havia criado e o ocultava, o bárbaro preferia permanecer na luz, em um canto em que a sombra não o alcançava. Acabara de terminar sua refeição e só queria descansar um pouco antes de seguir em frente. Lutando contra a sonolência da digestão, manteve o diálogo, pois sabia terem assuntos a discutir.

— Não quero esperar que volte, e ela também deve ter um ninho pela região.

— E você precisa de mim para encontrá-lo?

— O que quer em troca? — perguntou Sten secamente.

— Eu... Quando voltarmos, quero que diga ao administrador que eu te ajudei a caçá-lo.

— Apenas isso? — Perguntou o bárbaro, e o garoto apenas fez um gesto afirmativo com a cabeça. Então, ele continuou: — Certo, quando voltarmos, direi ao administrador que não conseguiria sem a sua ajuda e te darei parte da recompensa. Não espere muito.

— Obrigado, senhor.

Sten trabalhara com caçadores, patrulheiros ou qualquer um que se disponibilizasse a guiá-lo. A maioria dos acordos feitos envolvia uma parte da recompensa, o que tornava sua parceria profissional. Favores eram usados quando o dinheiro não era suficiente ou necessário. Sabia que, assim que se livrasse do draco, uma carroça carregada de cristais seria enviada para a Torre

Negra. Sten compreendia os motivos que levaram Rudrik a pedir aquele favor. Cada um buscando seus próprios interesses — ele preferia assim. Sten regressara às sombras. Em meio a elas, lembrou da exigência que fizera ao seu mestre.

Sten avançou com um golpe lateral, acertando o torso do homem. Em qualquer ser humano, a lâmina pararia em um osso do interior de seu corpo, mas em Heimdall o gume só riscou sua pele. Sten recuou, sabendo que um ataque de seu mestre viria a seguir, e o galho de um pinheiro passou perto de sua cabeça. Heimdall abaixou as mãos, saiu da guarda e arremessou o galho para longe. Sten entendeu que o treino livre acabara. No começo, achava que as surras constantes de galhos finos das árvores da região fariam seus poderes surgirem. Após ser surrado por mais de um ano, começara a duvidar desse método. Como já tinha sido surrado naquela manhã, duvidava que seria surrado de novo. Por isso, afirmou:

— Acho que estou pronto para me tornar um espectro.

— Você acredita estar pronto? Ou apenas deseja voltar para sua vila?

Sten não respondeu, para não dizer pensar em retornar para Bracênia. Heimdall continuou:

— Deveria tirar isso da cabeça, garoto. Quando voltar, será um estranho para eles, principalmente se voltar como um espectro.

— Foi isso que aconteceu com você... Mestre? — Sten tentou corrigir o erro, mas já era tarde.

Heimdall lançou um olhar ao garoto. Sten deu um passo para trás, sabia que Heimdall odiava ser chamado apenas de você, da mesma forma que Sten odiava ser chamado de garoto, mas nenhum dos dois perdia o costume. Quando reuniu coragem para encará-lo, notou que seu mestre sustentava uma face pensativa.

— A Capital nunca foi um lar para mim. A única casa que conheci foram as montanhas do norte, e a única família que tive foram os mercenários que viviam lá.

— Por que não voltou para eles?

— Porque todos passam a te olhar diferente quando descobrem que você não pode ser ferido.

O garoto ficou pensativo. Heimdall aprovou o silêncio do garoto, satisfeito por

seu método pouco ortodoxo dar resultados, e sentia que Sten amadurecia a cada segundo que refletia sobre o assunto. O garoto lembrou das vilas pelas quais passaram naquele primeiro ano, dos olhares de estranheza dirigidos a eles sempre que entravam nas vilas, como se ambos fossem animais selvagens, das vezes em que foram atacados na estrada, tanto por feras quanto por bandidos, e dos monstros que caçavam. Todos os dias arriscavam suas vidas por uns trocados que às vezes eram dados de má vontade. Mesmo assim, não entendeu o fardo que seu mestre carregava.

— Não importa, eu não tenho escolha. Estou aqui para me tornar um espectro, esse é o meu destino. — disse Sten, convicto.

— Os Deuses não escolhem por nós, eles riem das nossas escolhas. Enquanto não entender isso, não se tornará um espectro nem um homem.

Sten falhara no teste. Achava que era o seu destino virar um espectro; se falhasse em se tornar um espectro, comprovaria que seu destino era fracassar. "Eu não sou um fracasso", pensou o garoto. "Eu não sou um fracasso", pensou novamente. A fúria percorreu o garoto, pondo-o de volta em posição de guarda. Seu mestre continuou relaxado, lidava com a fúria do seu aprendiz constantemente. Sten atacou. O aço foi repellido pelo peito de Heimdall, que revidou com um soco no rosto do garoto. Sten caiu, soltando o machado na queda, com a dor explodindo em sua face.

— Isso foi estúpido — disse Heimdall, pegando o machado do chão.

O mundo cheirava a sangue fresco. Combatendo a dor, Sten ficou de pé. O bárbaro empunhava seu machado.

— Você tem duas opções, garoto: pode montar no seu cavalo, pegar a estrada e voltar para sua vila, ou ficar aqui e morrer.

— Eu escolho morrer. — respondeu Sten, com sangue escorrendo do nariz quebrado.

— Essa é a sua escolha? Morrer em combate? — perguntou Heimdall, olhando para o cabo do machado e apertando-o mais firmemente.

— Sim, essa é a minha escolha.

— Ótimo. Lembre-se da sua escolha, honre o destino que escolheu, honre-a e ela lhe dará coragem.

Sten se preparou para uma reação repentina do seu mestre. Heimdall respirou

profundamente e relaxou os músculos.

— Limpe seu rosto, garoto, partiremos em breve. E nunca mais solte o seu machado, a menos que realmente queira acabar morto. — disse o bárbaro, largando o machado de Sten na relva.

O garoto observou o escandinavo afastar-se sem entender o que aconteceu. No entanto, no momento em que fez sua escolha, sentiu-se livre. Pela primeira vez, sentiu que controlava seu próprio destino.

CAPÍTULO 9

O vento soprava forte, trazendo consigo grãos de areia que cobriam o solo liso do deserto. À medida que avançava, mais deles se acumulavam na terra e eram espalhados pelas patas das montarias que lentamente começavam a andar sobre eles. Ao entrarem no Areial, Rudrik reduziu o passo, olhou em volta e, por fim, parou.

— Perdi a trilha — disse o garoto, sendo sincero.

O garoto desmontou para procurar melhor as pegadas. O vento arrastava os grãos de areia para o oeste, cobrindo-as, até mesmo as das montarias começaram a desaparecer. Sten desceu do seu cavalo, ajoelhou-se e pôs a mão na areia fina. Pôde sentir a camada espessa de areia do comprimento do seu braço, que os separava da terra dura.

— Vamos parar por aqui, antes que a areia fique mais funda. Pela manhã, depois do treino, seguimos nessa direção. Talvez o rastro apareça depois. — Disse Sten com a mão na areia.

— E se não encontrarmos depois das dunas?

— Nesse caso, acamparemos por lá e aguardaremos o Draco aparecer.

Sten poderia controlar os grãos de areia como o fluxo de um rio. No entanto, não poderia estruturá-los para que se tornassem firmes como uma parede, assim como não poderia tornar uma rocha ígnea em sedimentar. Precisava trabalhar com o que tinha. Como de costume, o espectro da terra fez emergir três paredes que fizeram a areia escorrer para o lado à medida que cresciam. Curvou-as na ponta para formar o teto e retirou parte da parede virada para o leste para criar uma porta. Rudrik acendeu a fogueira próximo à porta e os dois repetiram o ritual da noite anterior.

Pela manhã, comeram o resto das patas de Kerkeks. O vento dera uma trégua, permitindo que o garoto treinasse sua ofensiva na quietude da escuridão. Sten avaliou que o ataque do garoto melhorara e que era hora de ensiná-lo a se

posicionar em combate. Chamou Rudrik para perto da fogueira e riscou o chão arenoso com um graveto, criando um ponto e uma seta.

— Este sou eu — apontou para o ponto. — E essa é a minha visão — apontou para a seta. — O resto é minha retaguarda.

— As suas costas? — perguntou Rudrik.

— Sim, as minhas costas. O que não posso ver, ninguém pode defender as próprias costas. Se estiver sozinho, deve sempre se posicionar para manter suas costas protegidas e para ver os inimigos à sua frente.

Sten fez outros pontos na frente do seu e suas respectivas setas.

— Esses são os inimigos — apontou para os riscos recém-criados. — Se os inimigos tentarem te flanquear, atacá-lo pelos flancos, recue.

O graveto voltou a desenhar no solo, acrescentando outros pontos, dessa vez próximos ao que representava o seu portador.

— Já se estiver em grupo, deve manter a formação para mantê-la segura. — disse Sten, riscando a areia e expandindo o campo de visão da sua formação de guerreiros imaginários.

O bárbaro olhou para o desenho e depois para Rudrik. O garoto parecia ter decifrado as informações contidas nos rabiscos do chão, ou pelo menos fingia ter entendido. Em todo caso, o bárbaro precisava ser franco com o garoto.

— Olhe, garoto, eu sou muito resistente...

— Você é um Espectro? — interrompeu Rudrik.

Um silêncio cresceu entre eles. Não um silêncio constrangedor, mas um silêncio cuja finalidade era regular o que era necessário ser dito.

— Exatamente. — confessou Sten.

Rudrik não ficou surpreso. Tivera tempo suficiente para digerir as suas suspeitas, e o bárbaro não era do tipo que ocultava seus poderes.

— O que preciso saber? — perguntou Rudrik.

A pergunta soou inusitada aos ouvidos do bárbaro. Heimdall sempre lhe dissera

apenas o que precisava saber, o que era necessário. Só após tornar-se um espectro pôde entender a razão dos mistérios. Satisfeito pelo garoto ser menos exigente, continuou:

— Sou invulnerável e, como deve ter notado, posso controlar a terra.

— Invulnerável? Como Siegfried?

— Sim, como a lenda de Siegfried.

— E como... — Rudrik interrompeu a si próprio ao notar que a sua pergunta não fazia parte daquilo que precisava saber. Por fim, acrescentou: — Certo, entendi.

Sten jogou o graveto nas chamas da fogueira. Livre do peso didático, continuou sua explicação:

— Sou invulnerável, quero que tome proveito disso. Quando estivermos em combate, proteja-se na minha retaguarda e nunca saia da formação.

Fora esta estratégia que manteve Sten vivo durante todos os anos que vagou com seu mestre, e era ela que permitiria que os guerreiros do oeste conservassem suas vidas. Uma falha poderia ser fatal. Por isso, o bárbaro reforçou sua ordem.

— Monstros são mais rápidos do que pessoas. Se tentar fugir, será morto. Não importa o caos que esteja à sua frente, mantenha a formação, entendeu?

Rudrik acenou com a cabeça em concordância, mas, para o bárbaro, o gesto não foi suficiente.

— Você entendeu?

— Se eu fugir, serei morto. Entendi.

— Ótimo.

O bárbaro levantou, provocando Rudrik a fazer o mesmo. Durante a madrugada, treinaram posicionamento: avançar, recuar e manter posição. As ordens eram intuitivas e o jovem tinha talento para segui-las. O céu lentamente mudava seus tons para cinza, pondo fim ao treinamento, e quando o sol chegou para projetar sombras sobre o acampamento, a dupla já estava em viagem.

O jovem de turbante andava à frente, cortando o vento carregado de areia. Sten seguia-o sem se importar com os grãos que colidiam em seu rosto e prendiam-se em sua barba. A planície arenosa estendia-se como um mar em calmaria, com

ondas baixas que refletiam a luz, mas, diferente do mar, o deserto respingava areia. As ondas ganhavam volume como que impulsionadas pelo vento do oeste, formando ondas cada vez maiores. Valus diminuía o passo e começou a relinchar nas subidas. O peso da carga, do cavaleiro e o calor intenso estavam cobrando muito do animal. No topo de uma das dunas, Sten desmontou do cavalo para examiná-lo.

— Cavalos não foram feitos para o deserto — disse Rudrik, desmontando ao lado de Sten. — Acho melhor viajarmos à noite.

— O quê? — perguntou o bárbaro, confuso.

— Viajar à noite para evitar o calor, sabe? Já que não estamos mais rastreando.

Valus não poderia continuar viagem. Respirava pesadamente. Viajar à noite parecia uma ótima ideia.

— Muito bem, acampamos agora e partimos ao anoitecer — murmurou Sten, acariciando a crina do animal.

Segurando Valus pela rédea, desceu a duna para firmar acampamento em um local plano, o que se tornou raro naquele mar de ondas. Na base das dunas, colocou a mão na areia novamente. Dessa vez, não pôde sentir a terra dura, somente os milhares de toneladas de areia fina.

— Monte acampamento, não consigo com toda essa areia — ordenou o bárbaro ao jovem.

Rudrik tirou duas estacas de madeira de um metro de sua montaria e amarrou ambas para criar uma comprida. Cavou um buraco e enterrou a base da estaca para mantê-la em pé. Refez o processo três vezes, para cada ponta da cabana, e amarrou a lona que também retirou da montaria em cada uma das estacas. Por fim, fez a estaca central maior que as anteriores para sustentar o teto e forrou o chão. Enquanto isso, Sten dava de beber a Valus e molhava o dorso do animal, esvaziando mais um dos odres. Na sombra da cabana, despejou parte da ração de esquino que ainda não usara. Após alimentar-se, o animal descansou e Sten se sentou ao seu lado.

— Quantos dias de viagem até o outro lado? — perguntou Sten.

— Não sei, nunca cruzei as dunas.

O bárbaro passou os minutos seguintes escutando a respiração pesada de Valus até ela reduzir sua frequência, indicando que o animal adormecera.

— Estão juntos há muito tempo? — perguntou Rudrik.

Antes de responder, Sten confirmou se o som das palavras do garoto incomodou Valus. O cavalo não pareceu se importar.

— Não... — disse o bárbaro.

Rudrik se deu por satisfeito, pois o bárbaro respondera, tanto que ficou surpreso quando Sten prosseguiu:

— Ele não foi treinado por mim.

— E por quem foi? — O garoto arriscou perguntar.

— Pelos Cavaleiros Solares.

Milhares de perguntas brotaram na cabeça de Rudrik e ele as conteve para não irritar o bárbaro. Sten viu novamente os olhos do garoto se arregalarem e relaxarem para preencher a expressão de desânimo; Rudrik tinha um autocontrole formidável. Ao amadurecer, Sten pôde entender seu mestre: perguntas eram realmente irritantes, por conta dos segredos que não poderiam ser revelados e pela crua verdade que todos os adultos compartilham — o mundo é menos fantástico do que todas as crianças imaginam. Mas sabia que, em certos casos, só precisava de uma resposta sincera.

— Uma pergunta. — Disse o bárbaro, atraindo a atenção do garoto. — Responderei apenas uma pergunta; depois disso, você me deixará descansar.

Rudrik conteve a agitação, ficou em silêncio para pensar melhor, mas logo foi tomado pela curiosidade.

— Como é a Torre Negra?

— É uma torre de rocha negra, revestida de metais escuros, com acabamento feito de uma madeira avermelhada.

— E a região? Em volta da Torre?

Sten deixa passar a pergunta por se tratar da mesma descrição.

— É um deserto de rochas cinzentas, além de ser bem escuro por conta da

neblina; por isso, é chamado de Terras Sombrias.

Sten retirou as botas esperando uma terceira pergunta e tudo que ouviu foi o soprar do vento. Aproveitando a quietude, deitou-se na lona que cobria o chão arenoso, levando consigo as outras respostas. Enquanto o garoto imaginava como seria a Torre Negra, o bárbaro a revisitava nas suas memórias.

CAPÍTULO 10

Antes mesmo de localizar a criatura, foi possível ouvir o bater de suas asas. O som indicou sua posição: uma figura negra em um céu pálido, voava alto o suficiente para ser confundida com uma águia, mas o bater de asas de uma águia não produziria tanto ruído. Heimdall desmontou; a velocidade de nada adiantaria contra o ser alado. Ele sabia que precisava atingi-lo durante o mergulho. Sten fez o mesmo e se posicionou na retaguarda do bárbaro. A sombra os contornava através das nuvens. Heimdall chamou sua égua, Sten seu cavalo. O cavalo não respondeu ao seu chamado; em vez disso, correu livre pela planície. A sombra mergulhou emitindo seu grito agudo e ganhando forma à medida que se aproximava; as penas tremeluziam com a ação do vento. Abriu as asas próximo ao chão, planando, passou ao lado da dupla e cravou as quatro garras no cavalo que tentava fugir. Com as garras presas, tornou a bater as asas para ganhar altitude. O cavalo parecia pequeno em comparação com a imensa ave semelhante a uma águia que o carregava para cima. Era assim que as Rucas caçavam, explicou seu mestre no dia anterior: elas capturam suas vítimas e as arremessam em voo. O garoto sabia o que aconteceria. A Ruca tomou altitude e arremessou o cavalo. A gravidade puxou o animal que relinchava e se debatia no ar, tentando em vão recuperar o equilíbrio. A distância de queda era tanta que o animal pareceu cair lentamente, mas o impacto no solo provou o contrário, aterrissando com um ruído seco, em uma vegetação rasa que pouco amorteceu sua queda. Sten conteve o impulso de ir até o cavalo; seria um alvo fácil se o fizesse.

A Ruca fez outro círculo e mergulhou novamente, seguida por seu grito, na direção da égua mais distante do grupo. Heimdall se interpôs entre os dois e, quando a ave passou em seu rasante, o bárbaro lhe acertou um golpe na asa. Os ossos leves da ave não resistiram ao impacto, partindo-se; a lâmina seguiu seu curso rasgando o resto da asa como se fosse um tecido mal confeccionado. Com apenas uma das asas, a Ruca rolou pela vegetação espalhando seu sangue fresco sobre ela. Heimdall, sem hesitar, foi até ela. A criatura se levantou e tentou voar,

mas precisava das duas asas para isso. Recuando, voltou a gritar para o homem que portava o machado, um grito mais de desespero do que de provocação. Usou as garras para atacar como seu último recurso; elas arranharam a pele do bárbaro sem causar nenhum incômodo. O bárbaro golpeou a cabeça da Ruca, rachando seu crânio. A fera, cega pela dor, se desequilibrou e caiu torta no chão. Heimdall golpeou novamente; o machado atravessou o crânio da ave pondo fim à vida. Após confirmar a morte do grifo, Heimdall foi confirmar o estado do cavalo de Sten. O garoto viu seu mestre agachar onde estava seu cavalo.

— Como ele está? — perguntou Sten com medo de se aproximar.

— Você vai precisar de outro cavalo — respondeu Heimdall.

O bárbaro não enterrou os restos do animal, deixou onde estava, e o único tempo que o garoto teve para se lamentar foi o tempo que o bárbaro levou para tirar a carga que o cavalo possuía e passá-la para a égua. Somente voltou a falar disso quando estavam a caminho de volta para recolher a recompensa:

— Não pode chamar um cavalo de cavalo. — Alertou seu mestre anos atrás. — Ele precisa de um nome para responder ao ser chamado.

— Não sabia como chamá-lo.

— Dê o nome de alguém que você não quer esquecer, ou de algo.

Sten estava pensando em usar essas características do animal para nomeá-lo; no entanto, a ideia do seu mestre era melhor, mas isso lhe gerou uma dúvida.

— Por que deu à sua égua o nome de Astrid?

O escandinavo riu em resposta. O garoto não entendeu a graça e continuou com a dúvida. Estavam nas planícies de Aeron, próximo a uma aldeia de mesmo nome fundada ao oeste de Alexandria e ao noroeste de Cápuia. Com uma imensa área de plantio, Heimdall não quis comprar um cavalo em Aeron por ser uma aldeia formada de agricultores e que apenas possuía cavalos para tração; também não quis viajar em uma das carroças de alimentos que partiriam no fim do mês para encher os armazéns de Alexandria, pois o barbado pretendia partir antes disso e viajar em uma caravana não fazia parte do seu feitio.

O jovem ficou do lado de fora da aldeia esperando seu mestre terminar de comprar mantimentos. Aproveitando que estava tão ao leste, quis satisfazer sua curiosidade. Conseguia ver de longe a joia do leste, a cidade de Alexandria; pela

distância, via a cidade formada em volta da montanha branca, sua base permanecia uma imensa muralha e no seu topo brilhava uma luz branca tão intensa que era possível ver até mesmo dali. Diziam que a cidade era abastecida por aquela luz, todo tipo de máquinas e armas energizadas pelo poder elemental, uma cidade de luz, onde nunca anoitecia. Somente pôde vê-la na fase adulta, pois seu mestre somente viajava para o oeste, para as terras mais selvagens onde havia trabalho. Enquanto observava a cidade, Sten ouviu os gritos alegres de crianças e, quando olhou, viu duas delas correrem através da plantação. Um homem surgiu logo depois do meio dos trigos com uma enxada nas mãos e passou a perseguir a criançada; as crianças fugiram em pânico, mas, após alcançarem uma distância segura, viraram e provocaram o homem, que voltou a persegui-las fervorosamente. Sten sorriu; aquela cena lembrava seu lar, das vezes que fugira dos agricultores. Então Heimdall retornou, encerrando sua nostalgia.

Saíram pelo portão sul, dando a entender que seguiriam nesse sentido para o litoral, para Cápua, ou retornariam para o leste no cruzamento seguindo para Alexandria. Achou que finalmente teria a chance de vê-la. Heimdall andava à sua frente guiando Astrid pelas rédeas; o bárbaro conhecia as vantagens de possuir um cavalo, porém, como qualquer escandinavo nascido no norte, preferia os pés firmes no solo. Além disso, Astrid carregava a carga que deveria ser distribuída para dois cavalos. O garoto andava atrás imaginando qual nome daria ao novo cavalo; pensou em dar o nome de Marvin, mas chegou à conclusão que seria muito ofensivo, e um pouco constrangedor, dar ao seu cavalo o nome do seu melhor amigo. Talvez fosse essa a graça de nomear um animal com o nome de uma pessoa, pensou o garoto. Ao chegarem ao cruzamento, Heimdall virou para o oeste; continuaram a caminhar naquela direção por alguns dias. Heimdall não informava seu destino completo, somente informava a próxima vila ou a próxima bifurcação na estrada, até que foram tão ao oeste que não havia mais cidades, porém havia uma fortaleza. Sten tomou a dianteira ao notar esse fato.

— Vamos para as Terras Sombrias? — perguntou o garoto animado. — Para a Torre Negra?

O bárbaro não respondeu; fazia parte da sua conduta não responder perguntas óbvias.

A planície verdejante perdia sua tonalidade à medida que caminhavam pela estrada. Com o passar dos dias, o brilho do sol perdia sua intensidade. A trilha gradualmente desaparecia, dando lugar a um solo rochoso que afugentava a

vegetação. Rochas pontudas surgiam no horizonte e se tornavam gigantescas montanhas. Não tinham mais uma trilha para seguir; no entanto, o bárbaro parecia conhecer a região. Quase todos os dias, Sten perguntava ao seu mestre se estavam perto de chegar à Torre, e Heimdall sempre respondia que estavam. Há dias estavam perto de chegar. E finalmente chegaram.

No topo de um aclave, Sten deslumbrou a Torre. A estrutura erguia-se em uma planície desértica, rodeada por uma muralha feita de rocha ígnea. Era negra como o nome sugeria, feita de um metal reluzente que parecia ter se solidificado enquanto subia pela estrutura. O telhado era feito de uma madeira cor de vinho, assim como as outras madeiras que faziam parte do esqueleto da torre — madeiras avermelhadas que aparentavam ter crescido dentro da rocha pelo seu formato circular e levemente sinuoso.

Distraído pela visão da torre, o garoto não percebeu que seu mestre o abandonou. Caminhando na direção do portão, Sten apressou o passo. A torre crescia na paisagem e a muralha ficava cada vez mais espessa. Algumas centenas de metros à frente, o garoto observou melhor o portão feito de carvalho fixado à muralha, entre duas torres menores que serviam como guarita. Suas portas dividiam um símbolo em relevo: uma estrela de sete pontas contornada por um círculo que tocava cada uma das suas pontas — o Símbolo dos Cavaleiros Solares.

O portão abriu-se, dividindo o símbolo em dois. Quatro cavaleiros passaram por seu arco trotando, indo ao encontro da dupla, todos montados em corcéis negros, portando escudos redondos com o símbolo branco da ordem e a espada longa na cintura. As cotas de malha eram cobertas pela túnica dourada de manga curta, com a estrela estampada em seus tórax. As calças terminavam no joelho, dando espaço para as grevas e sandálias. Usavam elmos coríntios, típicos dos gregos. As partes metálicas dos seus uniformes eram completamente negras, já os tecidos eram dourados. O cavaleiro que tomava a dianteira se diferenciava dos demais: vestia couraça, manto, braçadeiras, e seu elmo possuía um penacho escuro. Ele parou próximo a Heimdall, estampando um sorriso que o elmo não conseguia ocultar.

— O general sabia que, cedo ou tarde, o senhor retornaria — disse o cavaleiro, saltando do cavalo. — O que precisa dessa vez?

— O garoto precisa de um cavalo.

O cavaleiro retirou o elmo, revelando um cabelo negro ondulado que lhe caía nos ombros. Olhou para Sten e seu sorriso começou a se desfazer.

— Esse é Sten de Bracênia — apresentou-lhe Heimdall. — Sten, esse é Heitor de Alexandria.

— É um prazer conhecê-lo — disse Heitor, recuperando o sorriso. Sten assentiu em resposta. Heitor virou-se para um dos cavaleiros. — Volte e informe ao general que Heimdall regressou.

O cavaleiro trotou de volta à torre; os demais desmontaram.

— Permitam-me acompanhá-los. — Heitor fez um gesto para que Heimdall prosseguisse.

O grupo caminhou silenciosamente até a fortaleza que reluzia mesmo com a fraca luz que atravessava as nuvens densas. Ao passarem pelo portão, ficaram de frente com um grupo que havia se formado. A maioria era formada por jovens, alguns de cabelo prateado, trajando as vestes dos cavaleiros, porém de cor acinzentada com a estrela heptagrama preta no peito. O cavaleiro do centro usava uma armadura completa negra com as bordas do metal de cor laranja; sua capa também era laranja com o símbolo negro no centro. Assim como os outros cavaleiros, não estava usando elmo. Possuía um cabelo curto, um rosto quadrado, um nariz adunco e um queixo largo, mas nada disso tirava o destaque do sorriso que o sujeito estampava. Abriu os braços e, dando longos passos, disse:

— Seja bem-vindo de volta, meu amigo. — Heimdall permaneceu parado, e uma das mãos do cavaleiro repousou no ombro do barbado. — Onde está o jovem Eric? Soube que ele precisa de um novo cavalo.

O cavaleiro olhou por cima dos ombros do barbado para Sten e, por último, para Heitor, que mantinha uma expressão entre melancolia e constrangimento. Então soube que cometera um erro.

— Esse é Sten de Bracênia, meu aprendiz — falou Heimdall, indicando o garoto. — Sten, este é Magnus, general dos Cavaleiros Solares e Espectro do Metal.

Magnus deixou escapar o sorriso e voltou os olhos para o bárbaro. Antes que ele fizesse qualquer comentário, Heimdall pousou a mão em seu ombro.

— Não precisa dizer nada — falou o bárbaro.

Magnus recuperou o sorriso ao lembrar como o bárbaro lidava com o seu próprio drama. Observou os arredores e, notando a multidão, disse:

— Bem, vamos entrar. Temos muito o que conversar.

— Antes, preciso dar uma olhada nos cavalos.

— Heitor e o seu aprendiz podem cuidar desse assunto. Aposto que ele entende melhor de cavalos do que você.

Heimdall entregou as rédeas para Sten. Magnus se dirigiu para o portão cor de vinho, semelhante ao da muralha, presente na torre. Heimdall olhou brevemente para Sten antes de seguir o cavaleiro.

— Vamos, cinzentos! De volta ao trabalho! — gritou Heitor, e a multidão começou a se dispersar.

Os recrutas voltaram aos seus afazeres, liberando a visão do pátio. A maioria deles foi para a direita do pátio, para a arena, permitindo ao garoto avistar a torre que, vista de perto, parecia um rochedo feito de obsidiana.

— Impressionante, não acha? — disse Heitor.

Sten abaixou os olhos. Heitor contemplava a estrutura com a mão direita no peito, onde ficaria o símbolo se não estivesse usando a couraça. Depois deixou cair o gesto, lembrando-se do seu dever.

— Vamos, também temos trabalho a fazer.

Heitor virou para a esquerda, conduzindo seu cavalo pelas rédeas em seu ritmo acelerado de militar. Sten o acompanhou. Entraram no estábulo. O cavaleiro pôs seu animal em uma das baias vazias, deu alguns passos adiante e acariciou o focinho de um dos cavalos.

— O que acha desse daqui? — perguntou Heitor. — É jovem e acabou de ser selado.

Apesar do que Magnus dissera, Sten entendia pouco de cavalos, mas confiava na palavra do cavaleiro. Encostou no pescoço musculoso do cavalo para testar seu temperamento. O animal não pareceu surpreso.

— Ele tem nome? — falou o garoto, atentando para como o cavalo reagia à sua voz.

— Ele ainda não foi nomeado.

O cavalo permaneceu relaxado. Sten acariciou sua crina e notou que era bem cuidado. Quando as orelhas do animal se moveram, dando sinal de que estava atento, Sten disse:

— Seu nome será Caled.

CAPÍTULO 11

O entardecer lançava suas sombras sobre as dunas, o vento se acalmava com a chegada do ar noturno. Sten abriu os olhos. Valus permanecia deitado ao seu lado e Rudrik tratava de selar seu Dragonete. O bárbaro pegou suas botas e começou a calçá-las. O garoto, vendo Sten acordado, aproximou-se dele.

— Acha que Valus pode carregá-lo?

— Não, não acho. Mesmo que pudesse, não o forçaria a fazê-lo. Ele precisa descansar.

Rudrik ouvira histórias dos cavalos e seus cavaleiros, de como eles eram sentimentais. Seu pai lhe contava, reforçando sua estupidez. "São apenas animais", ele dizia, mas para Rudrik aquilo era um ato honroso. Sten não abandonaria Valus no deserto. Ele tinha certeza disso e se sentiu um tolo ao pensar que o bárbaro, nos primeiros dias, faria isso com ele.

— Se o senhor caminhará, eu também vou — falou Rudrik.

O bárbaro terminou de calçar as botas, levantou-se e disse:

— Faça como quiser.

Rudrik passou parte da carga que seria destinada a Valus para a sua montaria. Sten acordou o cavalo, que levantou com relutância. Como de costume, Rudrik liderou a marcha, mas Sten gradativamente se igualou ao jovem. Durante a caminhada, a escuridão extinguiu sutilmente a luz. Sem a luminosidade, suas botas afundavam os bicos na areia ou pisavam em falso até que seus olhos se acostumaram com a baixa luminosidade e passaram a enxergar as dunas como grãos de sal. Então a caminhada se tornara tranquila.

— Senhor? — disse o garoto repentinamente.

— O que foi? — respondeu o bárbaro.

— O senhor disse que deve ter um ninho na região, então deve ter mais deles,

certo?

— Não, apenas filhotes.

O garoto tentou conter a curiosidade, mas aquilo era demais mesmo para ele. Precisava perguntar, e cada segundo que se passava, sua janela de oportunidade encolhia.

— Por que acha isso?

Sem poder ver o rosto do bárbaro, que estava ocultado pelas sombras, Rudrik não pôde avaliar se estava sendo invasivo. Seu único indício era a ausência de resposta, mas suas suspeitas se tornaram falsas.

— Se ela tivesse filhotes grandes, estaria os ensinando a caçar. Provavelmente estamos caçando uma fêmea; um macho não come tanto, sua alimentação seria mais constante. Ela deve estar regurgitando o que come no ninho.

— Regurgitando?

— Os Dracos têm dois estômagos: um para armazenar alimento e água, o outro para digestão. Ela está usando o primeiro para carregar alimento e depois o vomita para as suas crias.

Sten olhou para Rudrik e também não pôde ver seu rosto. Se o visse, notaria sua expressão de desgosto. A sensação impediu o garoto de fazer outras perguntas.

Continuaram o percurso acompanhados de um vento fraco que soprou as nuvens do deserto. O céu noturno os saudou com uma porção de estrelas; as mais brilhantes se sobressaíam pelos tons azulados, estáticos e vibrantes. Fizeram uma breve pausa para se alimentar. O garoto olhou para o céu e, pelo posicionamento das estrelas, corrigiu a rota. Graças ao seu brilho, Sten passou a avistar a silhueta dos montes de arenito no horizonte cintilante. As ondas das dunas pareciam estar menos selvagens e Valus aparentava estar se recuperando bem. As estrelas foram sendo apagadas pelo nevoeiro que surgia de forma sobrenatural e, sem a esperança que emanava do seu brilho, a dupla voltou a se mover. Durante a caminhada, o céu mudou novamente, dessa vez para um tom opaco, indicando que faltavam poucas horas para o amanhecer. Sten pediu para o garoto armar acampamento, pois o amanhecer se aproximava. Rudrik armou a cabana como no dia anterior e Sten tirou as selas das montarias e suas cargas. Terminando sua tarefa, o garoto começou a cavar.

— O que está fazendo? — perguntou o bárbaro.

— Estou fazendo um cocho — respondeu Rudrik. Notando a dúvida no semblante do bárbaro, acrescentou: — Vou cavar, depois colocar uma lona e pôr água.

— Muito bem, eu cavo. Vá buscar a lona e, assim que terminar, descanse um pouco. Logo começaremos o treinamento.

Rudrik levantou e foi pegar a lona. Sten fez um leve movimento de mão e a areia se moveu como uma onda, criando a abertura de que precisavam. Rudrik forrou o buraco e passou a despejar água. Antes mesmo de terminar de enchê-lo, Valus tinha se aproximado.

Pouco tempo depois, o garoto estava em posição de combate, com o machado em punho. Sten, com o seu machado de guerra apoiado no ombro, andava ao redor de Rudrik analisando sua postura.

— Nós, guerreiros, somos treinados para suportar a dor e o cansaço. Devemos estar sempre prontos para lutar. Dor, cansaço, sono, sede e fome enfraquecem o guerreiro, mas aquilo que o mata é o medo, a covardia e a desistência. Está cansado, Rudrik?

— Não, senhor — disse o garoto. Sten o encarou. — Talvez um pouco — confessou.

— Mas você continua disposto a lutar?

— Sim, senhor, até o fim das minhas forças.

Sten escondeu o sorriso, movimentando-se para fora do campo de visão do garoto. A determinação na voz de Rudrik dizia que ele possuía a vontade dos guerreiros. O combate contra os louva-a-deus ressaltou a sua vontade de lutar; os indícios estavam presentes. No entanto, só um combate real poderia confirmá-los: um combate no qual as chances de vitória seriam incertas. Sten parou em frente ao garoto.

— Hoje lhe ensinarei uma técnica de abate usada para derrotar inimigos maiores, como ogros, trolls e alguns corruptores. Lembra o que te disse sobre atacar descuidadamente?

— Se eu errar, morrerei? — respondeu Rudrik.

— Não nesse caso. Ogros e criaturas maiores atravessam uma parede de escudos facilmente. A forma correta de enfrentá-los é cercá-los e atacá-los em turnos

pelos flancos até os derrubar, focando nas pernas. Os ataques devem ser consecutivos e fortes o bastante para desequilibrá-los.

O bárbaro segurou o machado com as duas mãos e entrou em guarda ao lado do garoto.

— Atacaremos um de cada vez, em turno, até alcançarmos o mesmo ritmo.

Sten golpeou; seu golpe cortou o vento e a lâmina permaneceu apontada para baixo.

— Agora é a sua vez. Mantenha o machado abaixado.

Rudrik atacou, descendo o machado. Durante o movimento, o machado de Sten se ergueu.

— Continuaremos assim.

Dessa vez, foi o machado de Sten que baixou e o de Rudrik que subiu. O garoto e o bárbaro treinaram aquela técnica pelo resto da madrugada. Quando o sol se apresentou para revelar os montes de arenito distantes no horizonte e forçá-los a se abrigar na cabana, onde permaneceram até a escuridão chegar novamente e roubar o calor das lonas. O frio não fizera efeito no bárbaro, mas o vento lá estava para sacudir a lona e fazê-la ruir. O som levou Sten a despertar e, sem demora, o bárbaro se levantou. O garoto permanecia adormecido, assim como as montarias do lado de fora. O céu estava cinzento, mas já era possível avistar as estrelas. Aproveitando o resquício do crepúsculo, o bárbaro subiu uma das colinas de areia para observar o caminho que iriam percorrer. No topo da colina, uma luz chamou sua atenção: era tão intensa que parecia subjugar as estrelas. Ela brilhava no horizonte, mas seu brilho era contínuo e de cor esbranquiçada. O bárbaro sabia do que se tratava; aquilo era a luz de um cristal.

CAPÍTULO 12

A torre negra era mais alta do que Sten imaginava; sua determinação diminuía a cada nova série de degraus que surgia. Heitor subia os degraus sem esforço, como se aquilo não passasse de rotina para ele. Antes de começarem a subir, o cavaleiro havia mostrado o pátio da fortaleza e o campo de treinamento, estava explicando a rotina dos cinzentos, os aprendizes dos cavaleiros, até que um dos seus subordinados o interrompeu para lhe informar que Magnus solicitava a presença dos dois no Santuário, o último andar da torre. Para o garoto, subir a torre parecia interessante; entretanto, o seu interesse desaparecera no oitavo andar.

— São quantos andares? — perguntou Sten, ofegante.

— Catorze, não se preocupe, falta pouco.

Ouvir que faltava pouco não animou o garoto, já que para suas pernas cansadas, mesmo um andar seria muito. As paredes de pedra, os degraus avermelhados, o som dos seus passos e a oscilação do manto do cavaleiro formavam uma paisagem repetitiva, quase hipnótica. Quando enfim a escadaria terminou, Sten teve que conter o impulso de continuar subindo nos degraus imaginários que suas pernas buscavam. A escadaria dava acesso a um salão sustentado por colunas de mármore. No outro canto da sala, dois cavaleiros guardavam uma porta vermelha. Um deles abriu a porta para Heitor. Mais uma série de degraus se encontrava atrás daquela porta. Sten estava prestes a desanimar, mas ao olhar para cima viu uma luz por sobre os ombros de Heitor, vinda do fim da escadaria. Ela parecia ser engolida à medida que avançava. Sten fechou os olhos para se proteger. Quando os abriu, contemplou o santuário.

O santuário era imenso. Seu piso era branco e tinha a textura de argila. As madeiras do teto eram pálidas como as bétulas que crescem no norte. Árvores de espécies diferentes preenchiam o ambiente, todas com seus troncos brancos e folhas azuis. No centro, erguia-se uma pequena ilha cercada por um rio cristalino que abrigava um altar. Próximo a ele, Magnus reluzia com sua armadura

prateada. Heimdall mantinha as mãos perto de um cristal que flutuava em cima do altar, como se estivesse aquecendo-as em sua luz. O cristal era comprido e luminoso, e as paredes resplandeciam seu brilho uniformemente, mas a luz escapava pelo vão no topo do telhado e pela varanda que dava vista para o oeste. Um velho também estava do outro lado do altar, sob a penumbra de um gigantesco carvalho. Se sua túnica preta não fizesse contraste com a luminescência do cristal, passaria despercebido.

Heitor estava parado ao lado de Sten; ele não parecia surpreso. A luz foi perdendo sua intensidade gradativamente até manter um brilho natural. Heimdall abaixou as mãos e Heitor continuou sua marcha. Sten o seguiu.

— Às suas ordens, general — disse Heitor, dirigindo-se a Magnus.

— Informe ao seu esquadrão que não serão mais enviados a Cápua. Eu e Heimdall partiremos no lugar deles. Durante a minha ausência, você ficará encarregado de organizar as tropas, e o ancião Ramon, de administrar a torre.

— Sim, senhor.

— Além disso, o aprendiz de Heimdall será incorporado às suas tropas. Você será responsável por...

— Não — interrompeu Heimdall. — Trate-o como mais um dos seus recrutas.

— Como quiser, senhor — respondeu Heitor.

No curto silêncio, o velho se aproximou do grupo. Sten percebeu que era velho somente na forma de andar, na sua tranquilidade, mas suas feições eram joviais. Seu cabelo não era branco, tinha um tom metálico. Além disso, tinha aparência distinta: seus olhos tinham o formato amendoado e sua pele era cor de ocre.

— É necessário mais do que apenas treinamento para transformá-lo em um cavaleiro. Quem sabe um pouco de conhecimento? — Disse o velho e, olhando para Heimdall, continuou: — Não vai apresentar seu antigo professor?

— Faça você mesmo. — Disse o bárbaro.

Esboçando um sorriso simpático, o velho se curvou com agilidade.

— Sou Ramon dos Zidras, o ancião da torre negra.

— Sou... Sten de Bracênia, aprendiz de Heimdall. — Disse Sten, sentindo-se estúpido.

— Bracênia, você é celta?

Sten assentiu e todos os olhos se direcionaram a Heimdall. Mantendo um semblante sério, disse:

— O garoto não conhece nossos deuses e nossos costumes, mas sabe usar o machado.

— Era seu dever como mestre lhe ensinar. — Disse Ramon.

— Eu o ensinei o que precisava saber.

Dessa vez foi Magnus que se aproveitou do silêncio.

— Partiremos pela manhã. Heitor os levará para seus aposentos.

— Seria melhor agora mesmo. Graças ao cristal, me sinto recuperado. Ainda temos o resto do dia e pretendo retornar antes do começo do inverno.

— Passará o inverno na fortaleza? — perguntou Magnus.

— Sim, quero que o garoto veja contra o que lutamos.

— Pois bem, partiremos agora — disse Magnus.

— Antes de ir, preciso conversar com o garoto.

— Certo, quando terminar, me encontre no portão leste.

Magnus caminhou na direção da escada. A cada passo que dava, sua armadura prateada perdia cor e esplendor. Quando alcançou a escadaria, usava novamente a sua armadura completa de aço negro que reluzia timidamente em comparação com a anterior. Heimdall foi até Sten e, com a mão apoiada no ombro do rapaz, o direcionou para baixo de uma árvore de folhas azuladas.

— Quero que saiba que irei deixá-lo para que aprenda táticas militares, não para ser doutrinado por eles. Os cavaleiros Solares acreditam que são uma força da justiça, idolatram o Deus Sol, o mesmo de Alexandria... Não se deixe enganar. O mesmo vale para Ramon. O ancião é um ótimo professor, mas os seus ensinamentos estão mascarados pela sua ideologia. — Heimdall tirou a mão do ombro do garoto e, após suspirar profundamente, disse: — Voltarei antes do inverno. Até lá, tente aprender com eles.

Heimdall ficou parado em frente ao garoto esperando uma resposta. Sten apenas balançou a cabeça em sinal afirmativo e o bárbaro virou-se e fez o mesmo percurso que Magnus. Enquanto o rapaz observava seu mestre se distanciar, Ramon aproximou-se dele.

— Ele era um péssimo aluno, sempre questionando meus ensinamentos, sempre

desconfiado e impaciente.

— Você era o mestre dele? — perguntou Sten.

— Era seu professor. Antes de me conhecer, ele não sabia nada além dos deuses antigos e táticas de guerra.

— O senhor poderia me ensinar?

— É claro! O que deseja saber? Sobre o começo do tempo? Sobre o nosso Deus Sol? Sobre a chegada dos escandinavos?

— É o Deus de Solares, o Grande Deus — disse o velho com voz grave. — Como um celta não deve saber, vocês chegaram depois. — Ele fez uma pausa, olhou para os dedos, segurou um como se escolhesse algo e continuou:

— Os povos que chegaram de além-mar, ao pisar nesta terra, viram dois sóis no céu: um azul e outro amarelo. Por isso chamaram este mundo de Solares. Era uma época de paz, mas sua chegada despertou o Senhor do Escuro, que habitava o Oeste, nas terras sombrias. Ele, com um ritual proibido, apagou a chama do sol azul, aquele que tornava o mundo fértil e imbuído de magia, restando apenas o sol amarelo, sustentando a vida. Nas trevas, ele criou os Corruptores e planejou aniquilar os povos recém-chegados. Quando o Deus Sol percebeu a ameaça, desceu do céu e o enfrentou como mortal, nas trevas. Ele venceu, mas não pôde impedir que as criaturas do inverno nos atacassem. Para garantir nossa proteção, o Deus Sol retornou ao céu, onde nos guarda durante o verão e o dia.

Sten franziu a testa e perguntou:

— Mas quem nos defende durante o inverno e à noite?

Ramon sorriu, abriu os braços e respondeu:

— Somos nós, os Cavaleiros Solares.

Sten ficou perplexo, sem saber o que dizer. Ramon perguntou:

— Mais alguma dúvida?

Sten tinha muitas dúvidas, mas a repentina sensação de que todo o conhecimento estava ao seu alcance o desnor-teou. Olhou ao redor e seus olhos encontraram o cristal.

— O que é aquilo? — falou Sten, apontando.

— É um cristal primordial, uma fonte quase infinita de poder. Pode ser usado

para carregar tanto os dispositivos elementais, como máquinas e armas, quanto para restaurar os poderes dos espectros. Esse nos foi entregue pelo meu povo. Os outros cristais, os comuns, são energizados pela luz solar, mas os primordiais têm sua própria energia.

— Você esqueceu de dizer o mais importante — disse Heitor, que até aquele momento tinha permanecido calado. — A razão pela qual o mantemos aqui no topo da torre, assim como os espectros e os prateados: a luz dos cristais atrai corruptores.

CAPÍTULO 13

O cristal continuava brilhando através da escuridão. O brilho seguia para o sul, porém parou repentinamente e começou a andar na sua direção. Provavelmente, obviamente, o cristal estava sendo carregado por corruptores. Seus poderes de espectro, assim como qualquer traço mágico, os atraíam. O bárbaro desceu o monte, acordou o garoto, desarmou o acampamento e, seguidos pelas montarias, subiram o monte novamente.

- Vê aquele brilho? — perguntou o bárbaro.
- Vejo — respondeu o garoto, ainda sonolento.
- É um cristal, está vindo em nossa direção.
- Há uma mina ao sudoeste daqui — disse o garoto após observar as estrelas.
- Uma mina que foi invadida. Não deveria ter corruptores aqui, só muito mais para o oeste — lamentou o garoto.
- Não faz diferença, ele já deve ter nos sentido.

Rudrik arrumou o turbante, como se de alguma forma isso fosse evitar que os corruptores o sentissem e, sem opção, disse:

- Vamos matá-los?

Sten levou um instante para notar que o jovem fez uma pergunta, pois era nítida a sua determinação. Então olhou para o garoto que permanecia com os olhos fixos na luz. Aquele jovem, que não devia ter vivido mais do que dezesseis invernos, mantinha a postura confiante de guerreiro, fazendo aparentar ter vivido um pouco mais. O grupo de corruptores que estava carregando o cristal eram provavelmente batedores. Valus ainda não tinha se recuperado totalmente, eles os alcançariam antes do amanhecer. Era uma luta, não podia evitar.

- Não será uma luta fácil, fique na retaguarda cuidando dos cavalos.
- Farei o que me pede, mas prefiro lutar.

Sten pensou: „Sou resistente, mas não sou invencível. Se eu for derrubado, ele acabará morto, não importa onde estejam. E mesmo que fugisse, os corruptores o seguiriam incansavelmente até morrerem de exaustão ou matá-lo." Então disse:

— Você deve confiar em mim e não pode se render ao medo. Você está pronto?

— Sim.

Esse era o tipo de afirmação que Sten queria ouvir. Ninguém pode determinar o resultado de uma batalha, nem mesmo as mais vantajosas. Por isso, a verdadeira coragem de um guerreiro é não temer a derrota, pois aqueles que temem a derrota estão indo em direção a ela.

— Vamos continuar andando até encontrarmos um terreno favorável para nos prepararmos.

O bárbaro tomou a frente dessa vez, puxando o cavalo pelas rédeas. Marcharam com passadas contínuas. Durante o trajeto, Sten sacou seu machado da montaria, passou a empunhá-lo e começou a sentir a euforia da batalha. Ele também sentia medo, mas, no seu caso, o medo era o que aprimorava sua ira. Ele adquirira o instinto de sentir raiva do próprio medo e projetava essa raiva em seus inimigos.

Com o passar das horas, a luz do sol desapareceu, tornando o brilho do cristal mais evidente. À medida que caminhavam, seus olhos se adaptaram à fraca luminosidade refletida pela lua que, além de transformar as dunas de areia em um oceano cinzento, também trouxera com ela o frio noturno. As dunas foram perdendo a ondulação. Valus seguiu seu ritmo. A ausência de elevações e do calor angustiante do deserto estavam recuperando o vigor do cavalo. O terreno continuava arenoso e ainda era possível ver, mesmo na escuridão, o vento soprar a areia, criando pequenas ondas na aridez do ermo. Mas isso só era possível porque agora não havia nenhum obstáculo entre eles e a rajada de vento. O oceano se tornara uma planície.

— Deixaremos os cavalos aqui e avançaremos contra eles — disse o bárbaro.

O jovem sacou seu machado do draconete, enquanto o bárbaro pegava o resto da lenha que havia sobrado e entrelaçava as rédeas do draconete com as de Valus. Depois, mostrou a palma da mão para o cavalo. Valus relinchou em resposta, demonstrando que havia entendido o comando. Seguido pelo garoto, o bárbaro avançou na direção da luz que agora cintilava.

— Será aqui onde os enfrentaremos — disse o bárbaro, alguns metros à frente.

Sten usou a lenha para fazer duas fileiras, formando com elas um corredor que afunilava. O fogo ofuscava a visão das criaturas e as impediria de cercá-los, fazendo-as ir ao encontro do seu machado. Rudrik tirou um amuleto feito de osso talhado em forma de um martelo que estava oculto pela sua armadura e fechou os olhos.

— Não reze para os deuses — disse o bárbaro. — Deixe que eles observem sua coragem.

O garoto assentiu, guardou o amuleto e voltou a olhar para a luz. Quando a lua negra surgiu e obscureceu o céu noturno, tornando-se visível e lançando suas sombras na planície arenosa, Sten verificou a luz que anunciava a posição dos seus inimigos para confirmar se ela também fora obscurecida e notou que ainda brilhava, mas agora avançava rapidamente em sua direção.

— Não falta muito agora. Acenda a lenha e se prepare — disse Sten.

Rudrik fez uma fogueira e espalhou suas chamas no restante da lenha, posicionando-se ao lado de Sten, no seu flanco, como fora ensinado a fazer. O bárbaro cerrou os olhos dourados, concentrando-se na luz que tremeluzia na escuridão, e pôde sentir os olhos das criaturas sobre ele — olhos completamente negros que refletiam apenas a chama da fogueira. Sten viu nove sombras se aproximarem, trazendo consigo o medo. Depois, ouviu seus silvos sinistros e dissonantes, o som que anunciava o começo da carnificina, que faz emergir a súbita sensação de morte. O bárbaro conhecia esse som e deixou que a sensação o dominasse, então a queimou em sua fúria ensandecida. As criaturas tomaram forma à sua frente: seres cinzentos escamados, curvados, correndo de maneira feroz usando seus membros superiores. Seus corpos expeliam miasma, uma fumaça negra que os seguia como uma sombra. Sten olhou para Rudrik. O jovem permaneceu firme ao seu lado e havia raiva em seu olhar. As criaturas avançaram. No fim da sua corrida, ergueram-se, expuseram suas garras e revelaram seus dentes pontiagudos e enegrecidos. Os silvos tenebrosos dos corruptores colidiram com o grito brutal do bárbaro e a raiva silenciosa do garoto, dando início ao conflito.

A criatura que tomou a dianteira segurava o cristal e saltou em direção ao bárbaro com as garras à mostra. Foi recebida com um golpe no meio do peito que a pôs abaixo, fazendo-a largar o cristal e encerrando sua vida. Outra saltou em seguida. O bárbaro desviou de suas garras e retirou o machado que estava preso no corpo da anterior para atacá-la, mas Rudrik agiu primeiro. Assim que a criatura pousou no chão, foi atingida, e a lâmina se enterrou nas costelas do corruptor. O garoto teve que chutar a criatura para desprender a lâmina. Outras duas avançaram sobre eles. Rudrik se posicionou atrás de Sten, como fora ensinado, e o bárbaro avançou. Sten golpeou ao mesmo tempo que foi golpeado pelas duas. As garras se prenderam nos ombros e braços de Sten, mas a lâmina do machado do bárbaro rasgou completamente o pescoço de um dos monstros, fazendo com que suas garras o soltassem ao despencar. Rudrik atacou pelo flanco e atingiu o pescoço do outro, que também caiu morto. Os últimos cinco atacaram ao mesmo tempo. Três partiram para cima do bárbaro, que acertou a cabeça de um deles, mas o machado não o atingiu forte o suficiente para matá-lo. A criatura cambaleou e prendeu suas garras nas costelas de Sten. O segundo saltou sobre o anterior e mordeu o pescoço do bárbaro, e o terceiro aproveitou que ele estava imobilizado para escalar suas costas e fincar os dentes no seu ombro. O bárbaro, com sua força bruta, tentava se desvencilhar dos três. Rudrik tentou atacar um dos corruptores que imobilizara Sten, porém os outros dois o atacaram primeiro. O jovem se esquivou do primeiro ataque dando um passo para trás, desviou do segundo se abaixando e aproveitou o momento para se posicionar. Os corruptores tentaram observá-lo, mas seus olhos se perderam nas chamas. Rudrik parou atrás de Sten e atacou a criatura nas costas, que silvou de dor e caiu na areia para ser atingida mais duas vezes pelo jovem, que não lhe deu chance de levantar. Sten empurrou com o cabo do machado a criatura que mordida fortemente o seu pescoço, fazendo-a desequilibrar e cair de costas no chão. O machado do bárbaro se elevou junto com o grito de ódio do seu portador e caiu sobre a criatura, partindo seus ossos, esmagando seus órgãos e matando-a instantaneamente. Um corruptor ainda estava preso ao torso de Sten, e os outros dois finalmente avistaram o garoto em meio às chamas. Rudrik voltou para a frente de Sten e estava pronto para atacar o único corruptor que estava preso a ele, mas viu um movimento repentino indo na sua direção e deu um passo para trás. Mesmo assim, as garras do corruptor lhe atingiram. Elas se prenderam no seu turbante, arrancando-o, e rasgaram sua testa, fazendo o sangue jorrar pelo ferimento. O garoto, mesmo cego pelo sangue que jorrava por sua testa, ainda conseguiu esquivar dos ataques que eram lançados incessantemente sobre ele,

mas estava obviamente em desvantagem. Sten, notando que o garoto estava em desvantagem, ergueu o machado e o arremessou nas costas de um dos corruptores que o atacava. O machado não cravou a lâmina na criatura, mas seu próprio peso e a força de arremesso jogaram o corruptor ao chão. Sten, agora sem armas, pôs as mãos na nuca e no queixo da criatura que o segurava e, com apenas força bruta, girou sua cabeça, proporcionando um estalo alto, e a criatura parou de se mexer. Rudrik, vendo que restava apenas um o atacando, aproveitou a oportunidade para contra-atacar. Durante o seu movimento de esquiva, usou o peso do próprio corpo para lançar o ataque, como Sten tinha lhe ensinado. O machado girou e entrou até a metade do torso do corruptor, que perdeu toda a força para se manter em pé e caiu aos gritos de dor, que continuaram até que a morte o alcançou. O machado havia entrado tão fundo que Rudrik abandonou a esperança de puxá-lo do corpo quando o último corruptor vivo — aquele que tinha sido derrubado pelo machado de Sten — se levantou. Rudrik sacou a faca de caça e se preparou. O bárbaro agarrou a criatura com as mãos nuas antes dela chegar ao garoto, girando-a e erguendo-a como se fosse um espantalho. Frente a frente com a criatura, suas mãos se prenderam em volta do seu pescoço. Ela se esperneava, acertava-o com as garras e pernas na esperança de se livrar. As garras acertavam o bárbaro no rosto e pescoço, mas não impediam o bárbaro, que mantinha o olhar fixo nos olhos completamente negros e com uma expressão de desespero. Aos poucos, a criatura perdeu sua força até não sobrar nada dela. Então, o bárbaro a soltou. Sten olhou para os cadáveres. A maioria deles estava em pedaços. Então, olhou para o garoto.

— Bom trabalho, Rudrik.

O garoto sorriu e passou a mão na cabeça. Então, percebeu que seu turbante tinha caído, fazendo com que seu sorriso virasse constrangimento. O bárbaro se deparou com seu ferimento evidente, mas o que o impressionou não foi a gravidade do ferimento, foi a cabeleira desgrenhada e de cor de prata enegrecida de Rudrik.

— Vá até os cavalos — disse o bárbaro.

— Tudo bem, senhor — respondeu o garoto, olhando para o chão e indo na direção das montarias.

Sten ficou parado em meio aos corpos, no mesmo lugar em que falara com o garoto. Ele não era o primeiro jovem de cabelos prateados que conhecera, mas

sabia o que aquilo significava. Todos sabiam o que significava. E entendeu por que o administrador queria se livrar dele e por que ele demonstrava interesse na Torre Negra.

CAPÍTULO 14

Stan já estava há alguns meses na Torre Negra. Tinha percebido que a maioria dos soldados era como ele: tinham cabelos escuros, outros raros tinham cabelos ruivos ou loiros, mas uma grande parcela era prateada. Esse fato era quase que imperceptível para ele, pois era tratado com naturalidade, tornando-se algo ordinário. De tempos em tempos, mais recrutas se juntavam aos cavaleiros, mas os recrutas mais velhos tinham um treinamento especial, já que muitos deles eram soldados ou guardas que decidiram fazer o juramento. Já os mais novos eram órfãos, e muitos deles eram prateados. Sten, assim como todos os recrutas jovens, fazia o treinamento junto com eles. Ele cumpria seu papel como recruta, mas sempre que tinha um tempo livre, subia a torre para conversar com Ramon. O velho era uma fonte inesgotável de conhecimento, mas quando chegavam a um assunto misterioso, repetia a frase „esse assunto fica para outra hora". Diferente do costume, dessa vez não fora Sten que subiu para ver o velho, mas ele que desceu. Estavam em um treinamento na arena central. O instrutor, o mestre Hadares, um homem baixo, de cabelos negros e corpulento, dava aulas sobre pugilismo, uma espécie de luta grega à qual Sten não dava nenhum valor, e disse o motivo a Ramon:

— Heimdall me disse que, se soltar minha arma, acabarei morto.

— Sem armas diminui sua chance, mas talvez chegue o momento em que não tenha armas e continue vivo. Nesse momento, só terá essas técnicas para se defender. É melhor prestar atenção: elas podem salvar sua vida.

— Acha mesmo que um homem pode matar um corruptor com isso? — perguntou o garoto, apontando para a demonstração de golpes.

— Um corruptor menor — pensou o velho. — Sim, creio que sim. Agora, um maior, não. Um único homem, mesmo totalmente equipado, creio que não consiga. Talvez um espectro...

Ramon ficou em silêncio, analisando a pergunta. Sten, vendo o velho cerrar os olhos amendoados, decidiu que o melhor a fazer era prestar atenção. Hadares continuou sua demonstração de golpes. A maioria eram golpes com os punhos, chutes e agarrões. Após terminar a apresentação, sacou a espada de madeira e

disse:

— Eu sei o que estão pensando: „que coisa inútil". Mas faremos algo divertido agora. Faremos duelos. Nesse duelo, só se encerrarão quando eu disser. Não me importo se estão desarmados ou se a porra do seu braço quebrou. Foi por isso, aliás, que eu pedi que o mago descesse até aqui. — Hadares apontou com a espada de madeira para o velho. — Hoje superarão seus medos.

Hadares passou a pedir para os garotos desafiarem uns aos outros. Sten observou as lutas como um esporte: não parecia muito perigoso. O treinamento com Heimdall era muito mais desgastante do que aquilo. Hadares não deixava realmente que um braço acabasse quebrado, mas muitos dos duelos eram resolvidos nos punhos. „Talvez não seja tão imprestável", pensou Sten. Após uma das disputas, um dos garotos de cabelo prateado pulou no ringue, e Hadares disse:

— Agora veremos quem está disposto a aceitar lutar com Iason.

Ninguém se propôs a aceitar. Sten, em sua inocência, achou que se tratava do fato de ele ser um guerreiro melhor, mas não era essa a razão. Sem se importar e para cumprir o treinamento, pulou para o centro da arena, aceitando o desafio.

— Ótimo — disse o instrutor. — Um prateado e o sucessor de um Espectro. Não poderia ser melhor.

Sten permanecia calmo. Enfrentara Heimdall quase todos os dias. O garoto de cabelo prateado entrou em posição de combate e parecia um adversário minúsculo em comparação com o seu mestre. Sten pegou uma espada de madeira. Houve um certo desconforto, pois sabia que a espada não era a sua arma, mas sentiu que ela seria suficiente. Voltou ao centro e ergueu a espada de madeira, mantendo-a na frente do corpo em guarda frontal. Não iria facilitar para o garoto.

Assim que o mestre Hadares gritou para que comesçassem, Iason avançou em um ataque frontal, como Sten previra, e antecipou o golpe, colidindo a espada com a espada, acertando a base da lâmina próxima ao cabo. O golpe fez a madeira estremecer, fazendo com que Iason soltasse a espada. Sten se afastou, ainda em guarda frontal.

— Vamos, cinzento, pegue a espada. Nem começou o duelo — disse o instrutor.

Iason pegou a espada do chão e se colocou em guarda novamente, ergueu a espada por cima da cabeça como se fosse golpear e Sten seguiu o movimento, então percebeu que seu ataque era realmente previsível e ineficaz. Simulou novamente em outra direção e teve o mesmo resultado. Antes que pudesse fazer uma terceira tentativa, Sten atacou. Seu primeiro golpe foi na espada de Iason, que estava em movimento — um golpe seco como de um machado que fez o garoto se desequilibrar. A espada de Sten entrou por sua guarda, acertando sua costela. A madeira veio como um machado, porém, quando encostou na pele, ele a pressionou e a puxou, causando uma queimação e rasgando sua pele. Iason se afastou e verificou o ferimento, depois olhou para Sten e percebeu que, se seu adversário quisesse, poderia tê-lo acertado pelo menos mais uma vez.

— Essa porra não é um esporte, não tem marcação de ponto, lutem até eu decidir um vencedor. — Disse Hadares.

Iason voltou à posição de combate — ele não deixaria Sten continuar brincando com ele. Mestre Hadares aprovou o retorno do combate. Quase tudo se repetiu como da vez anterior: Iason procurou uma abertura e Sten atacou sua guarda. As espadas se chocaram e a espada de Iason foi para longe. Movido pela raiva, Iason desferiu um soco de mão nua em Sten. Era um soco previsível, porém, assim que a mão de Iason recuou, um flash de luz se formou nela — uma energia azulada expandiu em seu punho, percorrendo todo o braço. O soco foi em sua direção em pura eletricidade, como um relâmpago. Sten defendeu com a espada e fechou os olhos quando um clarão de luz surgiu. A madeira vibrou em resposta e dissipou a carga elétrica. Iason não se conteve: com a outra mão, desferiu outro soco com a mesma potência e intensidade. Seu punho acertou o abdômen de Sten. A energia percorreu seu corpo e travou seus músculos. Sten não pôde gritar, apenas cambaleou enquanto a eletricidade transitava em cada fibra do seu corpo e seu abdômen queimava. Sua consciência começou a se esvaír, mas a dor o manteve preso no presente. Outro soco foi em direção à cabeça de Sten, que apenas mantinha força para ficar em pé. Como cambaleava, o punho passou pela lateral de sua cabeça — como acompanhava o movimento cambaleante do seu corpo, não foi atingido. Sten pôde ouvir o som da eletricidade passar ao lado da sua orelha, como um cantar de mil pássaros. A dor despertou o instinto de sobrevivência, injetando adrenalina em seu corpo. Sua visão não era mais do que um borrão; seu inimigo não era mais do que uma sombra na sua frente. Manteve

os pés firmes no solo, empunhou a espada com força e, usando tudo que restava da sua força, girou o corpo e atacou a lateral do vulto que se movia à sua frente. A espada o acertou não como uma arma cortante, e sim como realmente era: como um pedaço de madeira que se partiu com o impacto e lançou o vulto ao chão. O vulto gritou em agonia, um som que para os ouvidos de Sten era um zunido abafado que significava que a criatura ainda estava viva. Soltou a espada que havia se partido e caiu sobre a criatura. Seu punho errou a sombra que se movia; seu ataque subsequente também acertou a areia. Sten, na fúria para acabar com seu inimigo, o segurou pelo pescoço e apertou. Seu inimigo tentou se livrar dele, mas não tinha forças e, em um ato de desespero, colocou ambas as mãos nas costelas de Sten e soltou sua descarga elétrica. A eletricidade percorreu novamente seu corpo como água fervente. A dor lhe dava força. Sten ouviu um grito áspero ao seu redor e sentiu mãos tentando o agarrar e sendo repelidas pela dor causada pela eletricidade. A criatura à sua frente se debateu em desespero; a agitação da sua presa lhe ofereceu mais força. Apertou ainda mais forte, fazendo os gritos ficarem agudos, e logo depois apenas um chiado, então desapareceu e a eletricidade parou de fluir. Estava prestes a matá-la, mas uma rajada de ar o atingiu e o lançou para longe. Mãos de todos os lados o agarraram no chão. Parte do seu corpo começou a congelar, e outros vultos o mantinham no chão, mas sua visão ficou no vulto que era o seu alvo — ele já não se movia. Seu objetivo tinha sido cumprido. O gelo se espalhou ainda mais, adormecendo seu corpo e anestesiando a dor. A ausência de um objetivo e a ausência de dor deram lugar ao cansaço. Sua visão se tornou completamente negra, sua consciência se perdeu no cansaço e na escuridão.

Uma sensação de dormência se espalhou em seu abdômen, era uma sensação agradável que o fez recuperar os sentidos. Quando abriu os olhos, viu que estava na ala médica e Ramon mantinha a mão em seu abdômen.

— Parece que você acordou, temia ter que dizer a Heimdall que ele perdeu outro aprendiz.

— O que aconteceu?

— Você não se lembra?

— Eu estava lutando e...

As memórias vinham em fragmentos. Sten se lembrava de que havia lutado e havia vencido, lembrava da dor, da sombra, da força que possuía na hora, da

sensação do fulgor do combate e então fez associação da criatura com Iason. Vendo a expressão do garoto, o ancião disse:

— Não se preocupe, o outro jovem está bem, só a costela que estava arruinada, mas eu já dei um jeito. — O ancião tirou as mãos do abdômen de Sten e as colocou em um balde, deixando-as por um tempo. Depois, tirou as mãos do balde e as colocou novamente no abdômen do garoto.

— O que tem no balde?

— Água.

A sensação de dormência retornou e Ramon se concentrou no processo de cura. O corpo do garoto, que ainda não tinha sido tratado, queimava, mas seu incômodo maior era a vergonha. O que incomodava ainda mais era que Ramon não parecia aborrecido — Heimdall com certeza estaria.

— Bem — começou o velho, tirando as mãos do ferimento de Sten, que agora estava totalmente curado. — Hoje foi um bom dia.

— O que tem de bom nisso? — perguntou Sten, incrédulo.

— Você encontrou um novo aprendiz. Nem todos os prateados podem usar os poderes.

— Poderes, eles são espectro?

— Seus poderes são biológicos, diferente dos espectros que são... — Calou-se o velho como se fosse dizer algo que não devia, respirou fundo e disse finalmente:

— Os poderes são iguais, mas os espectros são como bateria, como os cristais.

— E o que eles são?

Ramon parou novamente. Sten o conhecia há tempo suficiente para saber que aquilo era um sofrimento, não físico, mas a dor de não poder dizer toda a verdade, não poder compartilhar o que sabia. Sten ficou totalmente em silêncio, pronto para tentar captar os mínimos detalhes do que o velho estava disposto a dizer.

— No primeiro eclipse... nenhum homem da minha tribo sobreviveu. Por muito tempo isso não foi um problema, pois as Antigas não envelhecem. Meu povo vive no Oeste, em caravanas, como nômades, vagando com o Monólito e seguindo o fluxo das estações. Mesmo com sua alta magia e imortalidade, os ataques dos Corruptores as matavam uma a uma, enfraquecendo-nos pouco a pouco. Para evitar a extinção, a Alta Sacerdotisa ordenou que migrássemos para

o leste, buscando reforçar nossas forças. Mas logo perceberam algo inquietante: quase nenhum dos filhos homens herdava o poder, tornando-se um risco para a caravana. Já as mulheres, com raras exceções, todas nasciam com magia.

— E o que acontece com os filhos homens?

— São deixados com os pais. Os que possuem dom mágico mal controlam seus poderes, causam muitos acidentes. E mesmo os que não possuem têm o bastante para atrair os Corruptores, tornando-os um perigo para todos. Por isso, são tratados como párias.

— Até você, Ramon?

— No princípio, eu também não controlava meus poderes, eles surgiram de forma espontânea, por isso abandonei Alexandria e peregrinei para o oeste. Era caótico, eu era um perigo até para mim mesmo. Por sorte, consegui encontrar o meu povo e aprendi com eles e finalmente descobri a verdade...

— A verdade?

— Bem... isso fica para outra hora, é melhor descansar. A magia de cura apenas acelera seu metabolismo, é melhor ficar em repouso.

Ramon se retirou levando o seu balde e deixando a dúvida. No passado, o garoto manteve a curiosidade sobre a origem da magia, mas o bárbaro já sabia, sabia o segredo não apenas da fonte da luz, mas da sombra que ela criava. Cada luz que existia naquele mundo era tragada pela escuridão, e aqueles que carregavam a chama prateada ocultavam seu brilho, pois cada essência mágica que existia em Solares atraía a imensa escuridão, e cada sacrifício feito para mantê-la acesa a consumia um pouco mais.

CAPÍTULO 15

Rudrik seguiu a ordem do bárbaro e foi até o local onde estavam as montarias, deixando Sten sozinho na escuridão, acompanhado apenas pelo brilho intenso do cristal que os corruptores haviam largado. Caminhou lentamente até ele. O cristal cintilou respondendo à sua presença assim que encostou nele. Sten o ergueu e sentiu sua luz percorrer seu braço até as solas dos seus pés e se espalhar pela areia. O cristal branco era infinitamente mais fraco que o cristal primordial, porém, mesmo o pequeno fragmento que tinha pouco mais de 20 centímetros era suficiente para intensificar sua força. Um homem comum pensaria em quanto o cristal valeria ou quantos disparos poderia dar com uma Hefesto usando sua energia, mas o bárbaro só o via como uma ferramenta para usá-lo.

Após admirar o cristal, voltou ao acampamento. O garoto havia organizado o acampamento e já estava sentado afiando seu machado. Sua testa tinha a marca do ferimento na parte superior, mas já não sangrava. Sten passou por ele e guardou o cristal na bolsa. A camada do tecido não era suficiente para conter seu brilho, assim como não poderia evitar que outros corruptores o sentissem, mas, mesmo que o escondesse, não poderia esconder o prateado que andava com ele. Como esse era um problema que o bárbaro não podia resolver, lidou da melhor forma que podia, que era se sentar e afiar também seu machado. Porém, não conseguiu não pensar no assunto. Sten olhou para Rudrik. O garoto sentiu os olhos dourados do bárbaro sobre ele e, sem nem mesmo olhar, Rudrik disse:

— Se o senhor quiser, vou embora — disse o garoto e, assim que passou a pedra de amolar uma última vez, encarou Sten e completou: — Mas acho que não conseguirá rastrear o Draco sozinho.

Sten ficou irritado com o fato de ele ainda o chamar de senhor e pelo fato de que o garoto tinha razão. Porém, o que mais o irritou foi ele ter mentido sobre si mesmo — mesmo o motivo sendo óbvio, isso ainda o irritava. Além disso, o garoto poderia estar ocultando seus poderes.

— Que tipo de poder você possui?

— Não tenho. Se tivesse, teria dito quando me revelou os seus — falou o garoto seriamente, apertando o machado e olhando para o chão. — As minas foram tomadas há dois anos. Antes não tinha corruptores aqui, só mais para o oeste... Se quiser, vou embora.

Sten sabia que não era Rudrik que atraía os corruptores, e sim ele próprio. Por ser um espectro, a magia fluía mais forte em si. O garoto tinha sido útil desde sua chegada, e não poderia simplesmente se livrar dele. O mais lógico seria continuar com ele. O bárbaro sentiu conforto nessa razão, mas antes que tivesse tempo de responder, Rudrik disse:

— Talvez seja melhor assim. Podem aparecer mais corruptores e, logo depois do areal, talvez não tenha trilha. Senhor, poderia...

— Eu não tenho medo desses bostas! Para ser sincero, adorei quebrar os ossos desses malditos! — disse Sten irritado, levantando-se.

Não se importava com os corruptores. Ele próprio era um chamariz para os monstros. O problema era que o bárbaro confiava no garoto, e isso era o motivo da sua irritação:

— Há mais algum mistério que guarda de mim?

— Não, senhor — disse o garoto.

Sten viu sinceridade no seu olhar e disse:

— Então afie bem o machado, pois vamos partir e matar qualquer corruptor que ficar entre nós e o draco.

Rudrik ficou surpreso e, pela primeira vez, conseguiu entender a natureza pragmática do bárbaro. Percebeu que pouco importava a razão do segredo; o que o irritava era sua ocultação. O bárbaro sentou-se e voltou à sua tarefa.

— Obrigado... — disse o garoto, buscando mais a dizer.

— Foque no seu trabalho, o resto não importa.

Em silêncio, fez o que tinha sido ordenado: afiou o machado, até mais do que deveria. No ato, percebeu o que tinha de mágico nele: acalmava a mente. Não estava apenas afiando o machado, também estava polindo os próprios pensamentos. Quando se levantou para partir, pegou o tecido que usava como turbante. Ainda estava ensanguentado. Olhou para o tecido e para o céu noturno

e percebeu que não havia mais razão para usá-lo. Deixou o pano escapar e ser soprado pelo forte vento do oeste. Quando se virou, o bárbaro esperava por ele. Tomou a dianteira em direção à silhueta dos arenitos que estava longe no horizonte.

A caminhada noturna foi monótona como na noite anterior: um passo atrás do outro, sempre em direção ao oeste, em direção das estruturas de arenito. A noite se passou demoradamente, como uma caminhada hipnotizante. As estruturas não pareciam se aproximar; sumiam quando desciam nas dunas e retornavam ao subi-las. Então o areal parou de ondular e se manteve plano. As estruturas começaram a se aproximar. O bárbaro pôs a mão na areia e sentiu a pedra sedimentar a pouco menos de um metro. Logo sairiam do areal. O bárbaro informou o garoto, que apenas acenou afirmativamente. O céu estava cinzento, indicando o começo do amanhecer. Se ambos se apressassem, poderiam sair do areal. Sten expôs essa ideia a Rudrik, que respondeu com seu cordial „sim, senhor“.

Quando o sol surgiu às suas costas, o bárbaro fez novamente o teste. A areia estava do comprimento do seu braço, era o suficiente para formar a típica cabana com o poder elemental. Deixariam para sair do areal no dia seguinte. O bárbaro informou ao garoto, que apenas acenou com a cabeça. A cabana surgiu como uma flor que cresce no concreto, empurrando toda a areia para o lado. Quando toda a estrutura se formou, ambos colocaram seus pertences e dormiram sem dizer o que fariam ao deixar o areal.

Sten sonhou com a torre negra, com Ramon, com suas lições, com os prateados. A escuridão tomou conta dele. Seu corpo começou a formigar. A luz. Os Espectros. Os cristais. A lua negra. Tudo está conectado. Viu novamente um Sol azul em horizonte desértico, e um humanoide o eclipsava. O Sol era pura luz brilhante e o humanoide, pura escuridão, mas mesmo na pura escuridão seus cabelos e olhos tremeluziam, em tons prateados. Sten acordou repentinamente. O sol, dessa vez vermelho, estava ainda em vigor do lado de fora da cabana. O bárbaro correu desajeitadamente em sua direção. Assim que saiu para o lado de fora, rolou desajeitadamente na areia e na luz solar do seu salvador. Rolou e se virou para a cabana com os punhos cerrados, como se por alguma razão um inimigo estivesse por lá. Não demorou muito para a razão voltar, então relaxou. O miasma dos corruptores e as caminhadas à noite haviam cobrado seu preço, mas não era isso. Ele sabia que seu tempo estava acabando.

Sten entrou apenas para pegar o seu machado e esperou do lado de fora enquanto o dia passava. Com o tempo que teve, percebeu que seria melhor acordar o garoto enquanto ainda tinha um pouco de sol, pois precisaria da luz para achar os rastros. Também verificou Valus. O cavalo parecia ter se recuperado. Pegou seus mantimentos e os passou para o cavalo. Não queria arriscar montá-lo, mas acreditou que pelo menos o peso dos mantimentos ele podia suportar. Com receio, foi até a parte mais funda da cabana para acordar Rudrik. Sentiu um leve tremor, que a princípio achou que era por conta das sombras. Parou e sentiu novamente. Colocou a mão no chão e sentiu, dessa vez de forma nítida. Era um arranhar, um caminhar. Podia sentir na pedra, na terra, no seu elemento. Estava lá. Algo se movia na areia. Sten sacudiu Rudrik:

— Algo se move na areia — disse Sten, voltando para o centro da cabana e colocando as mãos no chão.

Rudrik se levantou meio sonolento e fez o mesmo.

— Não sinto nada.

— Pegue seu machado.

Ambos saíram empunhando seus machados e olhando ao redor. Na direção do Sol, para o oeste, para as montanhas de arenito, uma sombra andava cautelosamente abaixo dele. Não era uma sombra humanoide, era uma sombra imensa e reptiliana. Sua cabeça se movia de um lado para o outro, até que avistou a dupla. Parou o movimento, levantou-se sobre as patas traseiras e logo caiu novamente, batendo as patas dianteiras no chão. A poeira à sua volta se ergueu, e a criatura rugiu. O som espalhou a poeira à sua volta. O som começou grave como o bramar de um urso e afinou como o grito estridente de uma águia. Era o rugido de um Draco.

CAPÍTULO 16

O tremor acompanhou a passada da criatura que, após rugir, partiu em direção à dupla. Sten gritou para Rudrik:

— Suba na sua montaria!

O garoto subiu na montaria, pegou suas rédeas e se virou para Sten, que permanecia no mesmo lugar, e perguntou:

— O que vai fazer?

— Vou distraí-lo. Se achar uma brecha, ataque suas pernas. Não saia da montaria, morrerá se cair no chão.

O garoto assentiu e recuou alguns metros para se distanciar do acampamento. Sten foi até Valus. O cavalo estava sobrecarregado. Não havia tempo para tirar seu equipamento, então Sten disse „Recuar" e o cavalo começou a andar. O tremor ficou mais próximo. Longe da ofuscação da luz, a criatura mostrou sua aparência. Suas escamas eram negras e cobriam todas as costas e a face. Sua boca era pontuda como um bico, mas repleta de dentes. Olhos amarelos como de um gato. Possuía também chifres em formato de „U" sobre sua cabeça. A poeira se erguia sobre as suas pernas a cada passada. A parte inferior do corpo não era totalmente coberta de escamas, pois a parte interna deixava exposta uma pele cinzenta e levemente escamada.

Sten se preparou, puxou a fúria de dentro de si, queimando. Porém, ao se aproximar, o Draco tomou outra direção e começou a virar para um dos lados, indo na direção de Valus. Sten gritou primeiro para atrair a besta em sua direção. Não podia usar seus poderes por conta da areia e da distância, então apenas gritou, dessa vez em pura fúria, pois sabia o que viria a seguir. O cavalo correu o máximo que pôde, porém não estava totalmente recuperado. A poeira e o tremor o alcançaram. Comparado com o animal, a besta era monstruosa. Quando a poeira cobriu a besta, ela o abocanhava. Houve um relincho confirmando que havia acertado o alvo. A besta ergueu a cabeça carregando em sua mandíbula a

montaria. Os relinchos continuaram. O meio do cavalo estava entre a mandíbula e o maxilar do Draco que, olhando para o céu, fechou com toda a força seus dentes sobre ele. Houve um grande relincho juntamente com um som seco e agudo. Duas partes de Valus caíram na areia e uma terceira foi mastigada pela criatura.

O bárbaro correu em frenesi. A consciência já não fazia mais parte do seu ser. Quando entrou na poeira, golpeou a perna da criatura, que soltou um sonoro ruído. Os restos não mastigados caíram na sua volta. Golpeou novamente, dessa vez na diagonal, como se tivesse cortando uma árvore. Preparou um terceiro golpe e recebeu uma tapa como resposta, que o fez rolar no chão. Antes que pudesse se levantar, recebeu outro golpe, fazendo-o rolar para o outro lado. Parou contemplando o céu, desorientado. Uma pata imensa, cobrindo todo o seu corpo, caiu sobre ele, forçando-o contra a areia.

A montaria de Rudrik estava em velocidade total. Quando o bárbaro foi pressionado contra a areia, ele já estava no seu alcance. No momento, lembrou-se da sua lição. Não aquelas que Sten havia ensinado, e sim das lições dadas por seu pai. Rudrik gritou e bateu os calcanhares com mais força na montaria. Firmou as pernas no animal, soltou a rédea e segurou o machado com ambas as mãos. Ao passar próximo à pata do animal, jogou toda a potência do golpe, aproveitando a velocidade. A lâmina cravou na lateral da perna e, no movimento, rasgou toda a parte em que passou. Rudrik nem olhou para trás, apenas ouviu o rugido. Pegou novamente a rédea e se concentrou em tomar velocidade.

Sangue caiu sobre o bárbaro que, assim que se viu livre, levantou-se, buscando se orientar entre o tremor, que agora seguia um arrastar, e a poeira. Apenas uma luz era visível. Seguindo-a, viu que se tratava do cristal. Usando a luz como guia, saiu da poeira e viu a perseguição. A criatura não conseguia acompanhar o garoto por conta do ferimento em ambas as pernas e por conta das suas manobras. Virava de um lado para o outro, forçando a criatura a se apoiar nas pernas feridas. Quando Rudrik viu Sten em pé, partiu em sua direção em toda a velocidade. A poeira corria atrás da montaria em velocidade, com o Draco acima dela. Sua imensa boca já se encontrava aberta. Sten soltou o machado, firmou os pés no chão, sentindo a terra sobre a areia. Quando Rudrik se aproximou, Sten ergueu o cristal e a mão com a palma para cima. O cristal brilhou em uma luz amarela e um bloco de terra surgiu atrás do garoto, submergindo da areia. Em disparada, a criatura não pôde prever o bloco e o atingiu com ambas as pernas. Sem o apoio, bateu um dos chifres no chão e a velocidade fez com que rolasse

pela areia, levantando uma nuvem de poeira. Sten sentiu parte da energia do cristal ser consumida. Sabia que só poderia usá-la mais uma vez. Pegou o machado e viu o garoto retornar, já se preparando para contra-atacar, e gritou:

— Não adianta, ele vai se levantar, não podemos continuar com isso!

— O que faremos?

— Temos que sair dessa areia.

Rudrik xingou e estendeu a mão para o bárbaro subir. Começaram a correr para o oeste, mais devagar do que deveriam — o peso do bárbaro forçava a montaria ao limite. Nenhum dos dois olhou para trás, porém Sten sentiu o tremor leve de algo se arrastando pela terra, depois se erguendo; por último, os tremores seguidos do arrastar recomeçaram. A montaria começou a desacelerar por conta do peso, a poeira retornou, porém mais fina. O tremor movia-se para a esquerda, rodeando-os como uma cobra pronta para dar o bote. Sten falou para Rudrik: "Vai atacar pela esquerda". O garoto não respondeu; o bárbaro preparou o machado. O Draco mergulhou sobre eles e, no momento, Rudrik puxou a rédea para o lado — a boca mordeu o vazio. Aproveitando o movimento, o bárbaro soltou seu golpe de machado, que raspou no supercílio da criatura, rasgou a membrana da pálpebra e se prendeu no interior do olho. Sten segurou o machado com força, fazendo-o rasgar ainda mais a carne antes de se soltar.

Outro rugido, dessa vez agudo, que afinou além da capacidade humana de ouvir — por conta disso, ele apenas se propagou pela vibração. A criatura ergueu novamente outra névoa de poeira enquanto atacava cegamente à sua volta. Em velocidade total, Sten se concentrou nos tremores, que cessaram. A montaria perdia ainda mais velocidade. Quando os tremores voltaram a se mover na sua direção, Sten falou:

— Está vindo de novo.

— Não vai funcionar dessa vez, estamos muito devagar.

— Distraia-o o máximo que puder, depois venha até mim, como da última vez.

Sten não esperou resposta. Assim que terminou de falar, jogou-se da montaria e apenas caiu — o impacto com o solo não o incomodou. Deitado, sentiu o Draco se aproximar, sentiu a montaria de Rudrik virar para a esquerda e tomar velocidade em movimento circular enquanto a monstruosidade partia em sua direção. Por um instante, o tremor se perdeu, causando um receio que percorreu

o corpo de Sten, forçando-o a aguçar ainda mais os sentidos para entender o que havia acontecido. Para seu alívio, sentiu a passada rápida que a montaria causava na areia enquanto avançava para longe do monstro.

Aproveitando a distração, Sten correu. Os tremores às suas costas continuavam a colidir entre si. O tempo corria, cada segundo fazia a diferença. O medo de não chegar a tempo intensificava cada vez mais sua velocidade. Seus passos ficaram firmes, indicando que o areal estava no fim. Deu uma última arrancada, chegando finalmente em terreno firme. Virou-se e observou a cena: o Draco atacava sem distinção enquanto o draconete contornava seu ponto cego, passando de uma lateral pela outra. Rudrik se inclinava sobre a sela para impulsionar a montaria em suas manobras. Uma raiva insana tomou conta da monstruosidade, alimentada por não conseguir acertar sua presa, e ela começou a atacar em volta de si desordenadamente. Aproveitando o caos e a fina poeira que se erguia, Rudrik passou a correr em direção a Sten em linha reta. Sten viu o Draco se acalmar e olhar ao redor. Seus olhos caíram sobre Rudrik, que avançava em toda velocidade. O garoto se inclinou para frente. O Draco, mancando, começou a pegar velocidade. A montaria, já cansada, não conseguia manter o ritmo — ela desacelerava gradativamente, já a monstruosidade acelerava.

Sten sabia que ele não conseguiria, e seu instinto foi avançar, porém, antes que pudesse fazer algo, o Draco alcançou o garoto. Rudrik moveu a rédea, mas sua montaria reagiu lentamente. Uma imensa pata acertou a lateral da montaria — sangue se ergueu no ar juntamente com a poeira. Rudrik e a montaria voaram no ar para logo aterrissarem na areia fina. Ambos caíram separados. Sua montaria caiu ensanguentada e, aos grunhidos, tentava se levantar. Rudrik gritou em fúria enquanto se apoiava no chão e se colocava em pé. O Draco ergueu as patas e atacou a montaria — cada ataque esmagava ainda mais o pequeno réptil, que já não se movia. Rudrik se levantou e, gritando, começou a correr. Sten, vendo-o se aproximar e logo em seguida observando o Draco perder o interesse em sua presa inerte, também se preparou: ergueu o cristal para o céu e o energizou com toda a energia do seu ser. O cristal brilhou em amarelo. Sten o puxou para si e o segurou como se estivesse segurando uma lança, pronto para atacar.

O brilho dourado era tudo que Rudrik via. Começou a sentir, pela primeira vez, o tremor que estava próximo e vinha em sua direção. Seu corpo doía e queimava, mas algo corria por suas veias, fazendo-o avançar. O cristal começou a vibrar em potência máxima. Sten sentiu como se estivesse segurando uma pesada lança. O

Draco se inclinou e abriu a boca para engolir o garoto, expondo seus enormes dentes prontos para destroçá-lo. Quando o garoto passou pelo bárbaro, o Draco o atacou. O bárbaro desferiu um movimento de ataque com a pesada energia do cristal — a terra se ergueu abruptamente. A ponta entrou na boca do Draco e continuou a avançar, rasgando e abrindo tudo no seu caminho. Mesmo o atravessando, ainda continuou a avançar. Sua base se alargou ainda mais, fazendo o topo do crânio da monstruosidade se partir e deslizar por entre a rocha até se inclinar para o lado e cair na areia.

A rocha manteve a forma como se fosse a sua original. Sten olhou para a sua mão e apenas um pó fino restava nela. Olhando para aquilo, imaginou o que poderia fazer se tivesse um cristal primordial. Um grito o tirou dos pensamentos. Olhou para trás e viu o garoto com uma mão erguida comemorando e a outra segurando a lateral do próprio corpo. A alegria da vitória... Há anos que o bárbaro não sentia aquilo. Para falar a verdade, era uma sensação boa, mas ele não sabia como pôr para fora. Rudrik foi até ele com a mão erguida e disse:

— Fui incrível, toca aqui!

Sten pensou em ignorá-lo, porém pensou melhor e percebeu que não teria conseguido sem o garoto. E aceitou. Rudrik sorriu. Sten não percebeu, mas ele também tinha um leve sorriso. Rudrik olhou para o corpo decepado, que havia inclinado e onde anteriormente se encontrava uma cabeça — agora era uma cachoeira de sangue. Então olhou mais adiante, viu os restos da sua montaria e começou a ir nessa direção, segurando a própria costela que doía.

— Esqueça-o por enquanto, temos trabalho.

Sten passou por ele com o machado em punho e se aproximou da cabeça decapitada. Com um golpe de machado, arrancou um dos dentes dela, que era do tamanho do seu antebraço. Pegou-o e disse:

— Temos a prova da morte, mas ainda não acabou. Temos que destruir o ninho.

CAPÍTULO 17

— Onde aprendeu? — perguntou Sten.

A pergunta saiu repentinamente, sem nenhum contexto. Rudrik, que estava rastreando, virou-se com uma expressão confusa no rosto e perguntou:

— A rastrear?

— Não, onde aprendeu a lutar sobre o cavalo?

Rudrik se virou, procurou o rastro e disse, ainda de costas para Sten:

— Meu pai me ensinou. Ele também me ensinou a rastrear.

Outra pergunta surgiu na mente de Sten: "Onde está o seu pai?", porém o bárbaro não perguntou. Rudrik voltou a seguir a trilha de pegadas que só poderia ser vista por ele. Ambos haviam retornado ao local em que o Draco havia aparecido. O sol já começava a se esconder pelos arenitos à frente, as sombras já estavam os alcançando, quando Rudrik se virou novamente. Sten achou que era para reclamar da ausência da luz.

— Não vai ter um pai no ninho? — perguntou o garoto.

— A fêmea nós acabamos de matar. O macho deve estar em outro lugar — eles não ficam juntos. Essas bestas são mais comuns nas terras do oeste. Somente os filhotes devem estar no ninho. Apresse-se, acho que podemos matá-los ainda hoje.

Rudrik fez o que foi mandado, apesar de achar estranho o homem tratar a morte das criaturas com tanta naturalidade. Assim que saíram do areal, os traços ficaram mais visíveis e Rudrik começou a se mover mais rápido. Entraram entre os arenitos quase que em marcha, parando de frente a uma caverna, pois a escuridão barrava a dupla. O garoto acendeu uma tocha. O bárbaro a tomou dele

e seguiu para dentro da caverna. Um chiado baixo ecoava pelo túnel juntamente com o cheiro de lama. Mais à frente, a luz da tocha revelou uma bifurcação que levava a um lamaçal, e na outra passagem podia-se ouvir um chiado. Sten pôs a mão no chão e sentiu o abismo que seguia o lamaçal. Se seguisse por aquele caminho, teria que nadar — nadar na escuridão. Então apenas se virou e seguiu pelo caminho pelo qual o som do chiado se propagava. Mais à frente, o som ficou mais intenso e a luz da tocha refletiu seis brilhos vermelhos que, ao se aproximar, se tornaram os olhos das pequenas criaturas. As três chiavam, tinham a mesma aparência que sua mãe, porém suas escamas eram transparentes. O bárbaro passou a tocha para o garoto, que ficou sem reação. As criaturas se levantaram e gralaram em resposta — tinham mais de 1,5 m de altura. O bárbaro andou sem hesitar, ignorando seus grunidos, que se tornaram mais agressivos, e atacou. O machado decapitou uma das criaturas e as outras atacaram. Ambas se prenderam ao corpo dele enquanto tentavam mordê-lo. Uma delas foi empurrada pelo bárbaro e levou dois golpes de machado. O primeiro golpe foi acompanhado por um gralido, outro golpe caiu sobre ela e, dessa vez, a criatura não gralou. A outra cria continuava a atacar o bárbaro, que a ignorava completamente. Assim que deu fim à última, empurrou-a e acertou o cabo do machado nela. A criatura tombou. O bárbaro colocou um dos pés no seu torso e, como um lenhador pronto para partir uma lenha em duas, desferiu o golpe que separou sua cabeça do resto do corpo.

Assim que o bárbaro desferiu o golpe, virou-se, pegou novamente a tocha de Rudrik e disse: "Está feito". Depois seguiu para fora da caverna. Do lado de fora, ele parou. Sua mente era objetiva e pragmática — com o objetivo completo, voltou a planejar o próximo passo. Rudrik saiu da caverna e perguntou:

— E agora?

— Vamos voltar e pegar o pagamento.

Por um breve momento, Sten pensou no que aquilo significaria: seria o fim da aliança dos dois, ele estaria livre de Rudrik e Rudrik livre dele, só precisava voltar. Achou que se sentiria aliviado, porém não era esse o seu sentimento...

— Sei que vamos voltar — continuou Rudrik —, mas como? Vamos voltar a pé?

A mente objetiva de Sten voltou a funcionar, impulsionando sua ação e fazendo-

o seguir até onde jazia Valus. Não havia mais nenhuma luz no seu céu quando Sten chegou; os restos permaneciam lá, em pedaços, com todos os mantimentos de Sten. Não era o primeiro cavalo que o bárbaro perdera, não era o décimo e, com certeza, não seria o último. Porém, isso não importava. Sten conseguia lembrar de cada um deles, de suas mortes, como um prelúdio da própria mortalidade, do próprio dever.

— Você me serviu bem — disse o bárbaro.

Rudrik andou até os destroços, desviando dos restos mortais, e perguntou:

— Quanto de água te sobrou?

Sten olhou ao redor, para todos os recipientes partidos, para os restos do cavalo que era parte da sua recompensa por matar o Draco, e disse:

— Não sobrou nada.

— Merda...

Rudrik correu para dentro da cabana. Sten se levantou calmamente e fez um gesto com a mão. A areia se levantou como uma onda, cobrindo os restos dos animais. Ao chegar na cabana de terra, Rudrik ainda continuava a recontar os seus recipientes; depois, virou-se para Sten.

— Tenho cinco dias de água, cinco para uma pessoa.

— E para duas?

— Menos de três, se tivéssemos uma montaria...

O garoto parou. Era uma questão de lógica: os dois não conseguiriam voltar, não a pé, não com a quantidade de água que tinham. Enquanto o garoto ficava em pé olhando para seus objetos, o bárbaro se sentou e disse:

— Precisamos de mais água, ou só um de nós voltará.

Rudrik riu. Era um riso de desespero, porque o dilema de precisar de mais água era frequente no deserto. Pensou em como era estúpido procurar água no deserto; então, lembrou-se do lamaçal.

— O lamaçal.

— Não vai funcionar, aquela lama segue por quilômetros.

— Então, o que faremos?

Houve um silêncio. Ninguém queria dizer o óbvio, mas, mesmo assim, a pergunta tinha que ser feita.

— Você conseguiria voltar sozinho? — perguntou o bárbaro.

— Talvez. Gastei muita água com o cavalo.

Sten se sentiu um tolo. Sentia que tudo aquilo fora resultado de suas escolhas, por isso refez a pergunta:

— Consegue chegar sozinho?

— Não sei, talvez... Mas e o senhor?

— Posso cruzar o lamaçal. Você morreria de cansaço ou de frio antes de encontrar a fonte da água.

— Sozinho? E depois que encontrar a água, vai ficar vagando sem rumo?

— Volte para casa, eu consigo.

Rudrik se sentou na areia com as pernas cruzadas e ficou olhando para o chão por um longo tempo, buscando uma solução. Quando não a encontrou, partiu para a segunda dúvida:

— Acha que fez diferença o que fizemos aqui?

— Como assim?

— Sabe, eu nunca pensei que morreria de sede — disse Rudrik com um sorriso no final. — Sempre achei que seria morto pelos corruptores ou coisa pior, mas, caso não fosse, poderia me juntar aos Cavaleiros Solares e fazer a diferença. Acha que fez diferença o que fizemos aqui?

Diferença, isso era algo que Sten havia perdido. Não havia diferença, não havia propósito. Só havia causa.

— Mesmo que não tivéssemos vindo, em alguns momentos os Cavaleiros Solares teriam chegado. Ficariam com a recompensa. O seu administrador ficaria feliz com o resultado. Não fez diferença nenhuma o que fazemos.

— Mas o draco atacaria de novo. Nós fizemos a diferença.

— Não, alguém o mataria, seja os cavaleiros ou o exército escandinavo. Nós apenas fazemos o que podemos, o que somos pagos para fazer.

— É mesmo? Então por que não pega toda a água e me deixa aqui para morrer?

Sten olhou para o garoto de cabelo prateado sentado no centro da cabana e pensou em dizer o que viu na torre, dizer o destino que aguardava a todos que enfrentavam o inverno naquele lugar, dizer que todos os espectros apenas esperavam o fim do mundo, a volta da escuridão, que aquele era um mundo que aguardava a própria destruição, que a luta diária era um sacrifício, e que a

mesma valia para todos.

— Vai dormir, Rudrik, precisará dessa energia pela manhã.

Assim que o bárbaro terminou a frase, se deitou. De olhos fechados, Sten ouviu Rudrik se levantar e se deitar do outro lado da cabana. O bárbaro queria água, porém havia decidido fazer esse sacrifício. Sten já havia decidido o que faria pela manhã: enfrentaria o lamaçal. Só que sua mente inconsciente ainda buscava por uma solução, revivendo os últimos acontecimentos, revivendo as lembranças esquecidas, levando-o a relembrar da torre, do eclipse, das mortes e da água.

CAPÍTULO 18

Visto do topo da torre, a área desértica não parecia apavorante. Sten olhava para o oeste: uma série de montanhas se encontrava naquela região, todas pontudas e rochosas como pontas de lança, e entre elas um caminho em linha reta até a planície desértica. O solo era completamente rochoso e cinza, o sol amarelo forçava sua luz no céu castanho e a lua negra já começava a adquirir um tom prateado. Sten sabia que, quando o eclipse chegasse, seria o fim.

— Daquele corredor vêm os corruptores — disse Ramon, apontando para a entrada da ravina.

— Por que me chamou aqui? — perguntou Sten.

— Para aprender.

Passos ecoaram na escadaria. Ramon suspirou, sabendo já a quem pertenciam.

— Então está aí — disse Heitor, já cruzando em passos largos o bosque. — Vamos, logo vai começar.

— Seria melhor que ele ficasse — disse Ramon.

— Com todo respeito, ancião, essa decisão não cabe a você.

— Bem, pelo que me lembro, sou responsável pelos assuntos que se referem aos espectros.

— Não estou impondo minha autoridade sobre o senhor, apenas estou cumprindo as ordens que me foram dadas.

Heimdall ainda não voltara, nem Magnus, e a ordem dele era clara. Heitor devia tratá-lo como um dos recrutas.

— O que fará, Heitor — continuou Ramon —, se algo acontecer a Sten na batalha?

— Todos temos que cumprir, mesmo que...

— Eu vou — disse Sten. — Não tenho medo, fui treinado para isso.

Heitor sorriu. O ancião fez uma careta de desgosto, como se estivesse mastigando algo azedo.

— Faremos de você um cavaleiro — disse Heitor.

— Se ele sobreviver — sussurrou Ramon.

Sten olhou uma última vez para o desfiladeiro à frente. Não parecia assustador. Quando se virou, viu que Heitor fazia um gesto para que fosse à frente. Sten seguiu para a escadaria, passando pelo meio do bosque, pela fonte e pelo cristal. Não sentiu nada emanando dele, nem mesmo calor. Do outro lado, encontravam-se os alunos de Ramon, todos de cabelos com tons metálicos — a cor variava um pouco. Iason estava entre eles e, ao vê-lo, Sten fez uma careta e tentou parar, mas Heitor o empurrou para que continuasse. Desceram completamente a torre. Outros cavaleiros se juntaram a eles na descida; alguns cavaleiros Sten nunca havia visto em todo o ano que passara ali. Quando chegou no térreo, Heitor o guiou até o pátio e apontou para o grupo de recrutas.

— Junte-se aos seus irmãos, logo nos veremos na batalha.

Todos os cinzentos olharam para Sten enquanto ele se aproximava. Havia uma tensão entre eles. Sten sentia o mesmo: era o receio do combate. No caso de Sten, isso passaria quando avistasse o inimigo, e ele esperava que o mesmo acontecesse com os recrutas. Tomaram formação. Sten passou por eles e ficou na dianteira. Os cavaleiros continuaram a descer da torre e saíam para a planície desértica; esses empunhavam espadas e escudos e vestiam armaduras de placas negras. Logo, mais deles saíram e começaram a subir as escadarias que levavam ao topo da muralha — esses portavam Armas Arcanas e outros carregavam caixotes com cristais. Já esses usavam couraça e armadura leve. Ordens eram gritadas para todos os lados e houve um disparo de teste de uma artilharia pesada que ficava no topo da torre. O som do disparo ecoou como um raio e a luz brilhante rompeu o céu castanho.

Hadares, cavaleiro responsável pelo treinamento dos recrutas, apareceu com um estranho sorriso torto no rosto. Distribuiu-lhes as armas e escudos para os recrutas enquanto enfatizava gritando:

— Hoje faremos de vocês cavaleiros Solares! Saberão do nosso sacrifício. Hoje vocês estarão cara a cara com os corruptores e colocarão à prova o que aprenderam.

Depois, pegou a porta-bandeira para si, posicionou-se no centro da tropa e gritou para que avançassem. A marcha continuou por algum tempo na planície. Dois batalhões de cavalaria pesada já se encontravam do lado de fora e avançavam em marcha lenta nas laterais da planície. Pelo que Ramon havia dito, muitos dos cavalos eram treinados em terras mais férteis e trazidos no inverno. Outros dois grandes batalhões de soldados de armadura pesada também estavam em formação; assim que os recrutas avançaram, eles seguiram atrás. No meio da planície, os recrutas pararam sua marcha. As duas unidades da vanguarda pararam, uma em cada lateral da unidade dos recrutas, a cem metros cada. A cavalaria recuou ainda mais para a lateral. Quando todos estavam em formação, um dos cavaleiros avançou sozinho na direção dos recrutas. Sua armadura era de metal enegrecido com couraça, grevas, braçadeiras, e usava um elmo coríntio tipicamente grego; seu elmo possuía um penacho escuro. O cavaleiro parou na linha de frente, avistou Sten e sorriu. Mesmo com o elmo cobrindo-lhe o rosto, era possível notar que se tratava de Heitor.

— Irmãos! — bradou Heitor em voz autoritária. — Hoje começa o inverno. Nós, os Cavaleiros Solares, o chamamos de Fim do Mundo. De lá — apontou para a abertura nas montanhas — virá a horda que pode devastar todo o mundo conhecido. Não mentirei para vocês: quando ela chegar, será como se Hades tivesse aberto os portões do submundo. O miasma e o medo virão com eles. Vocês, valorosos recrutas, foram postos aqui para atraí-los para uma armadilha. Seus esforços nos levarão à vitória! Confiem suas vidas aos seus irmãos de batalha. Se fizerem isso, prometo que seremos vitoriosos. Prometo que hoje não será o fim do mundo, pois nós o impediremos! Nós o enfrentaremos e daremos mais um dia a esta terra abençoada pelo Deus Sol. PELO AMANHECER!!!

Os recrutas gritaram e todos ergueram o punho para o céu, um gesto em honra ao deus solar. Enquanto os recrutas faziam sua saudação, ao longe, entre a abertura dos desfiladeiros, um cavaleiro surgiu. Nem ele nem o seu cavalo usavam armadura. Veio em disparada, forçando o animal ao limite. Disse algo a Heitor, que apenas acenou. Heitor desmontou e entregou as rédeas do cavalo para o cavaleiro, empunhou sua espada e escudo, que eram completamente negros, e foi

em direção a Sten.

— Tem um lugar aí para mim? — disse ele em tom casual.

Era costume o general lutar ao lado dos recrutas, porém Heitor não era um espectro; ele não possuía nenhum poder.

— Tem certeza? Você não é um espectro — disse Sten.

— Você também não — disse Heitor.

Sten deu espaço ao cavaleiro. Ao ajustar o escudo na formação, Heitor disse:

— Magnus me disse uma vez que não devemos dar ordens que nós mesmos não seríamos capazes de cumprir.

— Mas, sem Magnus, você é o general.

— Exatamente por isso que devo estar aqui.

Sten, na primeira fileira, observava a ravina. Sabia que a qualquer momento uma horda de monstros sairia dela. Seu corpo começou a formigar com a tensão criada. Um vento zumbiu da ravina, dando um presságio do que seguiria. A lua no céu castanho andou lentamente como o ponteiro de um relógio, pronta para eclipsá-lo. Quando sua borda cobriu o sol, a escuridão devastou a terra desértica. O uivo da ravina ficou mais intenso, indicando que a horda estava em movimento e entrara em frenesi. A lua enfim chegou no centro do sol, eclipsando-o. Um rastro de luz prateada vazou da sua borda, iluminando o mundo novamente. Sua luz ficou ainda mais forte, tornando-a um sol prateado.

Absorvendo a luz, a torre negra brilhou em prateado. Seu cristal no topo brilhou incandescente como uma chama prateada. As armaduras dos cavaleiros começaram a mudar do aço negro para uma prata reluzente. Todos os cavaleiros ergueram suas espadas reluzentes e gritaram "Pelo Amanhecer" enquanto ouviam a aproximação da horda.

Milhares de corruptores surgiram no imenso corredor, corriam desorganizadamente, espremendo-se entre as bordas irregulares, empurrando uns aos outros. Heitor berrou uma ordem; a bandeira atrás de si transmitiu o comando. A artilharia disparou contra a horda, derretendo os primeiros

corruptores em um raio contínuo. As criaturas que avançavam eram derretidas instantaneamente, porém nada disso impediu seu avanço. Outra ordem foi gritada e a bandeira a transmitiu. Estacas de gelo caíram como chuva sobre a horda, perfurando-a. Aqueles que eram atingidos eram empurrados pela força da horda que não parava. Outros elementos caíam como raios e fogo, mas o gelo era incessante. Sten sabia que se tratava dos poderes de Ramon, porém nem mesmo a chuva de gelo tinha o poder de parar a horda, que continuava a avançar.

Mais e mais corruptores continuavam a surgir da ravina em um mar sem fim. As Hefesto

foram disparadas pelos atiradores da muralha. A horda caminhava por sobre os mortos e, em alguns casos, sobre seus próprios membros, como formigas. Correram em disparada, ignorando todos os danos causados, seguindo apenas um objetivo: o de trucidar os recrutas à sua frente.

— Fiquem firmes, mantenham a posição! — gritou Heitor.

A horda continuou a ser atingida até chegar ao ponto em que estavam próximas demais dos recrutas. Nesse momento, toda a artilharia passou a focar seus esforços na entrada, nos que saíam da ravina. Sten viu a horda pegar velocidade. O miasma flutuava por sobre eles como uma névoa. Eram tantos que era difícil até distingui-los individualmente. Quando se aproximaram, Heitor gritou a ordem para fecharem a parede de escudos. Houve um baque seco e o som de garras arranhando o metal. As criaturas faziam sons guturais rítmicos que se confundiam com uma risada. Resistiram um longo período apenas na forma defensiva, até que uma garra atravessou a borda do escudo de um recruta e o puxou. O escudo deslizou na lateral do outro. Durou apenas segundos, e nesse tempo o recruta foi puxado para fora e desapareceu. Seus gritos se perderam entre as risadas da horda. Da brecha entraram três criaturas que começaram a atacar todos na formação. Heitor gritou a ordem de trocar; a segunda fileira tomou o lugar dele e de Sten. Os corruptores ignoraram completamente os dois. Sua fúria estava focada nos recrutas de cabelo prateado. Não havia muito espaço no corredor. Heitor apenas se virou e atacou o corruptor que o ignorava. A lâmina atravessou o pescoço da criatura e Heitor o empurrou para o lado. Sten se aproximou e viu as criaturas olharem para Heitor como se tivessem sentido a morte do seu companheiro.

— Deixe comigo, cuide da abertura — disse o cavaleiro reluzente com um sorriso no rosto.

Sten cumpriu a ordem e foi até a brecha. Um corruptor tentava forçar sua passagem pela abertura enquanto era empurrado por um dos recrutas. A garra do corruptor rasgava o braço do recruta, que não cedia mesmo com a dor, pois se o deixasse passar causaria sua morte. Sten golpeou o braço exposto da criatura; seu membro caiu ao chão e o resto do braço continuou a se mover em busca de espaço. Em seguida, apoiou seu corpo no escudo do recruta e juntos fecharam a brecha. Quando o prateado agradeceu, Sten não teve tempo de responder, pois reagiu ao ver um corruptor cair de cima da parede de escudos. Caiu e se desequilibrou. Antes mesmo que se levantasse, Sten o atacou, causando sua morte. Outro também caiu desequilibrado. Sten não pôde fazer o mesmo, já que outro também caiu sobre o último, e começavam a se amontoar. O jovem não teve opção senão erguer o escudo. Outros recrutas se uniram a ele e acabaram formando uma segunda muralha interna.

Nesse tempo, Heitor enfrentava dois corruptores. Ambos pularam na sua direção ao mesmo tempo. O cavaleiro deu um passo para o lado e ergueu o escudo, forçando ambos a pular na mesma direção. As garras deles colidiram com o escudo. O cavaleiro girou e golpeou; a lâmina passou pelo torso de ambos com uma luz reluzente que queimou e cortou em um raio resplandecente. Os pedaços da criatura caíram ao chão. Heitor viu Sten conter a brecha e viu o resto da horda começar a subir em seus próprios membros, como formigas escalando umas às outras. Começaram a cair no meio da formação e atacar os recrutas. Então gritou suas ordens.

Hadares, o porta-bandeira, fez o sinal. Assim que concluiu o gesto, os corruptores o atacaram. Garras o cortaram, o sangue jorrou e o velho acabou morrendo sem nem mesmo soltar a bandeira. Com a ordem transmitida, as vanguardas laterais se fecharam em torno dos recrutas, forçando a horda a afunilar em sua fúria. Os membros da vanguarda de cada lado formaram um corredor da morte que trucidava tudo que permanecia entre eles. As cavalarias avançaram sobre as laterais, traspassando a horda e forçando-a a fluir como um rio para o corredor, para a morte. Os atiradores das muralhas a abandonaram e avançavam para prestar reforço aos recrutas.

Os corruptores pararam de cair sobre a parede de escudos dianteira e as formações dos recrutas se firmaram. Sten gritou uma ordem para que sua parede avançasse e, a cada passo, paravam e atacavam entre as brechas, perfurando os corruptores que tentavam romper a parede. Heitor continuava do outro lado da parede de escudos. Sua espada reluzia sem nenhuma resistência. Os recrutas da retaguarda da última fileira se juntavam a Sten. Da unidade dos recrutas, restava a primeira fileira, a segunda fileira que Sten criou por instinto, e Heitor, que lutava sozinho.

Heitor defendia de um lado e atacava do outro. As criaturas eram cortadas pela luz. O brilho do seu equipamento dificultava as criaturas de subjugar-lo, porém já começavam a se amontoar em volta dele. O crepúsculo surgiu de repente. A elipse chegava ao fim. O céu ficou castanho e avermelhado, de volta a si, e quando o sol prateado voltou a se tornar a lua negra, todos os cavaleiros retornaram ao seu aspecto sombrio. Suas armaduras se tornaram escuras e suas espadas, negras.

A espada de Heitor não mais cortava com facilidade. A luz não mais havia para atrapalhar os corruptores. Cada golpe era um sinal de esforço. Sua força se esvaiu e ainda restavam dezenas deles. Por fim, restou-lhe apenas se proteger enquanto levava ataques seguidos. Enquanto lutava por sua vida, Heitor viu que os atiradores estavam próximos, mas que seriam incapazes de chegar a tempo. Viu que só sobrava ele na retaguarda e que Sten havia feito uma segunda parede de escudos. Então gritou aquilo que poderiam ser suas últimas ordens.

— Se protejam!!!

Sten não sabia o que ele tinha em mente, mesmo assim gritou a mesma ordem. Heitor se virou na direção dos atiradores com o escudo empunhado e gritou:

— Atiradores!!! Abrir fogo!!!

Heitor se protegeu com seu escudo. Os atiradores pararam de avançar, entraram em formação e dispararam sem hesitar. Os disparos saíram em uma saraivada de laser que transformou tudo em sua direção em fumaça até alcançar os escudos. Heitor ouviu os disparos, depois olhou ao redor e viu que todos os corruptores se tornaram apenas fragmentos de corpos chamuscados. Quando os atiradores

chegaram, riu e disse:

— Se forem tão bons com as espadas quanto são com as Armas Arcanas, isso vai ser moleza.

As tropas de atiradores não compartilharam o bom humor de Heitor. Mesmo assim, ele continuou com o sorriso e ordenou que eles se juntassem ao que restou dos recrutas. Com o reforço, a tropa de recrutas avançou pelo corredor. As vanguardas não receberam nenhuma ordem, mas por puro treinamento seguiram o avanço, e o corredor se estendeu até a entrada da ravina. Os inimigos continuavam a se chocar nas muralhas de escudos e serem recebidos pelas lanças. Seus corpos já se empilhavam à frente. Sabendo que logo ali se tornaria um mar de corpos, Heitor gritou outra ordem que forçou uma das vanguardas a entrar na ravina.

A primeira vanguarda avançou forçando a horda para dentro. Ela mantinha o ciclo de receber os ataques das garras e revidar com a lança, ganhava mais espaço a cada ciclo e avançava por cima dos corpos. Nenhuma das criaturas ria e já não demonstravam a mesma agressividade. Os recrutas e atiradores, unidos em uma única tropa, avançavam em seguida, empurrando os corpos para o lado e exterminando todos que ainda se moviam no chão. A cavalaria permaneceu parada em prontidão e os curandeiros começavam a sair da torre em busca de sobreviventes.

Avançaram continuamente. A tropa de Sten continuava de prontidão e mantinha sua atenção nas laterais das paredes, que possuíam muitas ramificações. Uma ou outra criatura surgia daqueles túneis e era recebida pela espada. Repentinamente, de uma dessas ramificações, surgiu uma dezena de corruptores rindo, seguida de um corruptor maior. Seu corpo era como o de um gorila: tinha braços longos e pernas curtas, quase três metros de altura, focinho comprido, e na sua cabeça havia dois enormes chifres curvados. Sua mão era tão grande que agarrou o escudo de um dos recrutas e o esmagou junto com o seu braço. O jovem gritou de dor e, com a defesa baixa, as garras dos outros corruptores o dilaceraram. Heitor viu a criatura e gritou:

— Recuem!!! É um Valus!!!

A criatura chamada de Valus atacou outro recruta que, por instinto, levantou o escudo. Sua mão pesada caiu como uma marreta, amassou o escudo e pôs o recruta ao chão. O golpe seguinte esmagou o recruta contra o solo. Os atiradores dispararam contra ele, que berrou em uma gargalhada estrondosa. Os corruptores ao seu redor saltaram em concordância e partiram contra Heitor e os atiradores.

Sten se encontrava com os recrutas em formação. Assim que dois deles foram mortos, o resto da tropa ruiu e correu em desespero para dentro de uma das ramificações. O medo percorreu Sten. Ele o sentiu queimar e partiu em direção ao Valus, que apenas o atingiu com as costas da mão, como se ele fosse um simples empecilho no seu objetivo de exterminar os recrutas. Sten rolou pelo chão. Ao se levantar, viu o monstro perseguir os recrutas e correu na mesma direção. Para a infelicidade dos recrutas, o corredor não era muito longo e poucos metros à frente tiveram que entrar em formação novamente. O beco sem saída os encheu de uma coragem desesperadora. Quando Valus chegou, acertou um soco no meio da formação de escudos que esmagou os recrutas do seu centro. O resto atacou a perna do monstro, que se ajoelhou. Sten, nesse meio tempo, jogou o escudo no chão, empunhou a espada em ambas as mãos, correu, pulou e atacou a criatura pelas costas. A lâmina entrou parcialmente pela pele dura e se prendeu ali. Valus começou a atacar para todos os lados. Cada golpe atingido esmagava ou lançava um dos recrutas contra as paredes do corredor. Os recrutas já não lutavam em formação, apenas atacavam em desespero enquanto eram atingidos. Sten continuava pendurado em suas costas e sempre que arrumava um apoio empurrava a lâmina mais para dentro. Valus se debatia e, em seu desespero, golpeou o chão como um gorila. O primeiro golpe fez um som oco no chão e criou uma fissura que se expandiu e se partiu no segundo golpe.

Houve uma queda. Depois do impacto com o solo, deslizaram por um terreno íngreme que fez a luz sumir completamente. Na escuridão, Sten perdeu seu senso de direção. Estava completamente escuro. Valus rugiu na escuridão bem próximo dele. Os recrutas gritaram em puro terror. Era escuro, porém agora havia espaço para fugir. Eles correram em desespero às cegas enquanto o monstro, que enxergava perfeitamente, os perseguia e os exterminava. Sten se levantou e tentou reagir, porém nada pôde fazer além de ouvir os rugidos de Valus, que lembravam uma gargalhada rouca, e os gritos de desespero dos recrutas.

Com o tempo não sobrou som algum. Na escuridão, o medo tomou conta do jovem. Qualquer som despertava um arrepio. Andava cautelosamente. Não gostava daquele medo, não gostava da impotência, pois aquilo era algo contra o qual não podia lutar. Não tinha espada, nem escudo. Percebeu que só estava vivo porque não era um prateado. Por conta disso, o monstro o ignorou completamente, e ele se sentiu culpado por ainda estar vivo. O medo se tornou raiva e desejou que um corruptor estivesse ali. Com o tempo, a raiva e o medo desapareceram. Havia apenas a monotonia dos túneis. Sten pensou se valia a pena continuar vagando sem rumo na escuridão. Pensou em como estava a batalha. Ela estava praticamente ganha antes de Valus atacar. Como o monstro provavelmente estava nos túneis, era provável que os cavaleiros tivessem vencido. Pensou novamente: o monstro que havia matado toda a tropa ainda se encontrava em algum lugar daqueles túneis. Esse sentimento fez surgir novamente o ciclo de medo e raiva que se desfez com o tempo. Após muito caminhar, ouviu finalmente um som suave. Não tinha mais medo ou raiva e seguiu nessa direção apenas por curiosidade. O som ficou mais evidente: era o som de uma correnteza. Quando chegou à sua borda, pôde perceber apenas pelo som que se tratava de um grande rio, um grande rio que cruzava o subterrâneo do deserto, um subterrâneo infestado de corruptores. Ao se sentar na borda, pronto para descansar, já sentindo sede, Sten pensou: "Até mesmo os corruptores precisam de água".

CAPÍTULO 19

O pensamento do garoto percorreu o sonho como um rio até chegar à mente desperta do bárbaro. Sten acordou calmamente no calor do deserto, com o pensamento ainda vívido em sua mente. Olhou para o outro lado da tenda de terra em busca de Rudrik, porém não encontrou o garoto lá. Levantou-se e pegou o machado antes de sair. Ainda era madrugada e a luz de uma tocha brilhava do lado de fora. Rudrik segurava a tocha enquanto observava o deserto. Seu cabelo, que normalmente tinha uma cor de prata negra, agora brilhava em tom alaranjado por conta do fogo. O som das pegadas pesadas do bárbaro atraiu a atenção do garoto que, ao avistá-lo, disse:

— Não consegui dormir.

A voz de Rudrik soava como um pedido de desculpas. Sten parou ao lado dele. Sua mente reteve a informação do seu sonho, mas ainda lutava para despertar completamente.

— Andei pensando — continuou Rudrik. — Se há um lamaçal na caverna do draco, tem um rio subterrâneo em algum lugar do deserto. Quem sabe nós possamos encontrá-lo.

— Não precisamos, sei onde está o rio.

— Sabe? — perguntou Rudrik, e a pergunta permaneceu no ar como se ele não a houvesse feito. Então acrescentou: — Onde?

O bárbaro continuou olhando para o horizonte. Seus olhos se perderam na escuridão à sua frente. Enquanto falava e observava a escuridão, via lembranças, memórias do subterrâneo e seus monstros.

— Está no mesmo lugar onde estão os corruptores. Você disse que eles vêm da mina. O rio que procura está em algum lugar nas profundezas da mina. Para chegar ao rio, teríamos que entrar no covil deles.

Rudrik observou a escuridão, a mesma que o bárbaro observava, mas não notou

nada de diferente nela.

— Entendo. E o senhor não iria querer um prateado para acompanhá-lo em um covil de corruptores.

— Errado, o meu poder de espectro atrai mais eles do que a cor do seu cabelo.

— Então, por que se irritou da última vez?

O bárbaro suspirou, deixou de olhar para a escuridão e encarou o garoto ao seu lado.

— Isso não importa agora. O que importa é que prefiro morrer em um covil com o machado em minhas mãos do que mergulhado em lama. Você deve fazer a mesma escolha agora, Rudrik. Deve decidir o que prefere: se prefere arriscar sua vida no deserto ou na mina.

Rudrik olhou de novo para a escuridão em busca de resposta. Sten sentiu no ar a escolha do garoto sendo feita. Pensou em manter o silêncio, manter o segredo, porém percebeu que não seria justo esconder a verdade, esconder o medo que corria no seu ser enquanto olhava a escuridão. Sentia a noite agir sobre ele, sentia-a contornar as fibras do seu corpo. Era uma fraqueza física. Sentia-se como uma bateria que não poderia mais ser carregada completamente. Não podia esconder aquilo e, ao mesmo tempo, não queria expor sua fraqueza.

— O Sol — disse Sten repentinamente. — O sol é a fonte dos meus poderes.

Rudrik o olhou com uma expressão de dúvida. Sten nem devolveu o olhar, apenas continuou:

— Sem a luz solar, meus poderes se enfraquecem.

— Isso significa que...

— Significa que, se eu ficar muito tempo no covil, me tornarei um humano normal.

Rudrik suspirou e, em seguida, perguntou:

— Em quanto tempo?

— Depende da escuridão, depende da quantidade de miasma, não dá para saber.

— O senhor está determinado a ir mesmo assim?

— Mesmo sem os meus poderes, eu ainda sou um guerreiro, posso usar o machado, posso lutar. Estou apenas te falando o que pode acontecer.

O garoto ficou em silêncio por um longo tempo. No silêncio, pensou no seu pai, na mina; fizera aquela jornada centenas de vezes acompanhado dele, sabia cada pedra no caminho, conhecia cada trilha que poderia guiá-los até lá. Olhou na outra direção, na direção de Brunvik, sua casa. Voltar para casa seria uma escolha fácil e covarde. Quando tornou a olhar para Sten, perguntou:

— O senhor acredita no destino, Sten?

Foi uma pergunta tão repentina que fez o bárbaro arrepiar e, para se livrar dessa sensação, respondeu prontamente:

— Sim, tudo que podemos fazer é escolher e viver as consequências das nossas escolhas. — Sten pensou em parar o discurso por ali, mas algo o fez seguir em frente; era uma vontade de ensinar, algo que era estranho para o bárbaro, pois ia além do necessário. — Meu mestre acreditava no destino e dizia que, caso fizesse uma escolha e ela o levasse a uma fatalidade, deveria honrar o nosso destino. Escolhi lutar no covil com o machado em minhas mãos. Se for meu destino morrer naquele lugar, que assim seja.

— Eu também. Eu prefiro morrer no covil a morrer de sede no deserto — Rudrik disse confiante e logo acrescentou: — Mas vamos tentar não morrer, certo?

Sten sorriu genuinamente. Naquele instante, a escuridão não pareceu tão escura, então disse:

— Lembre-se, Rudrik, lembre-se da sua escolha, honre-a e ela lhe dará coragem.

O garoto assentiu com um sorriso no rosto e respirou aliviado. A escolha ressoava em sua mente, não como algo para ponderar, e sim como algo concreto, como se uma espécie de aço estivesse se formando no espaço vazio, na própria escuridão, criando a certeza de que fizera a escolha certa. No interior do seu ser, sabia o que aquilo significava, sabia o perigo que corria, mas também sabia que era algo que deveria fazer. Cedo ou tarde deveria voltar à mina; tinha a sensação de que aquele momento, mesmo sendo causado pela sua própria escolha, fazia parte do seu destino.

— Pode nos guiar nessa escuridão? — perguntou o bárbaro.

— Posso. Podemos chegar hoje mesmo.

O bárbaro não continuou a conversa e regressou para o acampamento. O garoto fez o mesmo e arrastou toda a carga para fora para se preparar para partir. Sem dizer nada, o bárbaro pegou o resto da carga do garoto e passou para si, para carregá-la. Nenhum disse nada em relação a isso; existia uma mútua relação de dever entre eles e, por conta disso, apenas seguiram viagem na escuridão.

Rudrik olhou para as estrelas que eram nítidas no céu do deserto e conduziu o bárbaro. A tocha, por muito tempo, foi a única fonte de iluminação, e seguiram em um ritmo constante. O som de passos na areia e o vento soprando os finos grãos de areia foram os únicos sons que os acompanharam. Logo, o horizonte tomou uma coloração azul-escuro, depois se tornou vermelho intenso e o sol surgiu. Seus raios, no princípio, foram reconfortantes, transformando a sensação gélida em um agradável calor. O areal ficou para trás, sobrando apenas o platô desértico. O sol, que trazia um calor confortável, pôs toda a sua força em seus raios no começo da tarde. Rudrik não rastreava, apenas ajustava sua rota, olhava para os pedregulhos e monólitos com reconhecimento; parecia ter feito essa viagem centenas de vezes. Pouco mais adiante, ambos acamparam. Rudrik sugeriu que ficassem até o sol completar o seu ciclo, até o calor voltar a ser suportável, e o bárbaro concordou. Porém, quando Rudrik buscou abrigo na sombra, o bárbaro continuou no sol. Sobre a luz solar, ele pôs-se a afiar seu machado. O garoto teve que conter suas perguntas sobre como o sol e o calor afetavam o bárbaro, e a observação constatou que nenhum dos dois parecia prejudicá-lo. Também percebeu que o ato de afiar era quase uma obsessão para ele, mas, como não restava muito o que fazer, o garoto também fez o mesmo.

Quando Rudrik acabou de afiar o seu machado, percebeu que as sombras já lançavam sua projeção exageradamente, indicando que estavam começando a entrar no fim da tarde. Seguiram viagem aproveitando a luz que restava. O sol enfim desapareceu completamente, deixando apenas as formas de sombras no horizonte. Após algumas horas caminhando na escuridão, ao longe viram que a terra se elevava como uma onda, formando colinas de terra. Rudrik apontou:

— Entre aquelas colinas fica a entrada da mina.

— Vamos acampar aqui. Não adianta seguir mais essa noite.

O bárbaro fez novamente a cabana de terra usando seus poderes. Colocaram todos os pertences no seu interior e, assim que entraram nela, o bárbaro a fechou quase que completamente, deixando apenas uma passagem para o ar entrar. Estavam muito próximos do covil para arriscar, e ele não estava disposto a fazer

turno de vigia. Após a longa caminhada, Sten apenas apagou. No seu sonho, voltou a ser jovem; estava vagando na escuridão. O sonho durou o mesmo que suas horas de sono. Passou toda a madrugada seguindo o rio que, assim como no passado, não o levava a lugar algum. Cansado, sentou-se próximo à margem do rio e esperou. Com o tempo, perdeu completamente a esperança de sair daquele lugar, até ouvir um eco distante, um eco que parecia ser uma voz indo em sua direção. Viu a luz ofusca de uma tocha se aproximar, tão brilhante naquela escuridão que o cegou completamente.

No presente, a luz solar do amanhecer entrou pela brecha criada para a passagem do ar e acordou Sten com sua luminosidade. Sten, assim que acordou, pôs as mãos no chão para ver se sentia algo ao redor da tenda. Não sentiu, então acordou o garoto e pediu para que se armasse. Desfez a porta e saíram para o deserto. Não encontraram nada do lado de fora; por conta disso, retornaram. Dos pertences do acampamento, levaram apenas os odres de água, os cheios e os vazios, os sacos de dormir e as tochas. Deixaram o resto como estava; não valia a pena carregar o peso.

Caminharam um pouco até chegar na entrada da mina. Como Rudrik dissera, ficava na base de uma colina e tinha uma estrutura completamente em pedra. Sua entrada era espaçosa, grande o suficiente para três carroças entrarem. Os trilhos eram visíveis pouco mais à frente, onde a luz solar se atrevia a entrar. Na penumbra, era possível vê-los descer para a escuridão. Na visão de Sten, não parecia uma mina, e sim a boca de uma criatura. Rudrik, que não parecia nada surpreso, disse:

— Posso nos levar para a camada mais funda da mina. Os corruptores devem ter entrado por elas. Acho que os túneis devem ter atingido o subterrâneo e, por conta disso, foi invadido. Esse era o meu plano quando pensei em vir aqui no passado.

— Por que queria entrar na mina? — perguntou Sten.

— Foi onde meu pai morreu.

Naquele instante, Sten entendeu a pergunta referente ao destino. Tentamos evitar ao máximo aquilo que nos causa dor, tentamos fugir das nossas obrigações e escapar da fatalidade, mas muitas vezes essas escolhas são jogadas a nós, como um jogo do destino. Muitos tentam fugir ao máximo até que esse destino se torne inevitável. É preciso muita coragem para encará-lo de frente. Sten pensou em

dizer algo, em falar que Rudrik era corajoso ou mesmo falar algo otimista. Pensou bastante e, no fim, não disse nada, apenas acendeu uma tocha e entrou na escuridão.

CAPÍTULO 20

O completo silêncio os seguiu mina adentro. Sten acreditava que encontraria uma resistência mesmo antes de chegar na entrada da mina, porém a realidade era outra. O túnel se revelava pouco a pouco pela luz da tocha; os trilhos surgiam à sua frente de forma hipnótica, juntamente com as lamparinas na parede que, pelo que havia notado, não possuíam compartimento para o óleo. Por fim, as paredes se afastaram, revelando uma área ampla. Sobre os trilhos havia um carrinho e, mais à frente, uma série de entradas. Os trilhos seguiam por cada uma delas e se ramificavam no trilho principal. Sten observou o carrinho; seu interior estava vazio, mas havia um painel em uma das extremidades. Rudrik subiu no carrinho e puxou uma alavanca no painel, que apenas rangeu em resposta. O garoto então chutou embaixo do painel e depois colocou o machado em uma brecha. Com o movimento de alavanca, soltou a tampa. Olhando para o interior, viu uma série de engrenagens estranhas e um cristal opaco fixo entre elas.

— Costumavam funcionar. Acho que está sem energia.

Sten chegou mais perto do cristal, esticou a mão em sua direção e canalizou sua energia telúrica. O cristal brilhou em dourado e, juntamente com o brilho, o carrinho se moveu para frente em um solavanco. A dupla teve que se segurar para não cair. Logo após o movimento repentino, o cristal apagou-se novamente.

— Ainda funciona — disse Rudrik, impressionado.

— Sim, mas seria um desperdício de energia.

Sten foi novamente ao cristal, desta vez o segurou com força e o puxou para fora. As engrenagens rangeram e se distorceram enquanto o bárbaro o puxava. Rudrik fez uma careta vendo a destruição que o bárbaro causava. Assim que Sten arrancou o cristal das entranhas da máquina, o energizou novamente. Dessa vez, sua luz dourada continuou brilhando de forma contínua. Agora podiam enxergar além das luzes das tochas. A nova luz revelava um cômodo amplo. Um balcão ficava em um dos lados. Com a luz, viu portas: uma atrás do balcão e

outra na outra extremidade da sala. Vendo Sten observar as portas, Rudrik disse:

— Atrás do balcão é onde ficam as ferramentas e ali — disse o garoto apontando para a outra porta — é a cozinha.

Sten não disse nada e andou na direção da cozinha. Se tivesse água nela, sua missão estaria concluída. Entrou em uma sala de refeição. Se não fosse pela escuridão que foi banida pelo cristal e pela camada de poeira, o refeitório pareceria um local comum. O bárbaro passou por todas as mesas e seguiu para uma sala à frente. Percebeu, pelos utensílios e pelo cheiro de podridão, que se tratava realmente da cozinha. Não se deu ao trabalho de abrir as caixas para verificar seu estado, pois o cheiro já indicava tudo. No fundo da sala estava um tonel com uma torneira e outro virado para cima. O bárbaro foi ao que tinha torneira e o abriu sem demora. O líquido jorrou no chão e ele constatou, pela textura e cheiro, que não era água, era bebida. Rudrik foi até o outro tonel e olhou no seu interior. Não havia nada nele.

— Faz quantos anos que a mina foi tomada? — perguntou o bárbaro.

— Quase dois anos — respondeu o garoto.

Era tempo demais para que qualquer recurso útil fosse encontrado. Sem dizer nada, o bárbaro retornou pelo mesmo caminho. O garoto o seguiu até a porta do outro lado do balcão. Tratava-se de um armazém. Nele, o bárbaro apenas encontrou poeira. Não havia nem sequer uma ferramenta, apenas a ação do tempo se encontrava lá. Sten começou a questionar se a mina fora realmente invadida. Esperava encontrar algo que pudesse usar e apenas encontrou o depósito vazio, o que indicava que os mineiros tiveram tempo de esvaziá-lo. Após pensar, sua mente voltou à praticidade: tudo que ele precisava era do próprio machado e o resto descobriria no fundo da mina. Sten passou o cristal dourado para Rudrik, que o pegou sem entender, e disse:

— Nos guie até as profundezas.

Rudrik apagou a própria tocha e voltou para o local onde estava o carrinho. Escolheu o caminho do meio. Voltaram à monótona caminhada pelo túnel, que era mais comprido do que o anterior. Por vezes chegavam a uma bifurcação e o garoto andava sem hesitar. Com o tempo, o túnel ficou mais inclinado. Repentinamente, o garoto parou. Observou que o caminho que seguia estava bloqueado e voltou. Seguiu por outro caminho por mais algum tempo e acabou se deparando com outro bloqueio.

— Os caminhos estão bloqueados — disse o garoto.

Sten não respondeu. Passou pelo garoto e colocou a mão na parede. Via o trilho passar pelo entulho à sua frente e sentiu a ausência da terra no local, seguindo por muitos metros à frente. Nem mesmo ele poderia dizer onde a rocha acabava. Ampliou ainda mais o seu sentido. O cristal na mão do garoto cintilou em resposta. Nos olhos da mente, sua visão era intensificada em puro tato. Sentiu os contornos da caverna como a extensão do próprio corpo. Sentiu que, para a direção que o garoto tentava avançar, havia apenas uma passagem: um túnel que cortava a caverna. Sua forma era retorcida e residual, estranha em comparação com a simetria da mina. Tirando a mão da parede, o bárbaro disse:

— Há um caminho, porém não acredito que foi feito pelos mineradores.

— Pode nos levar até ele? — disse o garoto com o rosto determinado, sabendo que somente os corruptores poderiam tê-lo feito.

O bárbaro grunhiu sua resposta afirmativa e seguiu à frente sem se importar com a penumbra. Seus passos eram firmes mesmo com as sombras e a semiescuridão. Sua visão adquirira um breve aspecto telúrico. Os túneis não lhe eram estranhos. Quando chegou ao caminho que havia sentido, percebeu que se tratava de uma pequena caverna. Era baixa e as marcas nas suas laterais deixavam claro que pertencia ao corruptor. Sten se agachou e entrou por ela. A princípio, mesmo agachado, mal podia se mover sem raspar a cabeça no teto. Porém, com o tempo, a caverna ficou mais espaçosa e se integrou com túneis menores. Mais à frente, chegaram a uma grande encruzilhada. O bárbaro não pôde ficar totalmente em pé, mas o garoto ficou em pé ao seu lado. Aproveitando a grande extensão à sua frente, Sten pôs a mão novamente no solo para ver suas ramificações. Percebeu que apenas o túnel pelo qual vinham tinha realmente um caminho. Apenas ele ligava ao sistema da mina. Os outros eram túneis incompletos e o grande túnel em que estavam ligava a outra sala. Rudrik observou o bárbaro sem dizer uma palavra. O bárbaro devolveu o olhar sem fazer nenhum comentário e seguiu segurando o machado mais firmemente.

O túnel pelo qual seguiam se tornou largo o suficiente para que três carroças pudessem andar lado a lado. Sua altura também já não era um empecilho, pois passava de quatro metros. Seguia em linha reta, mas o formato retorcido das paredes indicava que antes era uma série de túneis menores que se tornaram um só. Após caminhar por um longo período, chegaram finalmente a um imenso cômodo. Vários trilhos o cruzavam, saindo de túneis menores e descendo ainda

mais para dentro da mina. Na frente da dupla, outro túnel gigantesco continuava também descendo às profundezas da terra. Rudrik se afastou de Sten, levando a luz consigo. Seguiu um dos trilhos até um ponto em que havia um grande conjunto de entulho com um carrinho de mina retorcido e fragmentos de cristal.

— Era aqui — disse o garoto com a mão nos entulhos. — Era aqui que eu estava tentando chegar.

Sten colocou a mão também e a pouca energia que usou para sentir fez o pó dos cristais que sobraram do entulho brilhar. O bárbaro também pôde sentir que ele seguia até onde seus sentidos alcançavam. Vendo os fragmentos brilharem, o garoto disse:

— Eles demoliram a mina.

Rudrik se virou na direção do imenso túnel. Sten colocou a mão em seu ombro para pará-lo. Era óbvio: os mineradores haviam demolido o túnel energizando os cristais ao máximo, destruindo a única saída. O túnel gigantesco era uma nova rota criada pelos corruptores, grande o suficiente para passar um exército. Não era uma invasão comum das minas. Aquilo era uma rota nova para a superfície.

— Eles morreram aqui — disse o garoto. — Morreram para impedir que a cidade fosse tomada, ganharam tempo.

Sten olhou nos olhos do garoto. Não era orgulho que ele emitia, era tristeza e raiva. Rudrik andou para o lado, tirando a mão do bárbaro do seu ombro.

— Temos que avisar a cidade.

— Tenho certeza, Rudrik, de que o seu governante já sabe bem o que aconteceu aqui.

— O que faremos então?

Sten sabia que o seu dever como espectro era impedir o fim do mundo, ou pelo menos atrasá-lo, e que a destruição viria pela corrupção. Porém, não havia como impedir. Ele simplesmente não tinha força suficiente para combater aquele mal. Apenas lhe restava agir logicamente.

— Foque naquilo que podemos fazer. Vamos sair daqui primeiro.

Rudrik ficou em silêncio pelo conformismo. No silêncio, Sten sentiu uma sensação familiar. Era agradável demais para lhe representar algum perigo.

Andou em sua direção, na direção do túnel gigantesco que seguia para o abismo. Mesmo seus olhos vendo a escuridão que seguia à frente, sua alma, a parte mais sutil do seu ser, sentia calor. A vida jorrava por aquele túnel. Sem se dar conta, começou a descer. O garoto também o acompanhou, apenas por achar que ali seria onde encontrariam a fonte de água. Sten seguiu na penumbra. Porém, sempre que fechava os olhos, via em sua mente uma luz que o guiava pela caverna. Ao se aproximar mais, Rudrik também sentiu. A luz se irradiava pelo túnel e sintonizava com ambos. Era um chamado, uma ânsia de retorno. No fim do túnel, avistaram uma luz, uma luz física. Quando chegaram a ela, finalmente entenderam o que a sensação representava. Sten já havia suspeitado, mas sua mente prática não queria aceitar.

Ambos estavam na parte superior de uma caverna subaquática. O caminho se elevava em espiral e, na lateral das paredes, surgia com outros túneis menores. Por todo o caminho em espiral, centenas de corruptores permaneciam olhando fixamente para o centro. Na parte de baixo, a dez metros abaixo, no seu centro, o rio corria suavemente e, em sua margem, a vegetação se espalhava por sobre o orvalho. Mais corruptores permaneciam sobre elas. Porém, o que mais chamava a atenção era a fonte da luz e a criatura ao seu lado. A luz vinha de um prisma brilhante que emergia no topo de um emaranhado de caules. Tinha mais de um metro de altura. Sua luz era mais intensa que o sol ao meio-dia, tão brilhante que parecia não produzir sombras. Uma criatura estava com sua grande mão estendida sobre o cristal, grande o suficiente para ocupar seu topo por completo. Tinha quase três metros de altura. Seu corpo parecia com o de um gorila. Seus chifres eram pontudos e curvados. Mesmo daquela distância, Sten percebeu que a luz emanava de um cristal primordial e a criatura era um Valus.

CAPÍTULO 21

Sten observou a criatura que repousava a mão no cristal primordial. A grande mão ocupava o topo do cristal, porém não gerava uma sombra. A luz escapava por seus dedos e se espalhava por toda a caverna. Então, a criatura rugiu e a luz oscilou por um segundo. Seu rugido passou para um tom mais agudo, mudando de um grito de fúria para um grito de dor. Em resposta, o cristal brilhou mais intensamente. Sua luz não diminuiu, mas as sombras da caverna começaram a surgir. Os corruptores que estavam observando silvaram e os que estavam dormindo acordaram se contorcendo em transe e logo se juntaram aos outros. Todos avançaram para a borda para ver o Valus sugar a luz do cristal. As pernas de Sten ficaram pesadas e ele caiu de joelhos. Apenas o cristal permaneceu na sua visão. Porém, o prisma se tornou uma chama prateada e a figura de Valus se tornou um homem de longos cabelos prateados. Ele pegou a chama com ambas as mãos e puxou para dentro de si. Sten gritou em dor. Valus parou seu ritual e olhou em sua direção e rugiu. Sten permaneceu catatônico enquanto os corruptores avançavam sobre ele. Um dos corruptores chegou a ele em disparada, porém o machado de Rudrik o atingiu primeiro. O som seco do golpe despertou o bárbaro. Sten se virou e viu o corpo da criatura cair sem vida ao seu lado enquanto Rudrik se preparava para o próximo golpe. Mais uma criatura tentou passar pelo garoto e ele apenas deu um passo para o lado e golpeou novamente. Esse acertou o tórax da criatura, que caiu para trás morta. Outros começavam a subir.

- Está acordado? — perguntou o garoto.
- Sim, faça como treinamos e não tente fugir.
- Eu não vou fugir.

Rudrik notou algo que não comentou: pela primeira vez, os corruptores não estavam tão interessados nele. Sten começou a erguer uma barreira à sua frente. Os corruptores se amontoaram nela e, antes que ele pudesse fechá-la, os monstros passaram. Sten teve que parar de usar seus poderes para acertar e matar

o primeiro que conseguiu atravessar. O segundo atacou o torso do bárbaro, que não pareceu sentir. A terceira criatura pulou sobre ele e mordeu o seu pescoço, porém seus dentes não conseguiam atravessar. Essa criatura recebeu um ataque de Rudrik que partiu sua cabeça em duas. Sten empurrou a segunda criatura para baixo e ela caiu sobre as que estavam subindo a espiral. Mais criaturas subiram. Sten atacou duas delas, mas a terceira se agarrou a ele, travando seu movimento. Rudrik também atacou essa, porém outra tomou seu lugar. Outras começaram a se agarrar a ele enquanto Rudrik atacava pelo flanco. As criaturas fizeram o bárbaro se desequilibrar e cambalear alguns passos para o lado, o que o fez cair no andar de baixo. Os corruptores se espalharam no andar de baixo e o soltaram com o impacto. Já o bárbaro rolou pelo chão e, assim que se pôs de pé, distribuiu golpes. Alguns foram atingidos antes de se levantar. Logo, o grande número começou a limitar novamente seus movimentos, mas mesmo os números dos corruptores não conseguiram pará-lo e o andar de baixo virou uma série de golpes e empurrões, seguidos de silvos de dor das criaturas e os gritos de fúria do bárbaro. Assim que Sten caiu, os corruptores se viraram instintivamente na direção de Rudrik. O garoto não recuou. Ergueu o machado em prontidão para o que estava por vir. Eram três e um deles partiu em direção a Rudrik como um cachorro. O garoto o acertou de baixo para cima e, antes de ter preparado um segundo golpe, totalmente as outras duas criaturas avançaram sobre ele. Em um golpe desesperado, Rudrik acertou com a lateral do machado uma delas. O golpe não foi mortal, mas forte o suficiente para fazê-la cambalear e cair também no andar inferior. Consequentemente, essa criatura foi morta por Sten, que atacava de forma ensandecida lá embaixo. A outra criatura pulou sobre o garoto, que teve tempo apenas de colocar o cabo do machado entre eles, o que impediu que ela o estripasse com as garras e os dentes quando o derrubou. Apesar da ferocidade da criatura, seu peso não era elevado. Por conta disso, Rudrik conseguiu empurrá-la usando o cabo do machado. Porém, a criatura se debatia. Seus golpes cortavam o ar em volta do garoto. A criatura silvou. Aproveitando o momento, Rudrik colocou o cabo na boca da criatura, limitando ainda mais seus movimentos. Mesmo assim, a criatura não cedeu e continuou buscando espaço para atacar. Rudrik soltou o machado com uma das mãos. A criatura avançou sobre ele. O cabo mais uma vez impediu que as garras e os dentes o atingissem. Nesse meio tempo, o garoto sacou a faca de caça e perfurou a lateral do seu inimigo. A faca atravessou as costelas e pareceu não fazer efeito. Por conta disso, Rudrik atacou mais duas vezes e, no segundo seguinte, a criatura desfaleceu. Seus movimentos pararam e ela se tornou um cadáver que o garoto

jogou para o lado. Rudrik se levantou cansado. Olhou para a barreira que Sten havia criado e percebeu que nenhuma outra criatura vinha dela. Pegou o cristal amarelo que Sten havia soltado quando gritou de dor e foi até a borda para observar o andar de baixo. Sten lutava no andar de baixo em frenesi. Vários corruptores o atacavam. Suas garras cortantes apenas o empurravam para o lado enquanto riscavam sua pele, porém logo ele retomava o equilíbrio e devolvia o ataque, matando mais uma das criaturas. Nos andares de baixo, mais corruptores saíam das ramificações, tantos que eles se atrapalhavam ao subir, derrubando uns aos outros enquanto subiam em desordem. Valus, que até então continuava apenas observando, repentinamente rugiu. Todos os corruptores pararam de se mover. Sten caiu de joelhos e colocou uma das mãos na cabeça. Enquanto o bárbaro se recuperava, os corruptores menores davam espaço para Valus subir.

— O Corruptor maior está vindo — gritou Rudrik.

— Ótimo, deixou vir.

Sten aproveitou o momento para ir para uma área mais ampla, já que ao seu redor estava cheio de corpos. Os corruptores se afastaram dele e deixaram a área livre. O bárbaro esperou com o machado em punho; há anos aguardava aquele momento, ele sabia que cedo ou tarde chegaria. Da última vez que enfrentou um Valus, ele não passava de um garoto. Enfim, a criatura surgiu entre os corruptores. Sua forma era exatamente como se lembrava, porém parecia menor, mais baixa. Então Sten percebeu que, na verdade, era ele que havia crescido. Não era mais um garoto, era um homem, era um guerreiro, e aquele monstro não passava de uma aberração. Assim que saiu da multidão, a abominação correu em direção ao bárbaro, inclinando a cabeça para empalá-lo como um touro. Sten criou uma barreira de terra entre os dois e deu alguns passos, pois achava que a barreira não seria suficiente. Valus acertou a barreira com força, desfazendo-a e desacelerando no processo. Do outro lado, o bárbaro esperava seu inimigo com o machado e, assim que Valus surgiu, recebeu um golpe na lateral da cabeça que o redirecionou para uma parede. Um chifre se partiu com o golpe do machado e o outro rebateu na parede, deixando sua marca. A criatura se virou e, sem demora, avançou novamente contra ele, que esquivou do seu ataque indo na direção do chifre partido, que passou a centímetros do seu torso. Enquanto esquivava, Sten deferiu um golpe na lateral da coxa de Valus. Devido ao ataque, o corruptor tombou. Aproveitando o momento, o bárbaro subiu na criatura e atacou de cima para baixo em seu tórax exposto. Mesmo sendo um machado com lâmina afiada,

a arma reverberou como um martelo. O primeiro ataque afundou no tórax sem cortar a pele; o segundo rasgou a pele e fez jorrar sangue na ferida; o terceiro nunca aconteceu porque Valus se recuperou e, com as costas das mãos, acertou o bárbaro. O golpe pegou de raspão, mas foi suficiente para lançar o bárbaro para longe e fazê-lo rolar no chão. Enquanto Sten se colocava de pé, Valus se levantou e atacou com o chifre novamente. Sten deferiu um golpe na sua cabeça, mas não foi suficiente para desviar o ataque. O chifre o acertou e pressionou contra a parede, para logo erguê-lo e pressioná-lo contra ela. Se fosse uma pessoa normal, estaria partido ao meio. Valus tentou perfurá-lo sem sucesso, depois cedeu por um momento, apenas para o bárbaro cair novamente no chão. Assim que atingiu o chão, a criatura passou a deferir uma série de socos, esmagando-o contra a parede. Os golpes não eram fatais, mas o deixaram em um ciclo de dor do qual ele não poderia escapar, pois sempre que o bárbaro tentava levantar era atingido por outro golpe.

Rudrik viu todo o duelo e, quando Sten foi pressionado, agiu. Saltou do andar de cima e, em queda, acertou com o machado a lateral da cabeça da criatura, que cambaleou com o impacto. Rudrik conseguiu se apoiar no próprio corpo da criatura e prendeu o machado no chifre dele para se manter em pé. Assim que Valus recuperou o equilíbrio, ergueu a mão no intuito de agarrar o garoto, porém Rudrik se soltou e caiu desequilibrado. Aproveitando o movimento, Valus deferiu um dos seus socos, não dando chance para o garoto esquivar. Sten, agora livre, criou uma barreira entre Valus e o garoto, desacelerando o golpe. Por entre os escombros da barreira, Rudrik esquivou do golpe da criatura, girou e deferiu um golpe atrás do joelho dela. Valus se ajoelhou em dor e Sten correu, saltou e golpeou seu peito. A criatura tombou para trás, deslizou na borda e caiu no andar de baixo. Após o som de Valus se chocando com o chão, houve um silêncio que logo foi preenchido com o rugido de fúria da criatura. Sten sentiu novamente a dor na cabeça e, junto com a dor, os corruptores ao seu redor atacaram.

O bárbaro resistiu à dor e, junto com o garoto, recuou de costas para a parede. Enquanto o bárbaro revidava os ataques que vinham na sua direção, Rudrik defendeu suas costas de um corruptor que saiu de um dos pequenos túneis. O corruptor saltou na direção do bárbaro, mas o machado do garoto o acertou no ar e a criatura caiu entre a multidão. Aproveitando a oportunidade, Rudrik entrou no túnel e foi seguido por Sten, que trocava golpes com os corruptores que se afunilaram para caber na entrada. Quanto mais o bárbaro recuava, mais estreito se tornava o túnel, até chegar ao ponto de apenas um corruptor atacá-lo por vez.

Porém, nesse momento, outros corruptores começaram a vir do outro lado e lutar contra o garoto. Como o machado tinha maior alcance, o garoto tinha vantagem. Enquanto lutavam, os corpos dos corruptores mortos se amontoaram e isso desacelerou o avanço deles, porém encurtava o espaço que sobrava para lutar no corredor, até chegar ao ponto de o garoto e o bárbaro ficarem costa a costa. Os corruptores do lado de Sten começaram a acertá-lo com as garras e ele sabia que logo aconteceria o mesmo com Rudrik. Para evitar que isso acontecesse, o bárbaro empurrou os corruptores para a frente, dando espaço para o garoto lutar e, ignorando as garras que o atingiam, ergueu a terra à sua frente. O túnel começou a se estreitar do seu lado. Sten viu e sentiu a terra pressionar as criaturas, esmagando-as enquanto se debatiam. Então trocou de lugar com Rudrik e passou a lutar do outro lado. Em sua fúria, o bárbaro conseguiu conter o avanço dos corruptores e as pilhas de corpos à sua frente se tornaram uma barreira, mas, para garantir, também selou aquele lado, esmagando todos os corruptores que estavam no alcance do seu poder. Com os dois lados selados, não houve silêncio, pois era possível ouvir os corruptores escavando em ambos os lados. A luz do cristal brilhava intensa no pequeno espaço. A dupla estava cansada; ambos suavam e respiravam de forma acelerada. O garoto se encostou na parede e, ofegante, perguntou:

— E agora?

O bárbaro não respondeu imediatamente. Sentiu os corruptores escavando o túnel, também podia senti-los arrastar seus pés no andar de cima e no andar de baixo. Sabia que ficar ali parado apenas pioraria tudo, que tinha que aproveitar enquanto o entusiasmo do combate ainda estava do seu lado. Então disse:

— Para baixo, vamos para baixo, se prepare.

— Agora? Não é melhor descansar um pouco?

— Não, a terra não vai aguentar tanto, e quando esfriar será pior, sentirá mais o cansaço e a dor. Amanhã será ainda pior, isso se sobrevivermos.

— Se morrermos, pelo menos não será de sede, mas vamos tentar não morrer, lembra? — Disse o garoto, se desencostando da parede, colocando o machado sobre o ombro e se preparando.

Sten olhou para o garoto, um olhar que para Rudrik parecia uma resposta, mas era um questionamento. Como o garoto podia lidar dessa forma com a morte?

Depois percebeu que ele próprio fazia o mesmo de uma forma muito mais negativa, então decidiu não pensar mais a respeito e, com um movimento, a parte de baixo do chão caiu para o andar inferior. A dupla estava preparada para o impacto, então não se desequilibrou e atacou os corruptores que, no começo, não reagiram. Aquele andar era inclinado e havia menos corruptores que o andar superior. Enquanto Sten golpeava, conseguiu ver à frente, na parte que era mais elevada, uma horda de corruptores subindo para os andares em que estavam antes. No momento em que os corruptores ao seu redor se tornaram cientes deles, a horda também se tornou e deu meia-volta, descendo em disparada. Enquanto Rudrik eliminava os corruptores restantes, Sten criou uma barreira na passagem para evitar o avanço da horda. Assim que a barreira se fechou totalmente, Sten olhou para o garoto e correu para a parte de baixo do corredor. Com o seu supersentido, sentiu os passos rápidos do garoto o seguindo, também sentia os corruptores escavando as barreiras que havia criado.

O corredor descia em espiral e tinha alguns túneis remanescentes, porém Sten não sentia nenhuma criatura andando por eles. Entretanto, na parte central e nos túneis superiores havia tanto movimento que o lembrava um formigueiro. Continuaram correndo para baixo. Sten os guiou para um local que o seu sentido não atingia. Assim que chegou lá, percebeu que se tratava de parte do rio que transbordava pelo túnel. Aproveitando o seu supersentido, Sten colocou a mão no chão. Além de sentir a água arando a terra e seguindo até a extensão de rocha do outro lado, indicando que estava ligado ao rio, também sentiu um enorme movimento vindo do lado para o qual estavam avançando, indicando que mais corruptores vinham em sua direção. Sten entrou na água, deu alguns passos e parou ao ouvir Rudrik perguntar:

- Espera, nós vamos nadar?
- Não temos escolha, se ficarmos aqui os corruptores nos alcançarão.
- Mas... Eu não sei nadar.

Sten olhou para o garoto com incredulidade. Nadar era uma habilidade básica. Os celtas tinham um rio cruzando suas duas grandes aldeias e os escandinavos eram saqueadores do mar. Porém, logo se lembrou que o garoto viveu toda a vida no deserto e com certeza nunca viu tanta água em um só lugar. Por conta disso, nunca teve a oportunidade de aprender.

- Merda — resmungou o bárbaro, mas depois disse: — Vamos, segure em mim.

Rudrik se aproximou, prendeu o machado em seu cinto junto com o cristal amarelo e colocou as mãos no ombro do bárbaro.

— Apenas se segure, não me empurre para baixo ou ambos morreremos. Entendeu? — disse Sten.

— Sim — disse o garoto, apesar de não parecer muito confiante.

O bárbaro sabia que, por conta dos seus poderes, poucas coisas poderiam matá-lo de forma repentina, e sabia que não poder respirar era uma delas. Avançou pela água lentamente, seguido pelo garoto. Quando chegou na área em que o seu pé não encostava no chão, avisou o garoto. Como Rudrik era mais baixo, isso aconteceu com ele antes. Houve um puxão e o garoto se agarrou no pescoço do bárbaro, buscando apoio nele.

— Só deixe o corpo leve, não lute! — gritou o bárbaro.

Rudrik relaxou aos poucos e sentiu a flutuabilidade da água. O bárbaro avançou alguns metros e o garoto flutuou junto dele. Na sua frente, se deparou com uma parede, mas, como havia visto anteriormente, o fluxo da água seguia por baixo até o rio.

— Vamos mergulhar, apenas se segure em mim, eu farei o resto.

Antes de o bárbaro mergulhar, ele fez uma contagem para preparar ambos.

Assim que mergulhou, houve uma resistência por parte de Rudrik e isso travou seu movimento, porém não durou muito e o bárbaro começou a se mover. Seus movimentos aceleraram a princípio, depois se tornaram contínuos. A água lhe deu uma dormência nos sentidos. Sempre que estava em terra, conseguia sentir seu redor, mas ali era como se estivesse perdido um dos sentidos. Sua pele ficou parcialmente dormente por conta do frio. O movimento começou a cansar o bárbaro e o fazia desejar novamente oxigênio. Rudrik se segurou mais firmemente nele, indicando que também estava sentindo a falta de oxigênio. A luz amarelada do cristal brilhava até embaixo d'água, mas sua luz era ofuscante, tornando todo o ambiente amarelo sem demonstrar um caminho. Sten, durante o movimento, colocou a mão no teto para sentir até onde ele se estendia, pois seu fôlego estava acabando. Descobrir a distância apenas o desesperou, pois ele se estendia por mais alguns metros. Vendo que ainda faltava muito, colocou mais esforço para avançar mais rápido, achando que isso compensaria a falta de ar, porém teve o efeito contrário, apenas fez com que sentisse ainda mais a necessidade de respirar. Seu desespero começou a aumentar e o avanço se tornou

menos contínuo. Rudrik o segurou com força, mostrando que também estava no limite. Em vez de o garoto se desesperar, ele começou a imitar com os pés os movimentos do bárbaro. Já o próprio bárbaro soltou totalmente o ar e acelerou ainda mais, esquecendo totalmente o clamor do próprio corpo. Com esse impulso, a dupla emergiu do outro lado, com os pulmões ardendo e gritando por ar. Tomaram seu primeiro fôlego e, naquele momento, apenas respirar importava.

Calmamente, o bárbaro chegou à borda rochosa e subiu novamente para a terra. No momento em que encontrou a rocha, sentiu a vibração próxima a ela. Olhou na direção e viu que estavam próximos ao centro onde estava o cristal primordial. Podia até vê-lo, e Valus novamente ao seu lado. Seu tórax sangrava por conta do ferimento e o cristal parecia dar-lhe algum conforto, pois a besta se reencostava nele. Parecia que ele estava pronto para descansar ali e fechou seus olhos completamente negros. Mas Sten sentiu a atenção de Valus em si antes mesmo de o corruptor abrir novamente os olhos e vê-lo de forma objetiva.

Rudrik ainda estava agachado, olhando para o chão em busca de ar. Sten tentou levantá-lo, mas antes que pudesse, Valus gritou uma ordem e o bárbaro também gritou, só que em dor. Rudrik tomou ciência da situação. Seu corpo estava gelado, não era um frio comum, era como se um cristal gélido estivesse crescendo dentro do seu ser. Sua respiração era rápida e gélida, todo seu corpo tremia. Assim que Valus gritou, toda a horda que estava no andar superior desceu como uma correnteza. Muitos deles caíram e tropeçaram uns nos outros. Eram mais do que haviam enfrentado até então. Rudrik se pôs de pé, superando o cansaço, e Sten resistiu à dor e se colocou na frente do garoto. A horda avançou até ele. Os corruptores se amontoavam no bárbaro; eram tantos que uns subiram sobre os outros para encontrar um local. Toda a sensação gélida seguia com Rudrik e, quando deu um golpe lateral, o rio do seu lado seguiu o movimento, se erguendo como uma onda indo de encontro à horda. A água acertou as criaturas como um chicote e logo depois congelou e prendeu as criaturas, criando uma barreira no túnel. As pernas de Sten foram pegas no ataque. Ele conseguiu resistir ao golpe e não cair, mas ficou preso até o joelho e ainda com os corruptores sobre ele.

Rudrik ficou uns segundos parado, sem entender o que acabou de fazer. Sten lutou contra os corruptores que o atacavam, arremessou um contra a parede e

outro para dentro do rio do outro lado. Os outros corruptores estavam parcialmente congelados e, como estavam presos e com o corpo exposto, o bárbaro os atacou sem piedade. Rudrik voltou a si e golpeou o corruptor que foi arremessado na parede. O primeiro golpe impediu que o corruptor levantasse, acertou sua cabeça, pondo-o novamente no chão e abrindo um ferimento no local. O próximo ataque o atingiu em seguida; dessa vez, o machado rasgou um caminho até o meio da cabeça, levando-o à morte. Rudrik foi até Sten e tentou se desculpar, mas não sabia bem sobre o quê, ao mesmo tempo em que golpeava o gelo que prendia ele. Sten via através do gelo os corruptores se amontoarem. Como ainda tinha visão, tentou criar uma barreira do outro lado, mas a barreira apenas subiu alguns centímetros e o esforço estava mais exaustivo do que de costume. O corruptor que tinha sido arremessado no rio submergiu e começou a nadar de forma descompensada até a margem. Vendo que o corruptor se aproximava, o bárbaro pediu para o garoto se afastar para lidar com ele. Rudrik se afastou, porém, quando o corruptor chegou na terra firme, olhou para o bárbaro, parou e, como se ouvisse ou farejasse algo no ar, se virou na direção de Rudrik, que ergueu o machado para recebê-lo. Preso, o bárbaro apenas pôde arremessar o machado na criatura. O machado rodou no ar e atingiu com a parte do cabo o corruptor. O impacto empurrou a criatura para o lado e a dor serviu como impulso para que a criatura avançasse na direção do garoto. Sten não pôde fazer nada e, por reação, sentiu medo de que algo acontecesse com o garoto. Rudrik manteve o foco e, assim que a criatura chegou no seu alcance, ele desceu o machado. Sten viu o ataque que haviam treinado sendo usado na prática, pois a lâmina acertou a cabeça da criatura e a deixou completamente inerte quando abriu seu crânio e atravessou sua mandíbula, dividindo-a em duas metades. Assim que a criatura caiu no chão já sem vida, Rudrik voltou para Sten e tentou livrá-lo do gelo. Do outro lado, a horda pressionava e forçava sua passagem pela barreira. O bárbaro sabia que, assim que os corruptores atravessassem, atacariam o garoto. Sentia que seus poderes tinham diminuído e, por conta disso, o garoto passou a chamar mais atenção do que ele próprio.

— Fuja daqui — disse Sten.

Rudrik ignorou e continuou golpeando o gelo próximo às pernas de Sten, e foi parado pelo bárbaro que o empurrou para longe.

— Não está ouvindo? Se ficar aqui vai morrer!!!

— Mas... Eu ainda posso lutar — disse Rudrik, se aproximando novamente.

— Quando os corruptores atravessarem o gelo vão atacá-lo e, da forma que estou, não poderei protegê-lo! — respondeu o bárbaro. Em seguida, colocou a mão no ombro do garoto e disse calmamente: — Você aqui só vai me atrapalhar.

Rudrik ficou parado dessa vez. Se sentiu um fardo, sabia que não poderia ajudar naquela situação e o fato de ter sido ele próprio que causara isso o deixava ainda pior.

— Traga meu machado e vá — disse o bárbaro.

Rudrik pegou o machado e o levou até o bárbaro, que o empunhou e disse: — Siga pelo rio, talvez ele te leve à superfície. Eu... vou tentar não morrer.

O garoto deu um leve sorriso para Sten, que apenas fez um gesto de cabeça indicando para ir. Rudrik se virou, deu alguns passos seguindo o rio, parou e olhou para trás. Pensou em dizer algo, mas seus olhos lacrimejaram. Virou-se novamente e correu. Sten viu o garoto se distanciar com a luz amarelada, deixando apenas a luz que o cristal primordial transmitia através da parede de gelo. Enquanto ele se distanciava, Sten pensou que, apesar de toda a coragem, Rudrik ainda era apenas um garoto, e se sentiu grato por pelo menos tê-lo salvo.

A sensação de plenitude era contrastante com o caos que estava do outro lado da barreira. As criaturas a atacavam e a quebravam em pequenos fragmentos. Sten as observou com calma, não tomou nenhuma ação para se livrar, somente aguardou a chegada delas. A primeira criatura que atravessou a barreira foi recepcionada com o cabo do machado. Outras surgiram com as garras em direção ao bárbaro, mas ele estava preso ao chão e continuou atacando-as a curta distância, distribuindo os golpes e as empurrando para trás. Logo, mais delas conseguiram atravessar, abrindo a passagem e dando liberdade para o bárbaro revidar com a lâmina. Na curta distância e com os inimigos vindo apenas de uma direção, o bárbaro transformou em pedaços os corruptores que tentaram passar, em sua fúria. Porém, isso não conteve o avanço dos outros corruptores que atacavam ininterruptamente o gelo, criando uma abertura cada vez maior. Um corruptor conseguiu passar e pulou contra Sten, travando seu movimento. Esse corruptor mordeu o ombro do bárbaro, e o bárbaro sentiu quando os dentes perfuraram a carne. Seus poderes ainda estavam lá para impedir um estrago

maior, mas não era mais invulnerável. A dor chegou com um surto de adrenalina. Em uma reação instantânea, agarrou a cabeça do corruptor e bateu contra o gelo. O impacto foi tão severo que espalhou parte do cérebro do corruptor na superfície transparente. Os próximos golpes do bárbaro se tornaram mais furiosos. Porém, ao mesmo tempo, mais e mais corruptores tentavam atravessar. A água do outro lado subiu pela abertura e caiu do outro lado, negra pelo sangue. Os corruptores avançavam, quebrando mais o resto do gelo à frente de Sten. Nesse processo e por conta do excesso de movimento, o gelo das pernas do bárbaro se partiu. Tão insano estava que nem mesmo percebeu que estava livre, mas seus ataques se tornaram mais devastadores. Sua lâmina não tinha mais fio para cortar e agia como um porrete. Enquanto o bárbaro quebrava os ossos dos corruptores, a barreira de gelo cedia completamente e as monstruosidades se amontoaram nele. As garras dos corruptores arranharam o bárbaro, que mesmo assim não cedeu e se manteve em pé revidando, matando um a um em seus golpes. Porém, a horda sobre ele se tornou excessiva. Os arranhões cessaram e mal se podia respirar. Sem muita opção, o bárbaro se jogou no rio. Sua visão se tornou completamente negra, o frio surgiu repentinamente. Só podia ouvir o som da água nos seus ouvidos. Suas mãos esbarraram no emaranhado de corpos e o machado se soltou delas. Desorientado, tateou à sua volta. No processo, empurrou alguns corruptores, esbarrou com o chão e o usou como impulso para chegar à superfície. A horda estava dispersa no rio em um emaranhado de corpos. Em sua desordem, estavam atacando a água do rio e uns aos outros. O frio da água tinha devolvido a razão ao bárbaro, e ele aproveitou a confusão para subir para a terra e correr em direção à escuridão do rio. Tateou novamente a parede para se orientar. Seus poderes estavam tão fracos que não pôde sentir nada. Quanto mais seguia o rio, mais escuro se tornava. Percebeu que alguns corruptores o seguiam pelo som dos passos atrás de si. Correu o mais rápido que pôde, apoiando-se na parede para se orientar. Os passos se tornaram próximos. Repentinamente, o bárbaro caiu para o lado. Demorou um tempo para perceber o que aconteceu e, no processo de se levantar, percebeu que caiu em um túnel menor. Pelo barulho, indicava que os corruptores haviam o alcançado, e criou uma barreira naquele pequeno corredor. Porém, ela cresceu penosamente e tirou todo o poder que havia restado do bárbaro. A parte final lhe custou mais esforço. Mesmo assim, antes que fechasse, ouviu o barulho de dois corpos caindo à sua frente. Não tinha dúvida de que eram corruptores que tinham atravessado. Seu corpo estava formigando, sensível. A sensação era de estar completamente nu. Estava no escuro com dois corruptores, sem poderes e sem nenhuma arma.

No silêncio, o bárbaro não teve como se orientar e ergueu os punhos para se proteger, como Hadares havia ensinado. A guarda o salvou, pois direcionou um ataque que atingiria no seu pescoço para o ombro, mas não evitou que a dor surgisse. Sem os poderes, a garra rasgou a pele facilmente. No mesmo instante, o bárbaro direcionou um soco que acertou a cabeça do corruptor e, no movimento, o agarrou com a outra mão. A criatura tentou se agarrar a ele e o bárbaro o jogou no chão. Porém, as garras dela passaram por sua costa, deixando um ferimento. Assim que o primeiro caiu, o segundo corruptor saltou sobre o bárbaro, que, apenas orientado pelo som, atacou. Golpeou o corruptor no ar e o lançou de volta para a parede. O corruptor do chão se debateu e suas garras rasgaram a coxa do bárbaro, que respondeu com um pisão. Primeiro, houve um barulho de algo se quebrando. Vendo que acertou o alvo, Sten colocou mais peso e a bota atravessou o osso e amassou o resto da face da criatura. Enquanto o bárbaro esmagava a cabeça de um corruptor, o outro se recuperou e atacou. Sua garra acertou a lateral do abdome. A dor deu a direção do próximo ataque do bárbaro, que acertou a testa do corruptor, fazendo-o cambalear. Sem esperar, atacou novamente. Dessa vez, acertou no meio do rosto da criatura, que, ao receber o golpe, se encostou na parede. O próximo ataque do bárbaro acertou o ar porque não imaginava que o corruptor tinha ido tanto para trás. Porém, os outros acertaram no alvo, assim como os subsequentes. Cada golpe mais furioso do que o anterior, pressionando a face da criatura contra o punho e a parede. O bárbaro somente parou de atacar quando seus punhos começaram a atingir a parede e, se tivesse visão, veria que a cabeça da criatura se tornou uma pasta de sangue.

Na escuridão, o bárbaro ouviu as criaturas se moverem desordenadamente do outro lado da parede. Não havia nenhum som onde estava. Acalmou-se e, na calma, encontrou a dor e o cansaço. Sem algo para orientá-lo, a escuridão o envolveu como um cobertor. Porém, o bárbaro resistiu à vontade de descansar. Caminhou com a força que lhe restava pelo pequeno túnel, acompanhado pela escuridão e pela preocupação que o mantinha consciente. Precisava encontrar o garoto.

CAPÍTULO 22

Apenas a dor mantinha o bárbaro consciente. Cada passo da sua perna ferida mandava um lembrete agonizante para o resto do corpo, para se manter firme. Além da dor, os pensamentos também o acompanhavam, seguindo na escuridão. Aos poucos, a escuridão se tornou uma com o bárbaro, tirando-lhe a dor e deixando apenas o fluxo de pensamento. Sua maior preocupação era encontrar o garoto. Sentiu seus poderes de espectro retornarem a si. Lentamente, sua perna ficou firme e percebeu uma luz, uma tocha que a sua própria mão segurava. „Preciso encontrar o garoto”, pensou novamente, dessa vez em uma voz que não era sua. Sten pensou em parar, mas o bárbaro continuou. Sten se tornou um espectador, não mais um controlador dos próprios movimentos. Também começou a questionar se aquele seria seu próprio corpo.

A preocupação percorreu aquele corpo, o medo de falhar novamente. Por conta disso, o bárbaro colocou a mão na terra para sentir. Seus poderes não lhe deram a visão que esperava. Sentiu arrependimento. Sten viu memórias que não lhe pertenciam: viu Magnus à sua frente lutando contra uma imensa horda, usando seus poderes de espectro, mostrando sua força avassaladora, e viu aquele corpo moldando a terra e lutando ao seu lado com seu machado. O terreno era cinzento e montanhoso. Sten conhecia aquele lugar: era o desfiladeiro das terras sombrias, mas não do lado em que ficava a torre negra, era o lado oposto, por onde a horda atacava. Assim que saiu da lembrança, o bárbaro socou a terra, levantou-se e pensou em formular um plano. No silêncio, pôde ouvir o som distante do rio. Distante. Uma voz ressoou na mente de quem não pertencia a ele próprio: „Se ele segue o que lhe ensinei, seguirá o rio.” A voz era grave e autoritária. Enquanto o próprio Sten se questionava sobre a voz, o corpo que não era o seu se direcionava para o rio e, assim que o encontrou, correu seguindo o fluxo. Suas passadas eram pesadas. Já não se importava se seria encontrado por um corruptor e gritou em plenos pulmões: „Sten!!!” Com a voz, o próprio Sten, que era apenas um espectador, soube bem quem era o dono daquele corpo e daquela voz. Ela pertencia a Heimdall.

Heimdall continuou a correr e gritar seguindo a margem. Com o tempo, parou de correr e seguiu dando passadas rápidas. Sua voz, que antes ressoava pelo túnel, diminuiu a intensidade e se propagava apenas como um eco distante. Seguiu desesperançoso, até que, de forma casual, o garoto surgiu cobrindo o próprio rosto. Sten não se lembrava da própria aparência e se deparou com um jovem de cabelos negros desgrehados. Usava as roupas cinzentas dos cavaleiros. Seu físico se sobressaía por sobre as vestes: era grande e musculoso demais para ser chamado de garoto, mas jovem demais para se considerar um adulto. Quando ele próprio abaixou a mão que usava para se proteger da claridade, o próprio Sten viu o rosto de um jovem que representava seriedade, com a cicatriz na testa evidente sobre a luz da tocha. Ao mesmo tempo, sentiu uma onda de alívio e felicidade. Então, percebeu que esses sentimentos não eram seus e sim de Heimdall. Pela intensidade da emoção, era de se supor que estava sorrindo, mas Sten se lembrava que o bárbaro tinha uma feição séria quando o encontrou.

— Por que não respondeu? — disse o bárbaro.

— Eu... Achei melhor esperar, não tinha certeza.

O bárbaro respirou fundo. Sten sentiu a onda de emoções se acalmarem dentro dele. Não era raiva, era consolação. Assim que se acalmou, deu uma boa olhada no garoto. Ele parecia estar bem, mas notou que lhe faltava algo:

— Onde está sua arma?

— Eu... a perdi — disse o garoto timidamente.

Outra respiração e outra onda percorreram seu corpo, e novamente não era raiva, era preocupação. Heimdall não carregava outras armas além da sua própria.

— Vamos — disse o bárbaro, virando-se e seguindo o rio, dessa vez contra a correnteza.

Heimdall já estivera no subterrâneo antes, nunca tão a fundo. Não podia supor o local que entrara, mas sabia que havia uma saída próxima ao mesmo rio que seguiam. Era uma entrada pela qual os corruptores saíam durante o inverno, a entrada que ele próprio bloqueava com seus poderes quando passava pela torre. Se fosse Magnus, seria por ela que levaria uma tropa para resgatá-los. Sua única opção era seguir para a entrada e esperar sua ajuda. O dever do general era

protegê-lo, não por serem amigos, mas por conta do poder que carregava consigo. Lembrou-se de Magnus, dele dizendo que estavam fracos demais para entrar no subterrâneo, que deveriam resgatá-lo na manhã seguinte. Heimdall o ignorou, pediu uma tocha e se preparou para entrar no mesmo buraco em que Sten havia caído. Mas, antes, Magnus lhe deu um último aviso: "Se entrar do jeito que está, vai acabar morrendo". O bárbaro parou e sua memória foi ainda mais para trás, voltando para a terra do oeste, e Sten o observou como espectador: o rosto angelical de uma mulher de cabelos longos prateados, com os olhos cobertos por uma faixa. A lembrança permaneceu por menos de um segundo, mas deixou uma impressão forte que emanava um complexo sentimento de determinação e clemência. Com esse sentimento, Heimdall disse antes de continuar: "Se esse for o meu destino, eu o aceito".

O rio começou a ficar sinuoso, exigindo mais concentração do bárbaro e o tirando dos seus pensamentos. Começou a andar mais devagar e prestar mais atenção no presente. Sabia que não valia a pena relembrar ou supor nada agora. Deviam chegar à entrada e aguardar. Esse era seu objetivo.

Caso Magnus não viesse resgatá-los, buscaria uma solução quando o problema surgisse. Por fim, chegou no local que reconhecia e desviou do rio, seguindo por um dos túneis da parede. Gradativamente, o túnel se elevou e fez uma leve curva. O bárbaro apagou a tocha, pois sabia que logo chegariam à saída. Como havia previsto, alguns passos à frente chegaram no fim do túnel, que terminava em uma queda repentina. O bárbaro esperou enquanto apenas ouvia as criaturas vagarem abaixo dele e via seus contornos. Mas, com o tempo, sua visão melhorou e pôde distinguir melhor o que via. Era um espaço amplo abaixo deles. Um grande número de corruptores vagavam por entre os túneis e, no canto oposto, via uma subida que o bárbaro sabia que os levaria para a saída. Ficou grato que seus poderes estavam enfraquecidos, caso contrário a horda teria o percebido.

O bárbaro esperou em silêncio. O garoto fez o mesmo. Enquanto observava, percebeu que não havia forma de atravessarem. Mesmo que Magnus viesse, não poderia garantir a segurança de nenhum deles. Teria que cruzar aquela horda e, caso o espectro do metal não aparecesse, seria uma tarefa quase impossível. Desesperança cruzou seu corpo. Olhou para o garoto na escuridão e sentiu medo. Outra lembrança apareceu na mente do bárbaro: carregava algo para fora de uma

caverna. Quando alcançou a saída, a luz revelou que carregava o corpo de um garoto. Havia feridas profundas na sua pele, marcas de garras, e o sangue escorria por elas. A emoção ficou mais intensa, era tão forte que Sten não podia acreditar que pertencia a Heimdall. Movido pela emoção, o bárbaro agarrou o braço do garoto e foi para trás, para o meio do túnel. Lá, ficou frente a frente com o garoto e disse:

— Teremos que cruzar para o outro lado, não vai ser fácil.

O garoto apenas assentiu em forma de resposta, demonstrando compreensão. Heimdall continuou:

— Te entregarei o poder dos espectros — disse Heimdall, colocando a mão no peito.

— Mas, Mestre...

Antes que ele pudesse concluir a frase, o bárbaro retirou de si próprio uma luz amarela e de aspecto esfarelado. Tinha um formato cúbico, se desfazia e restaurava como as ondas da areia de um deserto. O garoto instintivamente estendeu a mão para pegá-la. A luz flutuou, sendo guiada por ambos até o peito do garoto, e desapareceu. Enquanto o garoto olhava para si próprio, o bárbaro disse:

— Quando eu der o sinal, corra. O poder o protegerá.

— E o senhor?

— Não se preocupe, não é a primeira vez que luto sem poderes. Concentre-se no objetivo.

Sten ainda era um espectador, mas dessa vez no seu próprio corpo jovem, e desejou saber se o que Heimdall dizia era verdade. Mas agora sentia apenas seu próprio corpo, seus próprios pensamentos. O garoto acreditou no bárbaro. Voltaram para o fim do corredor. Nada aconteceu por um bom tempo. Então, os corruptores pararam de agir de maneira desordenada. Todos se moveram para longe da saída, apenas uma das criaturas andava na direção dela. Era maior do que os demais e, mesmo na escuridão, o garoto sabia o que era:

— Valus — sussurrou ele.

A criatura andou até a saída e ficou parada, como se estivesse ouvindo algo. No silêncio mortal, o garoto fez o mesmo. Não ouviu nada, mas muito ao longe sentiu como se parte de si ressoasse no túnel à frente, uma luz, uma chama, como lava, metal derretido.

— Está sentindo isso? — sussurrou o garoto.

Houve um silêncio e o garoto achou que seria preenchido com uma censura do bárbaro, mas ele perguntou em sussurro:

— Como metal, ou escuridão?

— Metal.

— Está longe?

— Bem longe, não sente?

— É o Magnus. — Murmurou o bárbaro. — Ele não conseguirá te sentir porque você está fraco. Vamos esperar.

O garoto não entendeu bem o que o bárbaro disse, mas não precisava entender; precisava apenas seguir o que lhe foi dito, então esperaram. Valus continuou escutando na caverna sem se mover, os corruptores fizeram o mesmo, todos permaneceram parados. Magnus se aproximava lentamente pelos túneis, cada vez mais perto, até que sua presença tornou-se incontestável. Nesse momento Valus grunhiu e os corruptores recuaram, todos sumiram de vista e desapareceram nos túneis. O próprio Valus sumiu em um túnel abaixo deles. O bárbaro sussurrou um xingamento e continuou com uma pergunta:

— Quão próximo está Magnus?

— Bem próximo. Logo ele estará aqui.

Houve um suspiro do bárbaro e ele se posicionou, olhou para baixo e pegou novamente a tocha, a pederneira e sussurrou:

— É uma emboscada. Se ficarmos, seremos pegos na mesma armadilha. Assim que acender, corra até a saída. Está pronto?

O garoto olhou para a saída que estava a mais de vinte metros e depois para o chão; devia ter pelo menos uns quatro metros de queda, sem contar os

corruptores. Não seria fácil, mas não tinha escolha, então se virou, assentiu e se preparou.

— Apenas corra. — Sussurrou o bárbaro.

O silêncio se tornou a confirmação de suas determinações. Por um breve minuto havia apenas sombras e silêncio, então surgiu uma faísca que as cortou e se transformou em chamas. O garoto pulou sem hesitar; seu impacto com o chão foi severo. Acertou os pés no chão, mas o impacto o lançou para frente, fazendo-o pousar com os joelhos no chão. Porém, como se não fosse nada, se levantou e correu. Atrás dele a chama voou em direção ao chão projetando sombras. Houve outro impacto severo seguido de um estrondo de ira. O movimento apagou a chama e a escuridão cobriu a caverna, porém espontaneamente a luz surgiu novamente em um novo fôlego, juntamente com as passadas pesadas do bárbaro. Valus urrou e os passos de centenas de corruptores se juntaram aos da dupla. O garoto, além do som dos passos, viu os corruptores dos túneis laterais saírem em disparada correndo em sua direção. Apenas se concentrou em correr, sabia que somente a saída poderia livrá-lo da horda que o acompanhava. Os corruptores se aproximavam, mas o foco do garoto era tanto que eles eram apenas borrões em sua visão periférica. Mas um desses borrões se aproximou e se lançou contra ele. O garoto apenas piscou sem parar o movimento. Houve um som de impacto, de algo caindo, e as passadas do bárbaro desaceleraram por um instante. "Não pare de correr!!!" gritou o bárbaro acelerando novamente. Outro borrão se aproximou do outro lado; esse saltou e suas garras acertaram o pescoço do garoto. As garras rasgaram a pele levemente graças à resistência do poder da terra, mas o golpe derrubou o garoto, que assim que caiu tentou se levantar mesmo com o peso do corruptor. Sentiu as garras dele no seu ombro, porém logo depois sentiu um impacto severo quando Heimdall abriu a criatura com seu machado. Em um movimento, o bárbaro agarrou o garoto pela camisa e o arrastou até ele próprio começar a correr. Chegaram na subida da saída; a luz da tocha oscilou se apagando novamente por um instante. Antes de atravessar a saída, o garoto olhou para trás. Heimdall tinha acabado de acertar um corruptor, lançando-o no ar. Outro tentou passar por ele e o bárbaro acertou o cabo do machado em sua cabeça fazendo-o tropeçar e cair. Os corruptores correram por sobre a luz da tocha que estava no começo da subida, fazendo as sombras dançarem enquanto avançavam. Mas atrás, uma horda se movia como uma onda avançando por entre as sombras. No meio dela, Valus caminhava em passos pesados sumindo e

aparecendo na luz da tocha. "Fuja daqui!!!" gritou o bárbaro, mas não teve tempo de ver a resposta, pois um corruptor o atacou, e pela primeira vez o garoto viu o bárbaro desviar de um ataque. O garoto deu dois passos para frente; a sensação de impotência o preencheu. Sten, o espectador, tentou reagir, porém nada pôde fazer além de observar. Heimdall se preparou para contra-atacar, mas o garoto não viu o resultado, pois se virou e correu pelo túnel sendo engolido pela escuridão. E na ausência, pôde sentir Magnus se aproximando e gritou seu nome.

Várias luzes apareceram no fim do túnel. O garoto correu em direção a elas. Ao se aproximar, percebeu que eram tochas e ouviu o costumeiro som de metal da armadura dos cavaleiros. O primeiro a aparecer foi Magnus, estava com armadura completa; seu elmo era negro e a viseira fosca. Ao avistar o garoto, o elmo se liquefez, moldando-se ao resto da proteção do pescoço e ombro. Os olhos de Magnus eram alaranjados como metal derretido. O garoto sentiu um calor abrasador emanando dele. Heitor foi o segundo a aparecer e perguntou:

— Onde está Heimdall?

O garoto tentou responder imediatamente, mas teve que tomar fôlego, e Magnus comentou:

— Está com ele, poder do espectro.

— Heimdall está lutando no fim do corredor, temos que ajudá-lo. — disse o garoto em seguida.

Heitor olhou para Magnus, mas nenhum deles agiu.

— Vamos! — gritou o garoto. — Me dê uma arma!

O garoto esticou a mão. Magnus estendeu a sua também, mas no último momento a retirou e fechou o punho e disse:

— Heitor, leve-o daqui. Vou seguir sozinho.

— General, acredito que devemos recuar, não vale o risco. Ele não é mais um espectro.

— Sei o risco, mas devemos isso a ele. — disse Magnus e olhou para o garoto e continuou. — Nenhum de nós é descartável.

Enquanto Heitor buscava um argumento, Magnus moldou a manopla do seu braço; parte dela se moveu como lava e se solidificou no formato de uma espada.

— Se eu não voltar, traga todos para cá.

Vendo que não tinha opção, Heitor colocou a mão no ombro do garoto, que o empurrou para o lado e disse:

— Vocês não entendem. Ele está lutando sozinho com uma horda e tem um Valus lá. Temos que ajudá-lo.

— É por isso que devo seguir sozinho, só irão me atrapalhar.

Heitor colocou novamente a mão no ombro do garoto para puxá-lo. O garoto ficou indeciso. O elmo de Magnus começou a se reconstruir, moldando-se à sua forma, enquanto isso ele disse:

— Não se preocupe, eu o trarei de volta.

O garoto acreditou e permitiu que Heitor o puxasse, e começaram a correr na direção da superfície. Sten, como espectador, sabia onde aquilo levaria, o peso daquela escolha. Tentou tomar aquele corpo, fazer algo diferente; seguir Magnus, convencer Heitor, alterar o destino. Pois se lembrava fortemente das palavras de Magnus e sabia que apenas veria novamente seu mestre quando Magnus emergisse na superfície com seu corpo sem vida em seus braços. A vontade de Sten foi tão forte que rompeu a memória e ele se debateu na escuridão, no presente. A sensação do seu corpo foi repentina, a dor alucinante. Sten se dobrou no chão, não por dor física, por dor emocional e para tentar retornar ao passado. Porém não teve nenhum efeito; o destino não podia ser mudado, restando para ele apenas a dor e o vazio da escuridão.

CAPÍTULO 23

Após um longo período, a dor emocional dissolveu-se com a realização de que não havia nada que poderia fazer. O bárbaro se apoiou na escuridão da pedra; seu corpo queimava em dor, uma dor que era sua, uma dor no tempo presente. Porém, assim que se preparou para levantar, observou uma luz azul no túnel. A luz não iluminava o ambiente, apenas pairava na escuridão. Quando Sten olhou fixamente, ela se expandiu, trazendo consigo a sensação de umidade, do começo de uma chuva, e logo veio uma voz rouca e familiar que disse:

— Então a loucura finalmente te alcançou.

E como uma ampliação da percepção, na luz surgiu uma figura; era um velho vestindo roupas de animais. Sten o reconheceu rapidamente: era Ruarán, o ancião do seu vilarejo. A última vez que o viu foi durante o rito de passagem. Sabia que aquilo podia ser uma ilusão, então disse:

— Você é outra ilusão, não é possível que esteja aqui — disse o Bárbaro, levantando-se.

— Não sou uma ilusão, Sten, mas você está certo, não estou realmente aqui.

Sten foi em direção à figura e tentou tocá-la; sua mão atravessou a luz azulada e o velho que sorria dentro dela sem tocar em nada.

— Você é um fantasma?

— Não sou um fantasma, estou vivo, mas tive que esperar por esse momento para me comunicar.

— Esperou pelo quê?

— Esperei você enlouquecer completamente.

Sten ficou encarando o velho sorridente, sem entender. Ruarán, percebendo a confusão, explicou:

— É a loucura que liga os espectros; somente assim podemos nos comunicar dessa forma, através da escuridão que carregamos. Por conta disso, peço que não retorne para a luz antes de conversarmos.

— Você é um espectro?

— Sim, o espectro da água, ou melhor, o espectro dos Celtas. Você, por acaso, não se tornou o espectro dos escandinavos durante esses anos?

— Não, não sirvo a nenhuma nação.

— Ótimo — disse o velho lentamente. Seu sorriso se desfez e ele perguntou: — Vou direto ao ponto: por que, assim que recebeu os seus poderes, não retornou à vila?

Sten pensou no que aconteceu logo após a morte de Heimdall, lembrou-se do juramento que fez para se tornar um espectro, das viagens, dos deveres; não se sentia pronto, e nem mesmo sabia se ainda era um celta. Quando retornou, foi apenas porque ouviu o boato de que sua vila havia sido destruída, porém o que mais pesou na sua escolha era o fato de sentir que tinha herdado esse destino de Heimdall e deveria cumpri-lo. Olhou para Ruarán e pensou que o velho, por ser um ancião e um espectro, entenderia sua resposta.

— Era meu dever ser o Espectro da Terra.

— Seu dever era retornar ao seu povo!

— Perdi esse direito quando falhei no rito; meu destino agora é outro.

Ruarán riu a princípio e, gradativamente, o riso tornou-se uma gargalhada. O bárbaro ficou em silêncio. Quando o riso do velho cessou, ele disse:

— Acredita que é esse o seu destino, Sten? — Como o bárbaro não demonstrou reação, o velho continuou: — Deixe-me contar a história do seu destino. Você acha que falhou no teste porque perdeu a luta, é claro que não. Você e Caled eram os dois melhores, é óbvio que o aprovaria, seria um guardião como Marvin se tornou, mas nós decidimos seu destino.

— Vocês?

— Eu e Heimdall — disse o velho com um imenso sorriso. — Ele veio a mim, pediu para levá-lo. Eu decidi que você teria mais utilidade como Espectro do que como guardião; nós decidimos seu destino.

Sten não soube o que pensar, mas sua primeira reação foi fechar os punhos; queria atacar algo. Toda a sua vida foi baseada no seu fracasso, porém não havia falhado — haviam escolhido por ele, roubaram seu destino. Sem dar importância, o velho continuou:

— Os escandinavos sempre se aproveitaram de nós, Celtas. Sua mãe é a prova disso. Se retornasse como espectro, seria a nossa chance de mudar isso, mas eu não pensei que os escandinavos tentariam tomar o poder do espectro da água e que você não retornaria. De qualquer forma, agora podemos revidar...

Sten estava a ponto de atacar o velho, mesmo sabendo que ele era intangível, mas o velho adiantou seu discurso sabendo que isso aconteceria:

— Já que alguns de nós sobreviveram.

O velho se silenciou e observou a reação de Sten; sua agressividade havia sumido, dando lugar à surpresa.

— Quem... Quem sobreviveu? — perguntou o bárbaro.

O sorriso do velho ficou um pouco mais largo, mas, antes de responder, ficou sério novamente:

— Sua mãe morreu durante o ataque, morreu nos defendendo como uma guardiã.

Sten ficou paralisado; tinha aceitado a morte de sua mãe há muito tempo. A esperança havia surgido e se desfez rápido demais para que ele pensasse em algo.

— Porém — continuou o velho —, muitos sobreviveram, inclusive o seu amigo Marvin. Ele se tornou um ótimo guerreiro, um dos melhores.

Uma sensação de alívio percorreu o corpo do bárbaro, como se um imenso peso tivesse saído de suas costas, como se uma parte impotente de si tivesse retornado. Ainda observando a reação de Sten, Ruarán seguiu:

— Nós, os sobreviventes, estamos em Dunan, o pequeno forte. Posso te guiar pela escuridão, te levar de volta à superfície. Venha até nós e juntos podemos nos

livrar dos escandinavos.

Sten esperava por aquele momento sua vida toda: uma chance de redenção, de retornar ao seu povo. Mas, antes de tomar uma decisão, lembrou-se de Rudrik; tinha que encontrar o garoto. Além disso, havia o cristal primordial e a invasão de corruptores.

— E Rudrik, pode tirá-lo daqui?

— O garoto que entrou contigo, o prateado, traria muita atenção.

— Encontre um jeito, um outro caminho.

— Não há outro caminho. O rio que encontrou vai direto para o oeste, não há saída.

— Não irei a lugar nenhum sem ele.

Ambos ficaram se encarando. Na visão de Sten, não existia nada além do velho, apenas ele e a escuridão, e notou que sua luz azulada começava a enfraquecer. Porém, quando ele retornou a falar, ela se acendeu novamente:

— Muito antes de você chegar, já estava vigiando esse local. A cada dia, mais corruptores são atraídos para cá. Quando chegar o inverno, eles sairão e atacarão o norte, as cidades escandinavas. Nesse momento, Niflheim, a capital, mandará reforços. Nós os atacaremos. Se estiver do nosso lado, será mais fácil: serão dois espectros contra uma cidade desprotegida. Esqueça o garoto. Com a sua ajuda, podemos vencer.

— Você... — disse Sten, calmamente, como se estivesse reprimindo algo dentro de si. — Deixará a invasão acontecer? E o seu juramento, que fez quando recebeu o poder do espectro? Esqueceu-se dele?

— Eles destruíram nossa cidade!!! — disse o velho, furioso. — Você não é escandinavo ou um cavaleiro, é um bracênio. Cumpra o seu dever!!!

Sten não respondeu. Virou-se e começou a andar. Sua perna machucada não respondeu como deveria e ele mancou para longe. Porém, antes que se distanciasse, o velho disse:

— Não precisa ser assim, Sten. Esse não é o seu destino.

Sten olhou novamente para o velho e disse:

— Pode até não ser, mas é o que eu escolhi.

A luz azulada enfraqueceu. A expressão de frustração do velho desapareceu com ela. Sten voltou a caminhar na escuridão, com a dor percorrendo sua perna a cada pisada. Apesar de todos os males que lhe haviam ocorrido, ele se sentia verdadeiramente livre.

CAPÍTULO 24

A dor acompanhou o bárbaro na escuridão. Somente podia seguir em frente, acompanhando a trajetória do túnel. Não havia bifurcação nem um caminho a escolher, somente a escuridão e a dor. O bárbaro seguiu por ela, apoiando-se na parede, mancando. A dor vinha de forma rítmica, e o bárbaro a tornou constante. Sua luta contra ela a tornou uma normalidade, e ele já não a sentia conscientemente — era um incômodo distante que o seguia por aquele túnel. Sten já não pensava. Alcançou uma espécie de transe que seguia o ritmo: passo, passo e dor; passo, passo e dor. Sua mente prática se manteve nessa linearidade até que sentiu, nos seus pés, a água gelada. Então, a cada passo, mais dos seus pés se submergia na água. Juntamente com o frio que subia pelos seus pés, vinha também a sensação de dormência que a água proporciona. Quando alcançou a coxa, isso lhe prestou um certo alívio, tanto que até forçou o bárbaro a molhar o resto dos ferimentos. Sua respiração ficou mais calma. Fechou os olhos. Surgiu na sua mente a memória da sua terra, do seu povo, seguida da imagem dos cadáveres queimados. "Eles ainda vivem, não sou o último", disse Sten. Abriu os olhos apenas para ver a escuridão e continuou a andar. A água segurou a dor, que para o bárbaro se tornou inconsciente, mas à frente sentiu a correnteza em suas leves ondas, que já atingia o seu abdômen. Nessa altura, o conforto do frio se tornou apenas frio. As pequenas ondas se tornaram mais fortes, e pôde sentir a correnteza à sua frente. A sua mão perdeu o apoio, mas, tateando, encontrou novamente a parede na outra direção. Seguindo a parede, emergiu novamente para fora da água e ouviu claramente a correnteza, indicando que estava novamente no rio. Aproximando-se do rio, sentiu a água nas suas mãos. "Sempre ande no sentido da correnteza", lembrou-se de Heimdall. Era como se o tivesse perdido novamente, como se o tivesse visto há poucas horas. Para ignorar aquele sentimento, seguiu na direção da correnteza.

O mesmo ciclo recomeçou, agora acompanhado pelo som da correnteza, e se manteve durante muito tempo. Vez ou outra, uma passagem surgia na parede para o interior da caverna, mas Sten sabia que o garoto seguiria o rio como havia

ordenado. Também não temia encontrar um corruptor, nem sequer passava por sua cabeça a possibilidade, já que, nesse caso, somente poderia lutar, assim como para ele, nesse momento, apenas podia avançar. Não havia realmente uma opção, e o bárbaro via conforto nisso.

Após uma longa caminhada, Sten avistou a luz quando acompanhava a curva do rio. Parou e a observou de longe. Apenas via o cristal amarelo no chão e ouvia o som da correnteza. Enquanto esperava, nada viu. Então, pensou que talvez Rudrik tivesse sido atacado e tentou correr na direção do cristal. Tropeçou no chão irregular, oculto pela escuridão. Quando se recuperou, retornou às suas passadas constantes. Ao entrar na luz, olhou em volta e viu apenas a escuridão, e gritou:

— Rudrik!!!

— Não grite! — respondeu o garoto, surgindo na luz.

Rudrik se aproximou e parou quando viu os ferimentos.

— Você está bem?

— Sim. O cristal, por que o deixou aqui?

— Achei que era melhor do que levá-lo para a passagem que encontrei. Se você aparecesse, eu viria. Caso fosse um corruptor, talvez ele se distraísse com a luz.

— Devia seguir em frente.

— Estava ficando cansado. Além disso, tinha que te esperar.

Enquanto o bárbaro procurava um contraargumento, Rudrik pegou o cristal e disse:

— Vem, deixa eu te mostrar.

O garoto seguiu para uma passagem próxima. O túnel tinha o formato circular e saía em uma outra parte do rio.

— Se os corruptores vierem, podemos sair pelo outro lado — disse o garoto, apontando para a saída. — O que achou?

— Ótimo.

Sten se sentou. Rudrik não pôde dizer, pelo tom, se estava sendo irônico ou não, mas era perceptível o cansaço e a dor na sua voz. Por isso, aproximou a luz do ferimento dele. Sten também observou o próprio estado e percebeu que sua

camiseta era apenas uma tira presa no seu corpo, em meio aos arranhões e sangue. Arrancou o resto dela e jogou para o lado. Tinha várias camisetas, mas todas estavam na sua bagagem, fora da mina.

— Aqui — disse o garoto, tirando um pote da bolsa. — Talvez isso ajude.

O bárbaro olhou para o pote para pegá-lo, e Rudrik percebeu que seus olhos não eram dourados, eram castanho-escuros. Abriu e viu seu conteúdo esverdeado, e perguntou enquanto o garoto tirava outras matérias da bolsa:

— Tinha dito para levar só o necessário.

— É necessário agora — respondeu o garoto.

Rudrik tentou se aproximar para ajudá-lo, mas o bárbaro pegou as bandagens e tecidos que ele havia separado. Enquanto tratava a si próprio, Rudrik permanecia sorrindo ao seu lado.

Isso forçou o bárbaro a perguntar:

— Por que está sorrindo?

— Só estou feliz que esteja vivo.

— Vá vigiar, preciso descansar um pouco.

O garoto se levantou já sem o sorriso. Sten viu o garoto se distanciar levando com ele a luz. Na sua cabeça ecoava a frase „estou feliz que esteja vivo”.

Lembrou-se de Heimdall, do momento em que ele o encontrou — ele estava feliz, mas não havia dito.

— Rudrik. — Disse o bárbaro, e o garoto parou para olhá-lo. — Eu... Estou feliz de tê-lo encontrado.

O sorriso retornou ao rosto do garoto, e com ele continuou seu caminho, deixando Sten na escuridão. Seus ferimentos estavam entorpecidos pelo medicamento; não havia dor, apenas escuridão e conforto. Ao adormecer, o bárbaro se deparou não com a surpresa da vida, e sim com a surpresa da morte, pois em seus sonhos surgiu a lembrança de Magnus saindo do subterrâneo carregando o corpo de Heimdall.

Mesmo na lembrança, a dor continuava — era como uma velha amiga, uma ferida que nunca iria se curar. Magnus tentou dizer algo, mas as palavras lhe faltaram. Andou até Sten, que estendeu os braços para segurar o seu mestre. O peso de Heimdall o pôs abaixo; era pesado como a própria morte. Era perceptível que algo o havia deixado. Sten gritou o seu nome, mas não ouviu resposta, pois não havia nada lá. Os próximos momentos foram de choro, onde o garoto se apegava ao corpo do seu mestre como se, por algum milagre, pudesse trazê-lo de volta, até que Magnus retirou o corpo dos braços de Sten, que lutou nos primeiros instantes antes de entregá-lo. O general seguiu para a torre, e o exército seguiu seu general até a entrada da torre. Somente Magnus, Heitor e Sten subiram. No santuário da torre, Ramon esperava. No sonho, as palavras que Magnus trocou com os anciões estavam distantes. Magnus foi até o cristal primordial e, próximo a ele, criou um altar de metal onde pôs o corpo de Heimdall. Trocou outras palavras com Ramon, então disse algo ao corpo à sua frente. Assim que terminou seu discurso, perguntou a Sten se ele desejava falar, mas o garoto apenas respondeu com o choro. Vendo que Sten não estava disposto a falar, o general fez um sinal para Ramon, que chamou um dos seus aprendizes, um jovem de cabelos rubros. Ele estendeu os braços e chamas cobriram o altar.

O som retornou nesse momento. As chamas podiam ser ouvidas enquanto o corpo no altar desaparecia. Quando o corpo foi totalmente consumido, Ramon se curvou em direção ao altar, contornou-o e foi em direção a Sten. Magnus tentou contê-lo, dizendo:

— Essa não é a hora?

— E quando será? — perguntou o velho, desviando dele.

Assim que chegou em frente a Sten, o velho disse:

— O Poder que foi entregue a você... Acho que entende o seu propósito, sabe contra o que lutamos. Não vou mentir para você, Sten: os cavaleiros, meu povo, os prateados e os Espectros são tudo que está entre nós e a destruição — ou, como nossos inimigos gostam de dizer, o Recomeço. Isso não vai acabar e fica mais difícil a cada ano. Pode escolher desistir disso tudo, entregar o seu poder para outro e voltar para sua vila, mas se decidir ficar, eu mesmo o treinarei para que vire um Espectro e saberá toda a verdade desse mundo.

— Ele confiou a mim — murmurou o garoto. — Eu vou ficar.

— Está disposto a fazer o juramento?

O garoto não respondeu, mas se ajoelhou. Ramon colocou a mão em seu ombro e ficou ao seu lado para que ele visse o altar. O ancião recitou o juramento e o garoto o repetiu:

„Prometo, pela luz que carrego, defender os povos livres contra todas as ameaças.

Não servirei a nenhum reino, nem me curvarei à tentação do poder sombrio. Ignorarei os sussurros das trevas e lutarei, mesmo quando estiver sozinho na escuridão.

Seguirei firme, até que outros se ergam para carregar este fardo.

Garantirei um novo amanhecer, ainda que meus olhos jamais contemplem sua luz.

Enquanto recitava, Sten olhava o altar e a luz à sua frente. As lágrimas percorriam seu rosto, sua voz trêmula foi ganhando autoridade. Quando terminou de recitá-lo, já não era mais um garoto.

A luz do cristal primordial brilhou intensamente — uma distorção causada pelo efeito do sonho. Sua luz iluminou a borda da consciência do bárbaro e transpassou para a realidade. Quando Sten abriu os olhos, estranhou o fato de estar escuro. Foi um despertar tranquilo, como se tivesse sido guiado para o mundo desperto. O bárbaro se levantou; sua perna ainda estava rígida e o incômodo permanecia, porém a dor tinha sido anestesiada. Sten andou até a borda do rio e viu a silhueta do garoto próximo à margem. O garoto ouviu seu movimento e perguntou:

— Como você está?

— Bem, quanto tempo passou? — perguntou o bárbaro.

— Não tem como saber aqui embaixo.

O bárbaro queria uma estimativa, mas viu que seria uma sem fundamento. Independente do tempo, viu que fora o suficiente e pediu para que o garoto fosse descansar. Antes de ir, Rudrik informou que havia enchido os odres. Sozinho, Sten relembrou novamente o sonho, seu juramento e o que disse Ruarán: aquele local seria o começo de uma verdadeira invasão. O cristal primordial fortaleceria os corruptores; mais deles chegavam a cada dia. No inverno, seria uma força suficiente para tomar todo o norte. Talvez pudesse sair e informar os cavaleiros

— Heitor saberia o que fazer. Rudrik não poderia; assim que chegasse próximo da saída, os corruptores os sentiriam e, sem suplemento, eles obviamente morreriam ali. Sem contar que ele próprio talvez não conseguisse passar despercebido. Nesses casos, ambos morreriam por nada.

sozinho na escuridão esses pensamentos rodearam o bárbaro e se tornaram sua convicção. Horas depois, Rudrik acordou. Ao chegar na margem, perguntou:

— Como foi a vigia?

— Sem movimento.

O garoto passou por ele e pegou o cristal alaranjado. Quando retornou, Sten disse:

— Não vamos seguir o Rio.

— Por quê?

— Não há saída por aqui, a única saída é por onde entramos.

O garoto ficou confuso, deu uma olhada rápida para o outro lado, por onde era o caminho de retorno, e perguntou:

— Como você sabe?

— Acredite, não há.

O garoto ficou parado com a expressão de dúvida, mas a constatação de que haveria apenas uma saída — e era pela qual estavam os corruptores — o fez perguntar:

— Vamos ter que voltar?

— Não, não vamos. Você fica aqui, vou abrir caminho para você. Se eu não retornar, estará por conta própria.

Sten tentou passar pelo garoto, mas Rudrik bloqueou sua passagem.

— Espera aí, você não pode ir assim.

— Eu sou a nossa melhor chance. Se você chegar perto de um corruptor, ele sentirá sua presença.

— Por isso você vai se matar por mim? Olha para você, nem consegue andar

direito. Você é quem precisa da minha ajuda.

— Isso vai sumir no calor da batalha. Apenas fique aqui, vou resolver isso.

— Não! — disse o garoto firmemente. — Eu já fiz isso uma vez, tive que ficar aqui rezando para que você estivesse vivo. Não vou fazer isso de novo.

Sten não respondeu, porque pensou em quando ficou do lado de fora da caverna aguardando o retorno de Magnus e Heimdall, apenas para se deparar com a verdade. Ele também preferia lutar. Como Sten não respondeu, o garoto continuou:

— Meu pai morreu nessas minas, é o meu dever resolver isso. Você disse que devemos honrar nossas escolhas, então deve honrar a minha também. Tem que aceitar a minha ajuda.

"É apenas um garoto", pensou o bárbaro, mas ele estava certo. Não podia escolher por ele, não podia resolver tudo sozinho. Pensou em quando pediu para ajudar Magnus, sabia que poderia convencer Rudrik, sabia que poderia obrigá-lo a ficar, mas também sabia que precisava de ajuda. Olhou para o garoto e viu nele a si mesmo, sua própria juventude.

— Tudo bem — disse o bárbaro simplesmente.

— Ótimo — respondeu o garoto. E assim que sua confiança passou, perguntou:

— Qual é o plano?

Vencido, o bárbaro revelou o que pensava em fazer sozinho:

— Vou usar o cristal primordial para recuperar os poderes e, com ele, soterrar essas cavernas.

— E como vai chegar até ele?

— Não sei ainda.

— Podemos usar meus poderes, que acabei de descobrir, se você me ensinar a usá-los.

— Não funciona assim. Os poderes dos prateados são diferentes.

— Diferente como?

— É inconsciente.

O garoto continuou em dúvida, o que forçou o bárbaro a falar mais:

— Os seus poderes são biológicos e os meus são energéticos, como os dos cristais. A ativação dos seus é inconsciente, a dos meus é consciente. Pode tentar,

não vai funcionar.

Sten estava reproduzindo fielmente o que Ramon havia ensinado na teoria, pois somente o próprio poderia ensiná-lo na prática. Rudrik foi até a margem, fez alguns gestos com a mão e nada aconteceu.

— Não pode me ensinar?

— Seria como respirar ao contrário. Não sei fazer isso.

Era uma piada de Ramon, uma piada estranha porque o próprio havia ensinado Sten, ou seja, ele sabia respirar ao contrário.

— Certo, sem poderes podemos fazer de outra forma: eu os atraio para o fundo da caverna.

— Perigoso demais.

— Não é, só preciso correr até você chegar no cristal. Aí você os esmaga — disse o garoto, fazendo o gesto de apertar com ambas as mãos. — Pode fazer isso?

Sten pensou nas vezes em que entrou em contato com o cristal primordial da torre negra. Quando estava em contato, podia sentir até a terra a quilômetros de distância da torre. Também se lembrou de Rudrik fugindo do Draco — o garoto era rápido, pelo menos com o incentivo certo.

— Pode funcionar.

— Vai funcionar.

Sten pegou o cristal e os odres de água e caminhou contra a margem, retornando. Rudrik o seguiu. Andaram todo o caminho de volta, que era mais longo do que Sten imaginava. Quando chegaram próximo de onde estava o cristal primordial, viram sua luz em uma curva. Antes de seguir, deixaram o cristal alaranjado e os odres. Ao se aproximarem, avistaram a luz branca do cristal primordial através do gelo. Os corruptores permaneciam no mesmo local, só que de forma mais tranquila, apenas quebrando a estrutura que se tornara uma barreira para a água. Após observar, voltaram para onde estava o cristal alaranjado.

— Como vai fazer isso com eles lá?

- Vou entrar pelo túnel submerso. Espere um tempo e depois os atraia.
- Certo, fique com o cristal. Pode usá-lo.
- E você vai correr no escuro?
- Verdade. Quer o meu machado ou a minha faca?
- Me dê a faca.

Sten pegou a faca. Era uma faca de caça, não uma arma mortal, mas era melhor do que nada. Assim que testou a arma, desceu para o rio.

- Sten? — perguntou o garoto, atraindo sua atenção. — Obrigado por confiar em mim.
- Me agradeça ficando vivo.
- Vou tentar não morrer.

O bárbaro manteve a cabeça na superfície da água, avançando lentamente. A correnteza era lenta por conta da barragem de gelo à frente, e os corruptores permaneciam do outro lado dela, em seu trabalho monótono. Aproveitando a distração, o bárbaro avançou pelas sombras. Ao chegar onde ficava o túnel submerso, tomou fôlego antes de mergulhar. Percorreu o túnel mais facilmente por estar sozinho e por saber onde ele terminava. Ao chegar do outro lado, esperou na escuridão. Nada o ouviu e continuou avançando. O túnel seguia em sua forma circular. Após caminhar, voltou a ver a luz que surgia na saída do túnel. Os corruptores andavam de um lado para o outro em frente à passagem. O bárbaro segurou firmemente a faca. Só restava aguardar e confiar que Rudrik os atrairia.

CAPÍTULO 25

Rudrik esperou. Esperou mais um pouco. Então surgiu a dúvida: deveria esperar mais ou apenas agir? Não tinha como saber, não havia forma de supor quando seria o momento certo. A tensão do agir percorreu sua espinha. Segurou o machado com mais força — era reconfortante. Sentia nele o que todo guerreiro sentia: era uma ancestralidade, como se seus ancestrais estivessem pedindo para agir, como se seu pai incentivasse sua coragem. Após respirar fundo, colocou o machado na cintura, em seu suporte, pegou o cristal alaranjado e avançou. Avançou lentamente. A princípio, esgueirou-se — fazia parte da sua natureza. Mas então percebeu a natureza da sua missão: devia ser avistado, devia atrair a atenção dos corruptores. Nesse instante, avançou a passos firmes.

Assim que avistou os corruptores do outro lado da barreira de gelo, gritou atraindo sua atenção. Os olhos negros o avistaram, mas nada fizeram — ficaram parados onde estavam. Rudrik deixou-se tomar pela fúria e começou a xingar os corruptores de uma forma que somente um adolescente poderia fazer. Enquanto o garoto xingava, por entre os corruptores Valus apareceu e se tornou o alvo do garoto, que passou a chamá-lo de "Vaca". O corruptor superior arrancou parte do gelo com um golpe e bramou. Os corruptores saíram do transe, pularam a barreira já se afunilando em frenesi. Rudrik nem terminou seu xingamento — no meio da palavra, virou-se e correu em alta velocidade. Ser pego significava morrer. Seus passos se tornaram mais rápidos. O medo lhe deu vigor. Em desespero, correu enquanto ouvia os silvos dos corruptores atrás de si. A luz alaranjada oscilava e revelava o caminho à sua frente. Sua mente tinha um único pensamento e seu corpo apenas reagiu ao estímulo — apenas corria.

Rudrik, nos primeiros minutos, mal sentia o esforço, mas a adrenalina começou a ter um efeito exaustivo — e ela voltava a fazer efeito somente nos momentos em que ouvia o silvar atrás de si. Não sabia por quanto tempo podia manter aquilo. Os corruptores não eram tão rápidos, mas o alcançariam pelo cansaço. A luz alaranjada dificultava a visão — mal podia ver à sua frente. As pernas do garoto começaram a falhar. Essa dificuldade o fez pisar em falso e se

desequilibrar. Ouviu o silvar se aproximar repentinamente. Ao se levantar para evitar ser pego, correu para dentro de um dos túneis laterais. A horda atrás de si lutou para entrar no túnel, teve que se afinar, esmagando uns aos outros. Rudrik correu pelo túnel, que se afinou cada vez mais. Chegou a um trecho em que não podia correr, pois era extremamente fino. Quando passou esse trecho, o túnel voltou a se alargar, porém o garoto se deparou com uma parede à sua frente — não havia saída. Olhando para a parede, Rudrik respirou profundamente, sacou seu machado e voltou andando para a parte estreita. Viu os corruptores se aproximarem. Rudrik sabia que não era mais hora de correr — era o momento de lutar.

Sten permanecia parado nas sombras. Os corruptores continuavam a se movimentar na frente do túnel de onde vinha a luz, até que um corruptor parou bem em frente ao túnel. Não olhava para lugar nenhum — era como se tivesse desligado, como uma máquina que esgota sua energia. Então veio o bramar. O corruptor se moveu, correu na direção do som, seguido de centenas de outros corruptores que passaram após ele. Sten continuou parado. O som de passos preencheu o ambiente — era como se um rio tivesse desaguado naquela direção. Após pouco mais de um minuto, já não havia corruptores passando na entrada e o som de passos se tornou distante. Nesse momento, o bárbaro se esgueirou até a entrada.

Ao chegar na entrada, Sten teve uma visão clara do ambiente. À sua frente seguia o caminho em espiral que terminava no centro da caverna. Estava em um andar superior e, no andar de baixo, ficava o cristal primordial. Porém, somente uma das suas extremidades brilhava de forma intensa — o restante permanecia debaixo da água. A caverna foi parcialmente inundada por conta do bloqueio de gelo. Valus permanecia parado ao lado da barreira, com água até as coxas. Ao seu lado tinham ficado três corruptores. Nestes, a água chegava na altura do abdômen por serem bem menores. Sten não percebeu que sorriu ao perceber que o plano tinha funcionado, pelo menos o primeiro estágio. Só precisava correr até o cristal. Mas, assim que teve esse pensamento, ouviu passos que o forçaram a retornar para a sombra. Outros dois corruptores passaram pela entrada. Sten esperou o som de seus passos se distanciar e retornou à entrada. O cenário permanecia o mesmo, porém agora os três tinham voltado a trabalhar, e os outros dois ficaram de guarda ao lado do cristal. Valus forçou sua passagem pela barreira e desapareceu.

O bárbaro sabia que não podia esperar, pois o plano funcionou — isso indicava que Rudrik estava em perigo. Ele respirou profundamente e sentiu a raiva queimar dentro de si, retirada de um sentimento interior. Eram apenas dois corruptores. Poderia chegar ao cristal. Depois não importava. O desconforto do frio deu lugar ao calor. A sensação incômoda da falta de poder virou combustível — era a fragilidade e o medo que causavam seu ódio. Ouviu novamente passos ao seu lado, mas já era tarde. A fúria tinha tomado o lugar. Era apenas um. Assim que o corruptor apareceu, Sten segurou sua cabeça e forçou a lâmina pela direção oposta. Foi tão brutal que houve um som de algo se quebrando, um craque, quando ele decepou sua cabeça. Os outros corruptores olharam para ele instintivamente. Sten não usou o caminho — ele saltou. A água era da altura da sua cintura, mas isso não impediu o impacto com o solo, que forçou o bárbaro a apoiar os braços no chão. Houve uma onda e, dentro dela, emergiu Sten gritando e com a faca em punho. Todos os corruptores correram na sua direção. Os primeiros a chegar foram os que estavam no cristal. Como as criaturas eram menores, se movimentar na água era mais trabalhoso para elas. Tanto é que o primeiro tentou saltar na direção do bárbaro, mas, por conta da água, não conseguiu impulso suficiente e ficou exposto, recebendo assim um golpe que atravessou seu crânio. O segundo fez o mesmo — seu movimento foi tão desajeitado quanto o do anterior. Mas esse Sten apenas acertou com um soco da mão livre na lateral da sua cabeça. Ambos os corruptores caíram na água. Apenas o que tinha levado o soco se levantou novamente. Esse tentou atacar o bárbaro, que segurou seu braço com uma mão e, com a outra, apunhalou suas costelas três vezes. Sten soltou o corpo sem vida desse corruptor, olhou para o cristal à sua frente, depois para os três corruptores que se aproximavam. Se fosse rápido, conseguiria. Porém, atrás de si, ouviu algo caindo na água. Ao se virar, viu a onda se formar e outro corruptor saltar do andar de cima — eram mais dois. O que havia caído primeiro surgiu entre as águas e saltou sobre Sten. O bárbaro não recuou — avançou sobre o corruptor e sentiu quando as garras dele se prenderam nos seus ombros. Mas, ao mesmo tempo, o bárbaro afundou sua lâmina no seu tórax e o atravessou. A criatura mal teve tempo de gritar de dor antes de a morte súbita o encontrar. Sten ergueu o corpo dela da água e arremessou contra o outro corruptor, que não teve nem tempo de se levantar e se afundou na água juntamente com o corpo. Enquanto esse corruptor tentava se levantar, o bárbaro foi até ele. Com um dos pés, pressionou o corpo do amigo contra ele e passou a esfaqueá-lo. A cada golpe, a água ficava mais escura com o sangue da criatura.

A criatura parou de se mover. Então, Sten olhou para as três criaturas que viu na barreira — elas já estavam próximas demais. Não conseguiria chegar ao cristal sem passar por elas. Porém, viu a parte da barreira de gelo se despedaçar e surgir, em meio aos fragmentos, Valus. Sten sorriu. Não era um sorriso comum — era um sorriso bestial. Suas feridas não doíam — era como se fogo saísse delas. Ele próprio nunca se sentiu tão forte. Correu em direção aos três corruptores. Como da última vez, o primeiro deles saltou sobre o bárbaro, que se agachou para esquivar das garras e apunhalou o peito da criatura. Porém, dessa vez, a faca não aguentou e o cabo se partiu. A lâmina que matou a criatura se manteve presa a ela. Mesmo assim, o cadáver atrapalhou outra criatura, que se chocou com ela e caiu na água. Mas a terceira saltou em seguida. Suas garras se prenderam nas costas do bárbaro, que a ergueu com uma mão. A outra que havia caído se levantou e, como Sten segurava uma naquela direção, essa mergulhou e prendeu suas garras na perna do bárbaro. Enquanto tudo isso acontecia, Valus avançava em sua direção. Fogo corria nas veias de Sten. Seu corpo ardia em fúria. O cristal primordial brilhava à sua frente com a ponta exposta para fora da água. Sten afastou o corruptor das costas. Ao fazê-lo, as garras dele cortaram mais. O que não impediu o bárbaro de lançá-lo para longe. Depois golpeou de cima para baixo o corruptor que segurava sua perna. O punho percorreu o ar e a água fez uma onda quando acertou a criatura. Não foi um golpe forte para matá-la, mas o suficiente para que perdesse força no garrão em sua perna. Sten o agarrou e ergueu da água — sentiu parte da sua coxa queimar com o corte que aquela criatura fez. Ela berrou enquanto Sten se movia na direção do cristal. Quando chegou ao seu lado, o bárbaro desceu a criatura na sua ponta. A luz do cristal era tão intensa que fez brilhar as entranhas do corruptor. Entre sangue e entranhas, Sten se sintonizou com o cristal, tornou-se uno com a luz.

Rudrik acertou a cabeça do primeiro corruptor que saiu. Seu corpo foi empurrado pelo próximo, que recebeu outro golpe semelhante. O garoto continuou a atacar todos que chegavam ao seu alcance. Os corpos passaram a ficar entre as outras criaturas e o alcance do machado. Depois, apenas as mãos atravessavam essas aberturas e o garoto passou a atacá-las também. O empurrar constante da horda levou os corpos para fora e o garoto começou a empurrar para o outro lado. Enquanto empurrava, as garras dos corruptores tentavam alcançá-lo — ele se agachava para esquivar. Eventualmente, a força do garoto se excedeu e ele recuou e ergueu o machado. O primeiro corruptor que chegou do outro lado também caiu. Os outros se moveram por cima dele. Rudrik recuou

para a parede e se preparou para enfrentá-los. Nesse momento, houve um terremoto e Rudrik viu o túnel se fechar à sua frente, esmagando todos os corruptores. O sangue negro jorrou das fendas das rochas e o garoto instintivamente deu um passo para trás e percebeu que a parede não estava mais lá — agora havia um túnel.

Quando Sten se uniu ao cristal, pôde sentir toda a caverna. Sentiu a investida de Valus. Sentiu o corruptor que ainda estava vivo se levantar. Sentiu toda a extensão da caverna. Sentiu os passos dos corruptores que seguiam Rudrik, como se cada um deles percorresse sua própria pele, como se a caverna fosse o seu próprio corpo. Então usou sua vontade para moldá-la, forçou toda a terra ao seu redor a se comprimir, fechando não só a região em que havia corruptores como todo o resto, a quilômetros e quilômetros. Mas onde estavam os corruptores foi diferente — sentiu cada um deles sendo esmagado como se os tivesse em suas próprias mãos, como centenas e centenas de formigas esmagadas. Valus se aproximou ainda mais. O corruptor próximo de Sten saltou sobre ele e mordeu seu ombro, mas seus poderes tinham voltado e a mordida nada fez. Sten sentiu o cristal oscilar — não restava muita energia. Sabia onde estava Rudrik pela sua pisada e abriu um caminho para ele até onde estava. Notou que, além dele, só restava o corruptor no seu ombro e Valus. Sten focou a energia que restava para esmagar Valus. Porém, assim que a terra se moveu, o cristal cedeu e se fragmentou nas mãos do bárbaro. No último brilho, Sten viu Valus se aproximar. Então houve a escuridão. E Sten sentiu um golpe que o lançou para cima. Acertou uma parede e caiu na água. Os poderes de Sten tinham voltado e, graças a eles, não tinha morrido. Antes de se levantar, Sten dispersou parte dos seus poderes na água na esperança de fazer brilhar os fragmentos do cristal. O plano funcionou. A luz surgiu amarela com a refração e sombras aquáticas. Quando Sten se levantou, percebeu que o corruptor que o estava mordendo tinha sido esmagado — não sabia se foi por conta do golpe ou da parede. Depois notou Valus onde antes estava o cristal. O corruptor maior estufou o peito e urrou em fúria. As sombras aquáticas oscilaram. O amarelo ficou acinzentado e o miasma se misturou com a escuridão. Sten sentiu suas emoções, sentiu a fúria que vinha dele, e urrou também. A luz oscilou novamente e tornou a ficar amarela.

Ambos correram em direção ao outro. Antes de se encontrarem, Sten mergulhou e sentiu o ataque de Valus, que fez a água tremular ao passar por cima dele. Do

outro lado, Sten se agarrou ao corpo da criatura, prendendo suas mãos na própria pele dele, e se impulsionou para cima. Valus tentou novamente atingi-lo, girando e movendo o bárbaro consigo, que se segurou no seu chifre para não cair. Segurando-se, Sten acertou um soco na lateral da cabeça da criatura, que cambaleou para o lado. Aproveitando, o bárbaro acertou vários socos na sua cabeça, sendo alguns no olho — foi como atingir couro polido. Até que Valus se controlou e deferiu um golpe às cegas sobre sua cabeça, que acertou Sten, fazendo-o rodar para o lado e soltar-se. Como consequência, ele voou sobre a água e depois através dela, ficou completamente desorientado, ouvindo os movimentos dentro d'água e sua sombra se moverem. Quando se levantou, a criatura ainda o procurava. Aos seus olhos se encontrarem, notou que não tinha feito nenhum dano real — precisava de outro plano.

Valus correu em sua direção. Dessa vez, Sten fez um movimento com o braço e, embaixo d'água, um trecho de terra se elevou, fazendo a criatura tropeçar. Enquanto a criatura em queda passava por ele, o bárbaro acertou um cruzado que fez um barulho tremendo, mas nem mudou sua trajetória. Valus caiu de lado e afundou parcialmente na água. Quando ficou de frente para tentar se levantar, Sten moldou a terra debaixo da criatura para afundá-la mais e jogou o excesso sobre ela, na intenção de prendê-la. Enquanto a criatura lutava para se levantar, o bárbaro subiu nela e passou a atacar como se tivesse um martelo — a sua cabeça. Os ataques acertavam a criatura, cavava mais embaixo dela e fixava a terra que estava por cima. A criatura começou a afundar na água à medida que era atingida. Enquanto rugia e era atingida, a terra tremia ao seu redor. Usando sua força sobre-humana, livrou um dos seus braços e acertou Sten com a sua mão aberta.

Rudrik correu pelo túnel recém-feito. Ele era estranhamente linear — era visível que era artificial. Isso tornou o seu retorno muito mais fácil. O túnel acabou na parte de cima da área central, exatamente onde Sten e ele tinham visto o cristal pela primeira vez. A saída da mina estava ao seu lado, mas o garoto ignorou completamente e foi até a borda. Viu Sten atacando a criatura de cima para baixo, até que uma das mãos delas se livrou e atingiu o bárbaro, que voou no ar. Ao atingir a água, fez um rastro nela, criando duas ondas de lados opostos. Rudrik se assustou, achando que Sten tinha se ferido, e correu para o andar de baixo. Lá viu o bárbaro se levantar. Valus quebrava as camadas de terra que o prendiam e Sten ficou parado, apenas o observando. Rudrik parou e pensou em

como poderia ajudá-lo.

Sten pensou em usar seus poderes para mantê-lo ali, mas percebeu que aquilo seria uma briga de resistência que ele provavelmente perderia. Seus poderes se esgotariam e, sem eles, estaria morto. A verdade é que não tinha força suficiente para enfrentá-lo, mas aquilo era algo que não podia mudar. Sten ergueu os punhos e se concentrou, então ouviu Rudrik chamar seu nome. O bárbaro se surpreendeu duas vezes em poucos segundos, pois o garoto, assim que atraiu sua atenção, arremessou o machado. A arma rodou no ar e desapareceu na água a poucos metros do bárbaro, que, sem pensar, correu em sua direção. Valus se libertou totalmente e correu na mesma direção para acertar o bárbaro. Sten mergulhou e pegou o machado, sabia que tinha pouco tempo para reagir antes do golpe e agiu repentinamente. Valus o golpeou e o bárbaro atacou o próprio punho da criatura; o machado acertou sua lateral, rasgando a pele e desviando o ataque. A lâmina tremeu enquanto passava pela pele e o braço do bárbaro se enrijeceu. Sten ficou eufórico com o esforço, a adrenalina percorreu seu corpo, permitindo que agisse rapidamente. Deu um segundo ataque no braço da criatura, a lâmina cortou de cima para baixo na junção do braço com o antebraço, rompendo os tendões. Valus gritou de dor e tentou atingir Sten, mas seu braço não respondeu. O bárbaro, aproveitando o momento, saltou sobre suas costas, subiu e segurou seu chifre e, com apenas uma mão, acertou o olho da criatura, que se partiu igual couro liso. Valus gritou de dor, tentou e tentou agarrá-lo, sem sucesso, mas Sten também não pôde atacar novamente pelo movimento. Sempre que preparava um ataque, Valus se movia e, com apenas uma mão, não podia atacar. O corruptor superior correu como um touro e bateu na parede. Sten se chocou e caiu próximo a Valus, que o agarrou com o braço que ainda funcionava. Com o bárbaro em mãos, Valus o espremeu contra o chão embaixo d'água para afogá-lo. Mesmo em sua fúria, Sten não conseguiu reagir. Quando o ar começou a lhe escapar, usou seus poderes para moldar a terra, que se levantou e empurrou Valus para trás. Livre e em um terreno elevado, Sten saltou para atingi-lo, mas Valus reagiu e se protegeu com o braço ferido. Antes de cair, o bárbaro se agarrou novamente em um dos seus chifres, prendendo-se a ele, que se moveu para não dar apoio, e nenhum dos dois conseguiu atingir um ao outro.

Rudrik observou toda a luta. Em certo ponto, decidiu descer, mas, após descer mais uns andares, percebeu que seria totalmente inútil. Não poderia enfrentar

Valus, principalmente desarmado. Então, de onde estava, tentou moldar a água, tentou usar seus poderes, estendeu as mãos na direção do corruptor, mas seus esforços não deram nenhum resultado. Lembrou-se do que Sten havia dito: somente o instinto poderia ativá-lo. Olhou para a água abaixo; estava a oito metros de altura.

Sten se equilibrava nos ombros de Valus. Não conseguia atingi-lo, pois a criatura não parava de se mover. Valus, vendo que não podia atingi-lo, se inclinou como um touro e correu novamente na direção da parede. Sten se segurou para se preparar para o impacto. Nesse instante, o garoto pulou de onde estava. A queda fez surgir o medo de se ferir ou de morrer. Quando se aproximou da água, ela congelou repentinamente, como se o mundo tivesse prendido a respiração. Rudrik caiu de lado sobre a superfície de gelo. O impacto o fez ressaltar e, em seguida, deslizar para longe. A dor explodiu em seu corpo como um trovão interno, e o choque o deixou atordoado, com os sentidos embaralhados. Valus foi congelado no movimento. Sten, na inércia, foi para frente. Seus pés ficaram sobre o gelo e permaneceu segurando o chifre de Valus, que tentou se mover, mas suas pernas e seus braços tinham sido congelados, pois estavam embaixo d'água. Sem reação, Valus berrou para Sten, que acertou um golpe no seu maxilar, soltando um dos lados e tornando o berro uniforme. Valus tentou se mover e Sten segurou mais forte o chifre dele e o puxou para o lado, expondo seu pescoço, que recebeu o primeiro golpe. A lâmina não perfurou totalmente, mas Sten voltou a inclinar Valus para o lado e golpear. Cada golpe abria mais o pescoço da criatura, cortando tendões, músculos, osso e veias. No último golpe, Sten arrancou fora a cabeça e a ergueu como um troféu. Depois, o bárbaro a encarou e gritou para ela. A cabeça não teve nenhuma reação, apenas seu maxilar quebrado se moveu. A falta de resposta enfureceu o bárbaro, que a lançou para longe. O corpo inerte de Valus inclinou para frente; da ferida, o sangue jorrou aos pés do bárbaro.

CAPÍTULO 26

A dor percorreu todo o corpo do garoto como um trovão. Tinha absoluta certeza de que havia quebrado o ombro e possivelmente o braço na queda. Deslizou pelo chão gelado, amortecido pela dor, e colidiu finalmente em uma das paredes. Sua consciência inebriou-se, ouviu Valus berrar e Sten responder, sentiu afundar-se no gelo, como se tivesse mergulhado. Quando ficou totalmente submerso, a dor sumiu e seu corpo voltou a responder. Rudrik se levantou repentinamente, completamente seco e em solo firme, a tempo de ver Sten erguer a cabeça de Valus e a lançar. O bárbaro ficou parado, contemplando o vazio com a respiração ofegante. O corpo de Valus inclinou para frente, o gelo o segurou, e do ferimento o sangue jorrou aos pés do bárbaro. O garoto andou até o seu lado e perguntou:

— Acabou?

Sten o olhou e, por um segundo, parecia não o reconhecer, pois Rudrik sentiu raiva no seu olhar vazio. Mas o bárbaro fechou os olhos por um segundo, suspirou e então disse:

— Acabou. Como você está?

Rudrik olhou para si mesmo, para o seu braço, depois para o local onde havia caído. Lembrava-se da dor, mas era apenas isso, uma lembrança.

— É, parece que... estou bem.

— Ótimo — respondeu o bárbaro.

Sten voltou a ficar em silêncio. Sentia a morte em volta de si, não somente porque o corpo de Valus jazia na sua frente, mas sentia a destruição. A sensação que surgiu no momento em que esmagou os corruptores permanecia, a sensação de quando suas vidas se esvaíram deles. Sentiu a morte de cada um deles, principalmente de Valus. Era como se um fluxo estivesse passando por ele. A dor

percorria seu corpo, proveniente do cansaço e do ferimento, mas se sentia bem, se sentia vivo, como se tudo aquilo fizesse um sentido único, estivesse alinhado com sua própria essência.

— Isso fez diferença? — perguntou o garoto.

Rudrik olhou para Sten e notou sua expressão confusa, então explicou:

— Quando matamos o Draco, disse que aquilo não fazia a menor diferença. Dessa vez fez?

Sten pensou em Ruarán. O ancião tinha sido justo na sua observação. Ali, no inverno, se reuniria um exército suficientemente grande para tomar todo o norte, e, mesmo que Niflheim, a capital dos escandinavos, pudesse suportar o ataque, ali se tornaria uma rota recorrente para os corruptores. Eles não tinham apenas impedido a invasão, tinham soterrado toda a mina. Sten buscou um contra-argumento, mas não encontrou nenhum.

— Sim — disse o bárbaro. — Com certeza fez.

Rudrik não disse nada, apenas sorriu. Ao olhar para ele, Sten lembrou-se da coragem do garoto e disse:

— Você foi bem, Rudrik. Seu pai ficaria orgulhoso.

O sorriso do garoto desapareceu. Ele ficou sem jeito e disse a primeira coisa que veio à mente.

— Obrigado. O seu também ficaria.

No momento em que disse, sentiu-se um tolo, mas, quando Sten riu da resposta, Rudrik não pôde conter o riso, já que a risada do bárbaro era estridente e parecia que se prolongaria. Mas o bárbaro colocou a mão no abdômen por conta da dor do ato de rir e se controlou.

— Também acho que ele ficaria orgulhoso — disse Sten, virando para o garoto e devolvendo seu machado. — Vamos embora.

— Não seria melhor descansar? Você está muito ferido.

— Quero voltar para a superfície. Vamos primeiro pegar nossas coisas, depois partimos.

O bárbaro seguiu pelo túnel, passando pela barreira de gelo, mas, ao notar que estava escuro, voltou e pediu para que o garoto acendesse uma tocha e o seguisse até onde estavam os odres. Estavam espalhados pelo tonel. Enquanto os pegava, Sten não pôde deixar de pensar que tudo ocorreu por conta daqueles odres de água. Antes de retornar, Sten olhou para o rio que não fluía mais, largou novamente os odres no chão, pediu para Rudrik esperar e mergulhou no rio. No fundo, encontrou seu machado, exatamente onde acreditava estar. No momento em que havia entrado em contato com o cristal, o sentiu em contato com a terra; era como ter um objeto em contato com a sua pele. Rudrik o viu emergir e perguntou novamente se não era melhor descansar, mas Sten queria voltar para a superfície. A caminhada foi longa e penosa. No meio do caminho, a dor voltou, como se indicasse que o perigo tinha passado. Mesmo assim, o bárbaro não desacelerou e, quando chegou à saída, teve que lidar com o fato de que era noite. Mesmo assim, sentiu-se grato, pois sentia que a escuridão noturna era melhor do que a do subterrâneo, e aproveitou a luz da tocha para voltar até o abrigo de terra que tinham feito antes de entrar na mina.

Dentro do abrigo, Rudrik vasculhou seus próprios pertences deixados ali e retirou deles outro pote com o conteúdo verde. Sten o recebeu e tratou seus ferimentos, menos os das costas; esse, Rudrik teve que ajudá-lo. Enquanto Rudrik passava o medicamento, o bárbaro perguntou, pois sua mente retornou para o amanhã.

— Temos o suficiente para voltar à cidade?

— De água, sim. Acho que vai ser suficiente, se viajarmos à noite... — Rudrik parou de falar ao lembrar que a noite afetava o espectro.

— Não tem problema.

Sten não disse mais, pois sentia a luz brilhar dentro de si. O contato com o cristal primordial tinha o recuperado totalmente; o único incômodo eram os ferimentos. Assim que Rudrik terminou de passar o medicamento, o bárbaro pôs-se a afiar o machado. O processo o irritou, pois a lâmina tinha sido lascada durante o combate. Era uma lasca mínima, mas já era suficiente para causar uma irritação. Enquanto isso, Rudrik preparava algo para eles comerem. Vendo que o garoto

estava ocupado, o bárbaro pegou o machado dele e o afiou. Após a refeição, Sten pegou seus pertences, vestiu uma nova camiseta e pediu para que Rudrik o guiasse. O garoto não questionou. Permaneceram caminhando por toda a noite, chegaram ao areal no amanhecer, armaram acampamento e finalmente descansaram. Sten dormiu tranquilamente, nenhuma memória apareceu em seu sonho. Adormeceu com a sensação de serviço feito.

O retorno até a cidade foi tranquilo e cansativo. Como não tinham que rastrear, também foi mais rápido. Durante essa viagem, Rudrik fazia algumas perguntas sobre o mar, as outras regiões de Solares e sobre o que Sten viu em sua viagem. Sten o respondia de maneira simples e direta. Nenhuma das suas explicações era grandiosa ou detalhista; ele via tudo de uma forma objetiva, mas mesmo essas descrições eram fascinantes para o garoto que só conhecia areia e deserto. Nenhum deles comentava o que fariam após receber a recompensa; suas conversas sempre terminavam antes disso.

A água acabou no mesmo dia em que chegaram à cidade. Acabou no começo da tarde e ambos tiveram que andar acompanhados pela sede. Quando avistaram a cidade ainda no meio da noite, ela trouxe consigo a sensação de um oásis. O portão permanecia fechado. Ao se aproximarem, um dos guardas da amurada avistou Rudrik e gritou: "Abram o portão, é o prateado". O portão se abriu e os guardas mantiveram uma distância da dupla. Assim que entraram, Rudrik disse:

— Vamos passar essa noite na minha casa. Lá tem água.

Sten não respondeu, apenas continuou seguindo e observou a distância que os guardas mantiveram deles. O garoto seguiu pela rua principal, depois entrou em uma ramificação. Seguiram por alguns becos até que parou em uma casa simples de adobe, uma mistura de terra e água, com um teto de palha.

— É uma casa bem simples, mas é boa para mim — Rudrik abriu a porta e continuou: — Pode entrar.

Sten deu um passo para dentro. Era uma casa pequena, com poucos móveis, e a maioria dos utensílios e mobílias eram feitos de madeira e forrados com couro. Enquanto observava o ambiente, Sten ouviu algo se mover no cômodo seguinte. Instintivamente, sacou o machado. Um homem surgiu na passagem de um

cômodo para o outro; sua expressão era sonolenta, mas assim que viu o bárbaro, transformou-se em pânico. Ele desapareceu no cômodo e retornou com sua espada. Nesse meio-tempo, o bárbaro relaxou, pois era apenas um homem, e levou o machado ao seu suporte.

— Saiam da minha casa!!!

Gritou o homem com a espada em punho, e Rudrik retrucou:

— Essa casa é minha!!!

O homem finalmente viu Rudrik e relaxou, saiu da posição de guarda, mas não largou a espada.

— O Prateado! Achei que tivesse morrido!

— Não, apesar de quase ter acontecido. Mas o que está fazendo na minha casa?

— Darg me deu essa casa, já que não estava sendo usada.

Rudrik pareceu que iria dizer algo, mas tudo que saiu da sua boca foi um grunhido de raiva. Sten entendeu a situação totalmente antes mesmo do garoto formular sua indignação e perguntou ao homem:

— Onde você dormia antes?

— No quartel.

— Pegue suas coisas e vá para lá.

— Mas... Eu...

Sten apenas olhou para ele fixamente. Não era a expressão de raiva, era a expressão de alguém que passou por muita coisa e não estava disposto a negociar. O homem teve certeza de que o bárbaro à sua frente estava mais disposto a lutar com ele do que ouvi-lo. Então embainhou sua espada, pegou o resto de suas coisas e saiu. Mesmo quando o homem saiu, Rudrik permaneceu resmungando e, por fim, disse:

— Essa casa é do meu pai, pelo serviço dele. Como aquele gordo pode dar a outra pessoa?

Sten ignorou a pergunta, porque para ele a resposta era óbvia: isso aconteceu porque o garoto não tinha nenhuma importância, assim como seu pai para o administrador. Sentou-se em uma cadeira e perguntou a Rudrik:

— Onde está a água?

Rudrik parou por breve período de reclamar, somente enquanto tirava a água do barril com uma concha e colocava em um copo. Mas assim que entregou a água a Sten, continuou a reclamar. Sten apenas o interrompeu para pedir mais água. Quando o garoto enfim ficou em silêncio, ele disse:

— Amanhã falarei com ele.

— É, amanhã...

Ambos ficaram em silêncio. Após beber, Rudrik fez outra refeição para eles com os próprios mantimentos. Após a refeição, Rudrik indicou a Sten onde ele poderia dormir. Havia duas camas no quarto que ele indicou; uma estava bagunçada, indicando que o homem a havia usado. Sten pensou por um instante qual delas pertenceria ao pai de Rudrik e, por fim, se deitou na que estava bagunçada. Rudrik se deitou na outra cama. Sten não adormeceu assim que se deitou; também ficou imaginando o que faria na manhã seguinte. Receberia a recompensa e depois teria que retornar para a Torre Negra, retornar para Ramon e Heitor, contar que um dos espectros estava enlouquecendo. Eles saberiam o que fazer com Ruarán. Além disso, Ramon poderia ensinar Rudrik, poderia ensinar como controlar seus poderes. Mas isso se ele aceitasse segui-lo. Se Rudrik aceitasse segui-lo, poderia torná-lo seu sucessor. "Meu tempo está acabando", pensou Sten. "Logo a loucura me alcançará. O garoto é corajoso, preciso convencê-lo." Mas então ele pensou na vida que levava, nos desafios que enfrentava. Os últimos dias foram uma amostra disso. Talvez o melhor para ele seria permanecer naquela vila. Sten continuou pensando o que seria melhor para Rudrik até que o esforço o adormeceu.

CAPÍTULO 27

Sten acordou com o barulho dos utensílios se chocando. Levantou repentinamente, mas antes de procurar seu machado, lembrou de onde estava. Então se acalmou, levantou-se e foi até a cozinha. Rudrik estava lá preparando a comida. Assim que o garoto notou o bárbaro, indicou para que ele se sentasse na mesa, que logo o serviria. Sten fez o que ele pediu. Sua mente não divagou enquanto esperava; ele ficou presente ali, observou a casa simples ao seu redor, a simplicidade do lar, até mesmo os utensílios sujos na pia. Era uma vida simples e acolhedora. Mesmo vazio, era um ambiente para crescer, um lar. Sten não poderia oferecer isso a ele. A comida, quando chegou, tinha um gosto cotidiano, cozida em um fogão a lenha, não em uma fogueira no meio do deserto. O vento não soprava ali; apenas era possível sentir o cheiro do tempero e o calor acolhedor do fogo do fogão. Sten não tinha o direito de tirar isso dele. Comeram em silêncio, e Sten pensou no pedido de Rudrik. Ele havia pedido para elogiá-lo para o administrador. Aquele era seu lar, sua vida estava ali. Quando o garoto limpou os utensílios e voltou à mesa, Sten tinha decidido cumprir esse acordo. O resto ficaria para depois.

— Vamos resolver isso.

Rudrik assentiu, e ambos se levantaram. Saíram para o beco, para a rua principal e, por fim, à casa senhorial. Sten foi diretamente a um dos guardas da casa e solicitou uma audiência, no seu modo rude. Como da última vez, o guarda o guiou pelos corredores. Ao chegar na sala onde ficava o administrador, o guarda fez sinal para que ele esperasse, entrou na sala e, em seguida, retornou para informá-lo que ele já tinha sido anunciado. Quando Sten entrou na sala, sentiu mais irritação que o costume. Tinha passado muito tempo no deserto; a poeira e a aridez tinham se tornado parte dele, e o contraste com aquele lugar luxuoso de clima ameno o irritou. Darg permanecia do outro lado da escrivaninha com o mesmo sorriso de sempre. Um guarda estava com ele fazendo sua guarda e portava uma Hefesto. Darg bateu palmas ao vê-los e disse:

— Finalmente o mercenário e o filho de Rendrik retornaram.

Sten se aproximou, tirando o dente do draco da bolsa. O guarda apontou para ele para evitar o seu avanço. Sten parou e olhou para o guarda, que manteve a mira virada para ele. Então o bárbaro olhou para o gordo à sua frente e disse:

— Aqui está o dente do draco, a prova de que o matamos.

O administrador fez dois gestos: um para que o guarda abaixasse a mira e outro para que Sten lhe entregasse o dente. Assim que Sten o entregou, ele deu uma boa olhada no dente, riu e disse:

— Então você e o garoto mataram o dragão, coisa que meu exército não pôde fazer?

Sten não respondeu, e Darg riu ainda mais alto, uma risada entrecortada. No meio da risada, olhou para o guarda, levantando uma das mãos para que o guarda o acompanhasse, que por educação deu uma breve risada. Depois, Darg jogou o dente para o lado e falou:

— Sério, o que vocês querem?

— A recompensa. Matamos o draco.

— Querem mesmo que eu acredite que fizeram isso?

Sten respirou fundo, fechou os punhos e disse novamente:

— Trouxemos a prova, quero a recompensa.

— Esse dente, não acredito.

Sten pensou em toda a sua jornada com Rudrik, em como foi difícil matar o draco; além disso, seu cavalo tinha morrido, tinha impedido a invasão, salvaram aquela cidade. Ele só queria a recompensa, nada mais. O ódio ferveu no seu ser. Sem se importar com a expressão de fúria à sua frente, o administrador disse:

— Melhor vocês saírem daqui.

Ao dizer isso, fez um gesto para o guarda mirar novamente em Sten e abriu um grande sorriso que se desfez completamente quando o punho de Sten acertou no

meio do seu rosto, entre o nariz e a boca. O nariz se quebrou, os lábios superiores rasgaram espirrando sangue na sala; o impacto foi tão severo que ele caiu para trás. O guarda disparou contra Sten. A Hefesto zuniu e a energia mágica em seu interior saiu na sua forma mais pura em um flash que atravessou a sala como um raio e atingiu-o no peito. O disparo queimou a camiseta do bárbaro e foi absorvido por sua pele; o bárbaro nem sentiu. Assim que o guarda abaixou a arma e puxou o ferrolho para recarregar, Sten sacou o machado e acertou com a lateral na sua cabeça. Não foi um golpe letal, mas o suficiente para desligá-lo. O guarda caiu para trás ainda segurando a arma arcana, como se tivesse travado no seu último pensamento consciente. Seus olhos ficaram abertos, mas não focavam em lugar nenhum; porém, ainda respirava. Sten pulou sobre a mesa e gritou para o administrador:

— Acredita agora?!

— Maldito bárbaro!

Sten ergueu o machado. Ser chamado de bárbaro o irritou profundamente; a ofensa o reduzia a um animal. Ele não era um monstro, apenas queria o que era dele por direito. Darg, vendo que o bárbaro iria matá-lo, ergueu as mãos e disse:

— Espere, espere, eu acredito.

Sten relaxou e abaixou o machado. Darg limpou parte do sangue com uma mão e manteve a outra levantada, como se aquilo pudesse protegê-lo de alguma forma.

— A recompensa, onde está? — perguntou Sten.

— Na gaveta, pegue.

Sten abriu a gaveta e tirou uma algibeira de lá. Retirou sua recompensa, jogou o resto para Darg e disse:

— Pague os cavaleiros quando eles vierem.

— Não dá, eles querem cristas, e a porra da mina foi invadida.

— Cuidamos disso também.

Sten se virou e Rudrik nem tinha se movido; estava alerta, empunhando o seu machado. Sten passou por ele, mas antes de chegar à porta, outro guarda

apareceu. Sten ainda segurava o machado em mãos e o guarda apontou sua arma para ele.

— Deixe-o ir.

Disse o administrador, apoiando-se na mesa. Ele viu o que Sten havia feito com o guarda anterior e sabia que aquele teria o mesmo resultado. Em resposta à ordem, o guarda abaixou a mira, mas antes que Sten se movesse, Darg perguntou:

— Espere, quem é você?

O bárbaro olhou para o gordo do outro lado da mesa, sangue escorrendo do seu nariz e lábios, e disse a ele:

— Sou Sten de Bracênia, sou um mercenário.

Darg não disse nada. Assim que limpou mais uma vez o sangue do rosto, Sten voltou a se mover, passou pelo guarda e continuou andando firmemente. Cruzou toda a casa senhorial até que chegou no meio da rua principal. Parou. Não tinha para onde ir. Olhou para trás e viu Rudrik, que o seguia. Então se lembrou do antigo dilema. Olhou para outra direção, como se pudesse se livrar daquela situação. Sabia que devia a ele, sabia que havia falhado, sabia que o que tinha feito havia prejudicado a reputação de Rudrik. Respirou profundamente. Pelo menos podia entregar a recompensa. Pegou parte da recompensa e entregou a ele.

— Aqui, parte da recompensa, como eu havia dito, mas... Me perdoe, não pude dizer nada sobre você, sobre o que fez para me ajudar. Foi de grande ajuda.

— É... Isso foi até engraçado, alguém tinha que mostrar para ele.

Rudrik segurou as moedas e as observou. Era como se sua expressão dissesse: „É apenas isso? Foi por isso que eu me arrisquei?" Era mais do que óbvio que aquilo não tinha importância para ele. Aquele gesto preocupou o bárbaro ainda mais. Então o garoto disse:

— Já que eu fui de grande ajuda, o senhor poderia me levar contigo?

Sten sorriu. Sua preocupação sobre o futuro tinha desaparecido e, com um sorriso no rosto, disse:

— Só se você deixar de me chamar de senhor.

Rudrik, em resposta, abaixou a cabeça ainda sorrindo, feliz, mas querendo pedir desculpas. Antes que ele dissesse algo, Sten continuou:

— Vá pegar suas coisas, nos encontramos no portão sul.

— Não vou demorar.

— Não se preocupe, eu te esperarei.

Rudrik caminhou rapidamente na direção do beco, como se aquela oferta fosse se esgotar a qualquer momento. Assim que o garoto desapareceu por entre os becos, Sten aproveitou o tempo para ir até um dos estábulos da cidade. A longa caminhada tinha feito com que desejasse um cavalo e concluiu que agora era o momento. Acabou descobrindo que cavalos eram raros naquela cidade e os dois que encontrou eram cor de creme, não eram negros. A cor realmente não importava, mas para sua mente metódica fazia toda a diferença. O homem que vendeu o cavalo garantiu que eram cavalos de guerra e disse que a cor era boa para o deserto. Sten o pagou, pois não tinha opção: era isso ou montar em draconetes. Com o resto do dinheiro, comprou mantimentos e ficou aguardando no portal. Enquanto esperava, pensou no prejuízo daquela missão. Tinha perdido Valus, seu cavalo; todo o dinheiro que recebeu foi usado para comprar os cavalos e mantimentos. Todo o esforço que teve foi apenas o suficiente para que recuperasse o que perdeu. Pensou que não era um mercenário e sim um voluntário, vivia no limite. E se questionou, novamente pensando: „O que eu ganhei?"

A dúvida permaneceu consigo até que Rudrik apareceu por entre a multidão. O garoto havia saído para pegar suas coisas, mas somente carregava mantimentos, principalmente água. Vendo-o se aproximar com um sorriso de alívio por não ter sido abandonado, a dúvida do bárbaro desapareceu. E lembrou-se da pergunta que Rudrik havia feito: "O que fizemos fez diferença?" Percebeu que aquela era a pergunta.

— Cavalos? — perguntou o garoto se aproximando. — Não, são muito bons

para o deserto.

— Não, vamos para o deserto, sabe montar? — disse Sten passando uma das rédeas para ele.

— São mais fáceis do que os Draconetes.

Rudrik colocou seus mantimentos no cavalo e subiu. Sten fez o mesmo no seu. Cruzaram o portão da cidade e seguiram para o sul com os cavalos andando lado a lado. O garoto olhou para o bárbaro, um olhar que Sten já tinha se habituado, era o olhar de uma pergunta:

— Pergunte — disse Sten.

— Para onde vamos?

— Para a torre negra.

O mesmo olhar permaneceu. Sten sorriu e se perguntou se ele também era assim com Heimdall. Lembrou-se de que, quando foi à torre, seu mestre não havia respondido nenhuma das suas perguntas. Ainda sorrindo, disse:

— Lá há um homem que pode te ensinar a controlar seus poderes.

— Achei que o senhor que me ensinaria.

— Não posso te ensinar tudo.

"Além disso, Ramon precisa saber sobre Ruarán", pensou o bárbaro, mas aquele fato guardou para si.

Se distanciaram um pouco mais e Rudrik parou seu cavalo, virou-se e observou a cidade ao longe. O sol brilhava alto no céu, atingindo em cheio a cidade de Brunvik. Sua muralha de pedra sedimentar refletia a luz. Àquela distância e sob aquela luz, a cidade parecia mais um artefato de mármore do que uma cidade. Rudrik não disse nada, apenas observou o lugar. Aquilo era a sua recompensa: um novo amanhecer naquela terra árida, era a sagrada paz de um dia comum.

— Esqueceu alguma coisa? — perguntou o bárbaro.

— Não, só queria olhar uma última vez.

Sten não olhou para a cidade, mas para a expressão do garoto. Havia nostalgia no seu olhar, e a dúvida de levá-lo consigo retornou, por isso perguntou:

— Por que decidiu vir comigo, Rudrik?

— Quando meu pai morreu, achei que minha vida tinha acabado, que o máximo que podia fazer era me juntar aos cavaleiros e ajudar como pudesse — disse olhando para a cidade. Então olhou para Sten e continuou: — Mas quando o conheci, percebi que podia fazer mais. Eu acredito que podemos fazer mais juntos, como fizemos aqui.

O garoto voltou a olhar para a cidade. O bárbaro fez o mesmo, mas ao escutar o garoto pôde ver além da cidade: viu seu dever, viu o amanhecer de um novo dia. Esse era o legado e a recompensa deixados por aqueles que lutavam pela justiça, o legado dos cavaleiros solares e dos espectros. Sten pensou: "Como pude esquecer?", pois se lembrou de que sua vida, seu dever, era um sacrifício diário, mas esse sacrifício era o que permitia aos solares continuar, era ele que garantia um novo amanhecer. O bárbaro segurou mais forte a rédea, como se quisesse reter aquela memória. O cavalo, em resposta, relinchou. Ao olhar para o cavalo cor de creme sem nome, o bárbaro sussurrou seu novo nome: "Amanhecer", fixando nele, como seu mestre havia ensinado, uma lembrança que não queria esquecer.

Ambos permaneceram observando a cidade até que uma nuvem cobriu o sol, fazendo seu aspecto glorioso se desvanecer e seu brilho se tornar fosco. Na sombra da nuvem, Rudrik virou o cavalo para o sul e disse:

— Vamos, senhor?

Como das últimas vezes, o garoto abaixou a cabeça como um pedido de desculpas por ser formal, mas ao olhar para Sten encontrou uma expressão de serenidade, mostrando que a formalidade já não tinha importância.

— A partir de agora, me chame de Mestre — disse o bárbaro, mesmo percebendo que era ele quem havia aprendido com o garoto.

EPÍLOGO

Ruarán manteve-se em silêncio e na escuridão, mesmo depois da conexão com o Subterrâneo desaparecer. Quando mantinha o foco, podia sentir toda a escuridão: sentia em si próprio e nos outros seis espectros, todos enlouquecendo. A luz que carregavam se mantinha presente, mas com a sombra se entrelaçando em seu núcleo, se expandindo e se projetando em volta da sua luz, e a cada brilho mais sombras se projetavam. Também sentia o Oeste, os corruptores vagando famintos pela luz. Percebia os menores rastejando como formigas sob a terra, enquanto os maiores sorviam a luz e expandiam suas próprias sombras. Percebia também os dois monólitos ou, melhor, percebia a ferida na escuridão onde eles se encontravam: um vagando pelo Oeste com as Zindras, o outro em Alexandria. Mas sentia, acima de tudo, sua própria escuridão, sua companhia, sua loucura. Ela nunca o deixava. Mesmo na luz, permanecia consigo.

Continuou a monitorar Sten e, para sua surpresa, a luz dele retornou; a escuridão na mina desapareceu. Então, sua companhia, sua sombra, sussurrou em sua mente:

— Como eu disse... ele não cedeu. Devia ter feito o que planejei. Mas até isso, até o seu fracasso, faz parte do meu plano.

— Sten é um Bracênio — respondeu Ruarán. — Além disso, não sou sua marionete. Sua loucura não me afeta.

— Queremos a mesma coisa. Podemos fazer um acordo..., mas, para isso, você terá que matá-lo.

— Por que exatamente quer vê-lo morto?

— Sten possui uma natureza que não pode ser controlada, e essa crença é o que faz as mulheres do meu povo confiarem nele. Essa fé as conduz por esse caminho. Elas realmente acreditam que Sten pode me deter. Se continuarmos assim, terei que exterminá-las. Matá-lo é matar essa esperança.

— Se ele é capaz de resistir à sua loucura, eu também sou.

A voz riu dentro de seu crânio antes de responder:

— Agora estou enfraquecido. Não vejo o futuro completamente..., mas já vi todas as possibilidades. E ainda não o levei à loucura porque sei que você fará exatamente o que eu desejo. Acredita mesmo que é a sua Deusa quem guia o seu destino? Sou eu quem o controla. Cada passo, cada escolha, até este momento, foi decidido por mim. Agi através de todos os seus antecessores e, quando chegar a hora certa, também o descartarei.

Ruarán não respondeu, mas continuou sentindo a presença. Ela nunca se afastava. Sabia, porém, que a luz o incomodava; por isso, levantou-se de onde estava e saiu do cômodo escuro.

Marvin aguardava do lado de fora, esperando o ancião terminar o ritual. Assim que o viu, disse:

— Está tudo pronto.

Ruarán acenou e seguiu Marvin. Enquanto caminhava, a voz em sua mente falou com ironia:

— Não vai lhe contar que Sten recusou sua oferta? — Ela riu, e continuou: — Como eu disse, você sempre faz o que eu desejo.